



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

THOMAS HUDSON SILVA MEDRADO

**O VOO DO DRAGÃO:
FUTEBOL PROFISSIONAL, ELITES SERGIPANAS E A
ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA CONFIANÇA**

São Cristóvão
2020

THOMAS HUDSON SILVA MEDRADO

**O VOO DO DRAGÃO:
FUTEBOL PROFISSIONAL, ELITES SERGIPANAS E A
ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA CONFIANÇA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia como requisito final à obtenção do título de Mestre em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Rios Petrarca

SÃO CRISTÓVÃO
2020

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Medrado, Thomas Hudson Silva
M492v O voo do dragão : futebol profissional, elites sergipanas e a
Associação Desportiva Confiança / Thomas Hudson Silva Medrado
; orientadora Fernanda Rios Petrarca. – São Cristóvão, SE, 2020.
114 f. : il.

Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal
de Sergipe, 2020.

1. Sociologia. 2. Futebol - Sergipe. 3. Profissões - Aspectos
sociológicos. 4. Esportes - Aspectos sociológicos. 5. Elites (Ciências
sociais). I. Associação Desportiva Confiança. II. Petrarca, Fernanda
Rios, orient. III. Título.

CDU 316.334.27:796.332(813.7)

THOMAS HUDSON SILVA MEDRADO

**O VOO DO DRAGÃO:
FUTEBOL PROFISSIONAL, ELITES SERGIPANAS E A
ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA CONFIANÇA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

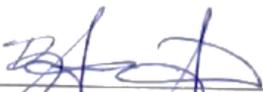
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Rios Petrarca

Data de aprovação: 28 de maio de 2020.

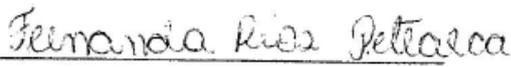
Banca Examinadora:


PROF. DR. IVAN FONTES BARBOSA
DCS - DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (SOCIOLOGIA)
UFSE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
ivanfontesbarbosa@gmail.com

Dr. Ivan Fontes Barbosa


Nome completo do(a) examinador(a)
Dr. Benedito Carlos Libório Caires


Dr. Luiz Carlos Rigo


Dr.^a Fernanda Rios Petrarca

São Cristóvão
2020

Dedicado a Carlos e Marineide, que sempre lutaram minhas batalhas mais difíceis, e se sacrificaram em nome de um futuro melhor para os seus, com muito amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família por todo apoio, de diversos tipos. O ininterrupto incentivo à educação, à leitura, à disciplina e à dedicação é o ponto inicial de toda essa trajetória. O trabalho não se realizaria sem esse ponto. Os pontos seguintes, de acolhimento, amor, cuidado e apoio também foram preenchidos por vocês, pais, irmãos, tios e avós.

Agradeço especialmente a amada Carla Corina, que com muita atenção e cuidado se manteve ao meu lado durante o processo que se mostrou surpreendentemente penoso, em vários aspectos. Só foi possível suportar, e só valeu a pena suportar, porque você esteve aqui. Nada disso faz sentido se não puder ser compartilhado com as pessoas que são importantes, e nesse caso em especial, isso representa tudo.

Agradeço aos diversos amigos que fiz em Aracaju. Não é fácil se estabelecer em uma cidade estranha, em meio a desconhecidos. E é impossível, se não fizer de alguns desses conhecidos amigos para toda a vida. Agradeço muito a Ailton pela amizade e por todo cuidado durante esses seis anos de Rosa Elze, e também por me poupar das piadinhas rubro-negras em tempos de JJ. Agradeço a Andrea e a professora Anamaria pelo carinho, hospitalidade e conselhos. Agradeço a Mirian e Bruener pela amizade, além da chance de compartilhar uma parceria. A Thiago, parceiro de reta final de pesquisa, com quem pude dividir dificuldades e insatisfações, além do preço psicológico cobrado nesse tipo de jornada.

Um agradecimento especial a Edmundo, amigo antes, durante e depois da pesquisa. Nossas conversas sempre tinham pernas e braços, e se permitiam pular os muros da universidade, e rir das formalidades acadêmicas. Essas conversas me ajudaram nas decisões sobre o rumo da pesquisa, e minhas pretensões intelectuais.

Aos amigos que estiveram longe fisicamente, mas sempre presentes nas discussões informais sobre futebol, Brasil e cultura: Augusto, Antônio Neto.

Agradeço ao professor Ivan, que me apoiou e, ainda, me encorajou a dedicar-me a um objeto de pesquisa que fugia ao padrão trabalhado até então. Agradeço por sempre me lembrar para que não falte “a coisas do historiador”, e nem a curiosidade necessária para qualquer trabalho científico.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Fernanda Rios Petrarca, duplamente: pela ousadia de aceitar orientar um trabalho “desviante” de suas pesquisas, e pela liberdade dada para que o trabalho se adentrasse a questionamentos próprios.

Agradeço ao Laboratório de Estudo do Poder e da Política da Universidade Federal de Sergipe, que possibilitou o desenvolvimento do trabalho, desdobramento de anos de aprendizado nas pesquisas realizadas pelo grupo. Assim também agradeço os colegas do LEPP pelos anos de parceria em pesquisas e conversas de corredores, que sempre colaboram com o andamento da pesquisa. Em especial, agradecimento a Jair e Fagner, pela proximidade com a pesquisa e pelos vários galhos quebrados.

Agradeço a CAPES que possibilitou os recursos necessários para minha manutenção em outro estado, além do custeio dos diversos gastos que uma pesquisa de mestrado demanda. Em tempos em que sombras da ignorância se anunciam, e onde se põe em dúvida a utilidade do financiamento da pesquisa e da ciência brasileira, esse trabalho ajuda a compor uma resposta a esses ataques ao investimento em educação.

Agradeço à Universidade Federal de Sergipe, juntamente com todos funcionários e funcionárias que permitem o funcionamento da mais importante instituição de ensino superior do estado. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe, assim como os funcionários, funcionárias, professoras e professores que ajudam a concretizar esse importante empreendimento intelectual.

Agradeço aos “invisíveis”, trabalhadores e trabalhadoras que levam nas costas o peso da desigualdade, e ainda assim ajudam a custear a ciência brasileira. Sem vocês, nossas pesquisas não teriam como existir, tampouco teríamos o porquê de realizá-las.

Mas ele, que tinha começado jogando pelo prazer de jogar, nas ruas de terra dos subúrbios, agora joga nos estádios pelo dever de trabalhar e tem a obrigação de ganhar ou ganhar.

(Eduardo Galeano)

LISTA DE SIGLAS E/OU ABREVIATURAS

ADC: Associação Desportiva Confiança

CBD: Confederação Brasileira de Desportos

CBF: Confederação Brasileira de Futebol Exemplo:

CNI: Confederação Nacional da Indústria

CONCACAF: Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football

DHBB: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro

FIFA: Fédération Internationale de Football Association

FSF: Federação Sergipana de Futebol

IHGSE: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

LDS: Liga Desportiva Sergipana

LSEA: Liga Sergipana de Esportes Atlético

UEFA: Union of European Football Associations

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1: Participação em % nos valores da exportação.....	p.76
Quadro 1: Indicadores de importantes nomes do futebol sergipano.....	p.79
Quadro 2: Colocação e pontuação da Associação Desportiva Confiança no Ranking anual da CBF.....	p.86
Quadro 3: Colocação e pontuação do Club Sportivo Sergipe no Ranking anual da CBF.....	p.86
Quadro 4: Títulos conquistados pelas categorias de base neste século.....	p.86
Quadro 5: Associação Desportiva Confiança.....	p.87
Quadro 6: Club Sportivo Sergipe.....	p.88
Quadro 7: Profissão dos pais e das mães dos entrevistados.....	p.91

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cadeia Pública – Praça 24 de Outubro (Atual Palácio Serigy, na Praça General Valadão). O local era utilizado para partidas amadoras de futebol.....	p.52
Figura 2: Primeiro time do Cotinguiba Sport Club.....	p.52
Figura 3: Nilton Tenorio de Araujo, jogador da equipe do Cotinguiba em 1916.....	p.54
Figura 4: Primeiro time do Sergipe, 1917.....	p.56
Figura 5: Fragmento da coluna do jornalista Fernando Porto.....	p.57
Figura 6: Notícia em revista de circulação nacional sobre a fundação da LDS.....	p.59
Figura 7: Fragmento do colunista “Ypê” sobre as duas ligas em Sergipe.....	p.65
Figura 8: Equipe feminina de vôlei da ADC.....	p.70
Figura 9: Delmar Teles de Souza, o terceiro em pé, da esquerda para direita.....	p.72
Figura 10: Delmar (primeiro em pé da direita para esquerda), no time do Sergipe, início da década de 60.....	p.73
Figura 11: Distribuição dos entrevistados por idade.....	p.89
Figura 12: Distribuição dos entrevistados, segundo a origem.....	p.90
Figura 13: Gramado do Estádio Lourival Baptista, antes do jogo Sergipe vs Confiança, pelo Campeonato Sergipano Sub-20 de 2019.....	p.92
Figura 14: Gramado do Estádio Proletário Sabino Ribeiro.....	p.92
Figura 15: Exigências mais frequentes feitas por treinadores dos entrevistados.....	p.95
Figura 16: Nova sala de fisioterapia da ADC, no Estádio Proletário Sabino Ribeiro.....	p.105
Figura 17: Nova academia da ADC, no Estádio Proletário Sabino Ribeiro.....	p.106

RESUMO

O presente trabalho investiga o processo de profissionalização do futebol sergipano à luz da sociologia das profissões. Busca demonstrar os fatores que constroem o campo profissional do futebol através de duas óticas: primeiramente, atenta-se para a relação entre Estado e esporte; em segundo lugar, utiliza o estudo de carreira. O trabalho tem como recorte temporal três momentos: o surgimento do futebol em Sergipe; a “legalização da profissionalização” em 1960, e a modernização a partir de 2010. Por isso, é dividido em três etapas. A primeira versa sobre o levantamento bibliográfico do horizonte teórico da pesquisa. O segundo constitui-se de pesquisa documental para investigação do período entre 1907-1960. A terceira etapa é a realização de entrevistas com jogadores da categoria sub-20 da Associação Desportiva Confiança. A pesquisa documental revela as relações entre o futebol sergipano e as elites agrárias do estado. Demonstra como os conflitos internos ao campo esportivo do futebol estavam associados às disputas das parentelas locais. Personagens fundamentais na construção do campo profissional do futebol em Sergipe estavam ligados aos conflitos políticos. As entrevistas demonstram como os códigos e sentidos produzidos dentro do campo esportivo também influenciam diretamente no seu processo de construção. A Associação Desportiva Confiança incorpora e reproduz os novos conceitos que definem um futebol moderno, considerando estrutura física do clube, métodos de treinamento, novos critérios de seleção de atletas, e incorporação de métodos administrativos. Os dados confirmam que o processo de construção do campo profissional futebolístico em Sergipe se dá de forma associada, sobretudo com: o Estado, a política local, e a esfera econômica. Apesar disso, essas influências externas ao campo não são suficientes para descrever seu processo de construção. A profissionalização depende também das regras e códigos internos ao campo, na medida que os indivíduos produzem constantemente os sentidos vinculados à ideia de “profissional”. Embora o fenômeno da modernização seja incipiente no estado, é possível demonstrar suas influências e impactos através da Associação Desportiva Confiança.

Palavras-chave: Sociologia das profissões; elites; sociologia do esporte; profissionalização do futebol.

ABSTRACT

The present work investigates the process of professionalization of Sergipe football in the light of the sociology of professions. It seeks to demonstrate the factors that build the professional field of football through two perspectives: first, attention to the relationship between state and sport; secondly, by the career study. The work has as a temporal frame based within three moments: the emergence of football in Sergipe, "professionalization" in 1960, and modernization starting in 2010. Therefore, it is divided into three stages. The first deals with the bibliographic review of the theoretical horizon of the research. The second consists of documentary research for analysis of the period between 1907 and 1960. The third stage is to conduct interviews with players in the under-20 category of the Associação Desportiva Confiança. The documentary review shows the relations between football and the state's agricultural elites in the state of Sergipe, revealing how internal conflicts in the sports field of football were associated with the disputes of influential local groups. Key figures in the construction of Sergipe's professional football participated in political conflicts at the same time. The interviews demonstrate how the codes and meanings produced within the sports field also directly influence their construction process. The Associação Desportiva Confiança incorporates and reproduces the new concepts that define a modern football, considering the physical structure of the club, training methods, new criteria for the selection of athletes, and incorporation of administrative methods. The research confirms that the construction of professional football in Sergipe takes place in an associated way, especially with: the state, local politics, and the economic sphere. Nevertheless, these external influences are not enough to describe its process. Professionalization also depends on the rules and codes internal to the field, as individuals consistently produce the meanings linked to the idea of "professional." Although the phenomenon of modernization is incipient in the Sergipe state, it is possible to demonstrate its influences and impacts through the Associação Desportiva Confiança.

Keywords: Sociology of Professions; elites; sociology of sport; professionalism of football.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
METODOLOGIA.....	16
1 TIMES EM CAMPO: A SOCIOLOGIA DO ESPORTE, A SOCIOLOGIA DAS PROFISSÕES E O FUTEBOL MODERNO	19
1.1 A sociologia do esporte	20
1.1.1 O futebol e a produção acadêmica no Brasil	28
1.2 A sociologia das profissões.....	34
1.3 O futebol moderno e a profissionalização dos clubes.....	42
2 APITO INICIAL - LAÇOS DE ELITE.....	46
2.1 Primeiros movimentos: o padrão de elite	46
2.2 A batalha das ligas: política e futebol vestem o mesmo uniforme	57
2.3 Formação ofensiva: o padrão proletário	66
2.4 A diferença não resultou em antagonismo	74
3 POR DENTRO DO DRAGÃO PROLETÁRIO.....	84
3.1 Critérios do recorte: associação desportiva confiança.....	85
3.2 Perfil da amostra	88
3.3 O diploma com prazo de validade.....	92
3.4 “O jogo é jogado”: as sutilezas do cotidiano	94
3.5 Diplomas para potencializar os não-diplomados.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS	110

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca investigar o processo de profissionalização do futebol em Sergipe a partir de dois pontos: as relações entre futebol e as elites do estado; e às novas exigências impostas pelo movimento de modernização do futebol. Especificamente, trata-se de analisar o processo de profissionalização do futebol e a dupla relação clube-Estado e clube-jogador, sobretudo com as mudanças advindas da regulamentação ocorrida no futebol sergipano em 1960, e da Lei Pelé (Lei 9.615 de 24 de março de 1998).

A regulamentação da profissão de jogador de futebol, no Brasil, tem seu marco em 1933 e se constituiu de lutas entre classes e grupos sociais. No futebol, a formação do atleta não está vinculada a nenhuma instituição de ensino superior ou escola integrante do sistema educacional regular. Os clubes são os responsáveis pela formação dos atletas, mesclando elementos de teoria e prática durante o treinamento (RODRIGUES, 2002). Além disso, a promoção do atleta para o time profissional, deixando de integrar as categorias de base, significa assinar um contrato profissional, rito de passagem. Tal promoção passa pelas decisões de profissionais que gerenciam o clube, como gerentes de futebol e coordenadores de categorias de base, além dos treinadores das equipes profissionais. Ressalta-se, portanto, que as capacidades técnicas e táticas de jogo são importantes na formação dos atletas. Mas a definição de quais capacidades são valorizadas em detrimento de outras, passa por aqueles que ocupam cargos de destaque dentro dos clubes.

A lei instituída em 1976 vinculava o atleta ao clube através do “passe”. A agremiação arcava com as despesas e era responsável pelo jogador. Significou mudanças nas relações entre clube e jogador. Ainda que tardiamente, decretou benefícios trabalhistas aos jogadores, como férias, obrigatoriedade de assinatura da Carteira de Trabalho e etc. Entretanto, essa vinculação era constantemente apontada como uma forma de controle excessivo do clube sobre o atleta, vinculando ambos, mesmo depois do término do contrato, sendo os clubes livres para decidirem sobre a negociação (ou não) dos jogadores.

A Lei nº 8.672, promulgada em 06 de julho de 1993, reflete mudanças para a prática profissional. Rodrigues (2003) discorre sobre a importância da Lei Zico, e a classifica como marco na mudança da relação Estado e desporto. Em meio a um contexto econômico de mudança de discurso do Estado no Brasil, abandonando-se o nacional-desenvolvimentismo e adotando-se práticas neoliberais: privatizações de empresas estatais, abertura do mercado interno para investimentos estrangeiros, crença nas potencialidades do mercado (RODRIGUES, 2007).

Nesse contexto, a Lei Zico determina importante redução da interferência do Estado nas atividades dos clubes e entidades esportivas, incentiva uma melhor oferta no “produto” futebol para o consumidor (torcedor), assim como incentiva a participação dos investimentos de empresas nos clubes. Decorre daí a crescente necessidade da profissionalização administrativa dos clubes, mediante novos contratos de patrocínio e a abertura do mercado de marketing esportivo.

Mas a extinção do “passe” só é decretada pela lei Pelé, em 1998, que discorre também sobre a restauração do controle do Estado sobre as corporações esportivas, significando menor autonomia na criação de ligas, clubes e entidades representativas. Propõe ainda a obrigatoriedade da transformação dos clubes em empresas, com ações voltadas para o mercado com o intuito de obtenção de lucro.

A questão que se coloca nesse trabalho é: como essas alterações na legislação esportiva – e conseqüentemente nas relações Estado-clube e clube-jogador – afetaram a prática esportiva do futebol em Sergipe? Quais seus efeitos no processo de profissionalização, nas regras de seleção e de treinamento de jogadores? De que forma impactam na composição administrativa do clube?

No campo teórico, o trabalho procura demonstrar duas dimensões do processo de profissionalização: a primeira dimensão corresponde ao envolvimento do esporte com as elites locais, e como as disputas políticas de grupos dominantes refletem em mudanças significativas na construção do campo esportivo. A segunda dimensão trata de um aspecto mais sutil, no qual demonstra como o cotidiano, os códigos e as experiências pessoais dos atores envolvidos impactam nessa construção. Essas possibilidades se enquadram, na sociologia, com o estudo dos grupos profissionais e das elites, e com os estudos interacionista sobre a ideia de carreira, cujo expoente fundamental para o trabalho é a obra de Howard Becker.

Tomando como recorte a Associação Desportiva Confiança, o trabalho busca compreender os impactos que as referidas mudanças no âmbito legislativo, econômico e político tiveram na organização administrativa dos clubes, nas formas de recrutamento, treinamento e formação dos jogadores, além de constatar que o campo futebolístico é fruto dessas transformações.

METODOLOGIA

O trabalho consiste em três etapas, representadas pelos três capítulos. A primeira consiste em uma revisão teórica da sociologia das profissões e da sociologia do esporte, com o intuito de familiarização com o tema, além de buscar subsídios teóricos que norteiem a investigação. O trabalho propõe o estudo do futebol sergipano levando-se em consideração as contribuições dos clássicos da sociologia do esporte, principalmente o conceito de campo de Bourdieu. Além disso, assimila as contribuições de Nibert Elias e Eric Dunning sobre as relações que o futebol mantém com as classes dominantes, sendo utilizado como uma ferramenta de distinção de classe entre final do século XIX e início do século XX. Ainda, busca nas contribuições de Howard Becker os elementos para desenvolvimento do trabalho de campo, tendo em vista suas contribuições acerca dos estudos das carreiras.

Na segunda etapa, propõe-se uma construção histórica do futebol sergipano, levando-se em consideração alguns momentos críticos que, de alguma forma, significaram mudanças importantes no campo: surgimento do esporte no estado; criação dos primeiros clubes; criação das entidades organizadoras do futebol, surgimento dos “clubes proletários”; e finalmente a “profissionalização” em 1960. Essas etapas são investigadas identificando-se os principais agentes envolvidos. Feita a identificação, procede-se com análise da biografia desses agentes. As biografias, até aqui, mostraram um padrão no que diz respeito à recursos acumulados nas esferas políticas, sociais e econômicas.

Para essas etapas, diversas fontes foram consultadas. O livro “A história do Futebol Sergipano”, de Viana Filho, é fruto de uma pesquisa de mais de 40 anos, e foi utilizado como fonte fundamental para nortear os principais eventos do futebol sergipano até a década de 60. Somam-se a essa obra os trabalhos que fazem um resgate histórico do futebol sergipano e das principais indústrias a eles ligados. Além disso, está sendo analisada a mídia impressa, desde 1907 até 1960. Os periódicos sergipanos estão disponíveis no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Outros periódicos, como a revista Vida Sportiva, foi consultada no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A edição nº 24 de 1918 da Vida Sportiva não consta no acervo da Hemeroteca Digital, mas foi acessada (e gentilmente disponibilizada) graças à digitalização feita por Davi Tenório, quando a consultou no acervo do Instituto Histórico do Rio de Janeiro. Consta como parte do trabalho as buscas nos acervos do Cotinguiba, Sergipe e Confiança, efetuadas apesar da escassez de documentos. Alguns registros e fatos que interessam à pesquisa, ainda sim, puderam ser acessados.

Ainda sobre a segunda etapa, utilizou-se da análise das biografias dos principais nomes ligados aos eventos destacados, consultadas no Dicionário Biobibliográfico Sergipano, de Armindo Guaraná; no Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro (DHBB), da FGV-CPDOC; no Dicionário Biográfico dos Desembargadores do Poder Judiciário de Sergipe (1892-2008), disponível no Memorial do Poder Judiciário; buscas na Revista da Academia Sergipana de Letras; e nas biografias disponíveis na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, como foi o caso da biografia do Almirante Aminthas José Jorge. Sobre os grupos políticos dominantes em Sergipe durante o início do século XX, foram consultados trabalhos desenvolvidos anteriormente pelo Laboratório de Estudo da Política e do Poder (LEPP), além das obras de Ibarê Dantas e Maria Thetis Nunes sobre a história de Sergipe.

A terceira etapa se caracteriza pela busca das informações referentes à formação dos atletas e suas concepções sobre futebol, expectativa profissional, assim como informações referentes à atuação e importância da escolinha de futebol/base para os clubes. Uma inserção no campo precedeu a formulação do roteiro de entrevistas. Essa inserção foi possibilitada pela aproximação com o segurança do clube e a secretária. Isso permitiu adentrar inicialmente os espaços de treinamento. A aproximação com os treinadores foi facilitada no decorrer da pesquisa, depois que eles desenvolveram certa confiança. A partir daí, foi possível realizar observação direta em treinamentos, jogos, concentração, brincadeiras e deslocamento do time sub-20.

Foram realizadas dezoito entrevistas com atletas das categorias sub-20, denominados no texto de E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12, E13, E14, E15, E16, E17, E18. As entrevistas com os jogadores buscavam acessar suas trajetórias no futebol e suas experiências de aprendizagem dentro e fora de campo. Além disso, três entrevistas com gestores do clube (G1, G2 e G3), e com dois treinadores (T1 e T2). Para esses, as entrevistas buscaram por indicadores de parâmetros levados em consideração para a avaliação e promoção de atletas. Outro grupo ao qual se dirigiu entrevistas é composto por ex-atletas que tenham atuado entre a década de 60 e 90. As entrevistas buscam dados referentes à formação, concepções profissionais, estrutura dos clubes no referido período, e relações trabalhistas. Pretende-se buscar esses dados por meio de entrevistas, em duas etapas. Na primeira etapa, foram realizadas entrevistas informais com atletas do juvenil e do profissional do Club Sportivo Sergipe, e ex-atletas da Associação Desportiva Confiança. O uso desse tipo de entrevista teve sua importância comentada por Mann (1970). O pesquisador pode utilizar-se dessa técnica em investigações exploratórias ao campo, abrindo mão da padronização e do controle em nome de maior riqueza de informações que darão uma visão panorâmica do campo. As vantagens desse tipo de

abordagem dizem respeito a maior facilidade em sua realização, mediante a informalidade do momento da entrevista, e a situação de maior conforto que tende a gerar.

Os critérios para escolha dos ex-atletas foram: a) ter atuado como jogador em um período que antecedeu o estabelecimento da Lei Pelé; b) possuir experiência nos mais destacados clubes do estado; c) finalmente, ter presenciado a hipotética mudança no futebol que ocorre ao final dos anos 90. Para os jogadores entrevistados nessa primeira etapa, buscou-se por atletas do estado de Sergipe que tenham experimentado as metodologias de treinamento e relações clube-jogador típicas do recorte escolhido. Os critérios buscaram um panorama das relações e vínculos entre clubes e jogador, além de informações sobre as formas de treinamento, verificando a possibilidade de identificação de contrastes.

Tendo em vista as informações sobre as categorias utilizadas pelos atores¹ e uma maior compreensão primária, foi possível a formulação de um roteiro de entrevistas com o intuito de coletar as informações necessárias ao desenvolvimento do projeto. A importância do roteiro foi também discutida por Mann (1970) que reitera a possibilidade de padronização que oferece, seja dos estímulos (conferindo homogeneidade nas questões apresentadas a todos os entrevistados) seja podendo conceber previamente o leque das reações. O roteiro é resultado de árduo trabalho, e auxilia, por exemplo: ao padronizar as perguntas, livra o pesquisador da obrigação de ter que lembrar de todas, sequencialmente, em cada entrevista. Além disso, podendo prever boa parte das reações, acelera a análise e tabulação dos dados para apresentação estatística.

A análise de conteúdo foi utilizada no trabalho para os as concepções sobre aprendizagem de futebol e sobre as expectativas profissionais. Como demonstra Bauer (2002), a análise de conteúdo possibilita construir índices, que relacionam um fenômeno ao outro. Aqui, trata-se da busca de indícios que relacionem a ideia de futebol dos atores com as mudanças provocadas pela evolução da legislação esportiva.

¹ As ideias de “profissional”, concepções sobre treinamento, por exemplo.

1 TIMES EM CAMPO: A SOCIOLOGIA DO ESPORTE, A SOCIOLOGIA DAS PROFISSÕES E O FUTEBOL MODERNO

O esporte na sociedade moderna se constitui como legítimo objeto de estudo sociológico. Na década de 1970 se encontram os primeiros autores a sistematizarem a produção teórica sobre o tema, tendo em Guttman, Huizinga e Elias e Dunning (1992) seus principais expoentes.

Antes de explorar algumas das teorias que norteiam esse trabalho, cabe aqui mencionar uma diferenciação dos conceitos de “brincadeira”, “jogo” e “esporte”. Embora esses termos sejam comumente confundidos no cotidiano, na produção teórica eles aparecem como distintos. Por exemplo, a diferenciação sintetizada por Helal (2005) pressupõe determinadas características.

Por *brincadeira*, o autor define a brincadeira como atividade que proporciona prazer, livre de regras e de organização burocrática. Consiste em uma atividade puramente espontânea, cujo objetivo é a busca de prazer e diversão. O próprio praticante define a duração, as formas de se fazer e momento. No que se refere a *jogo*, é definida como atividade com regras mais ou menos fixas, que proporcionam prazer e diversão para os praticantes. Helal (1990) usa a presença de regras para diferenciar o jogo da brincadeira.

É importante notar que, ainda que essas regras possam variar conforme o local onde se pratica o jogo, elas existem previamente aos jogadores. Assim, em relação à brincadeira, o jogo apresenta uma ordem estruturada possibilitada pelas regras, o que significa, segundo o autor, perda da espontaneidade da brincadeira. O autor divide o jogo em dois tipos: competitivos e não competitivos. A introdução do elemento da competição aproxima o jogo do esporte.

O *esporte* mantém elementos do jogo. Na verdade, segundo o autor, todo esporte é um jogo, somado a outros elementos. Um desses elementos foi mencionado anteriormente: a competição. Jogos voltados para a busca de resultados que serão comparados com resultados de outra equipe ou jogador, com o intuito de estabelecer um vencedor.

Mas a competição não é o suficiente. Uma partida de futebol entre amigos no final de semana, ainda é um jogo, mesmo que haja um vencedor e um perdedor. Por isso, a Sociologia do Esporte utiliza outro elemento de diferenciação: uma estrutura organizacional e burocrática mais ampla. Tal estrutura não é formada pelos atores ou pelos espectadores. Ela é exterior a eles, e age de forma independente de seus interesses pessoais para com o jogo.

Um outro importante elemento de diferenciação é a disputa física. Segundo o autor, considera-se esporte apenas os jogos altamente organizados burocraticamente, onde estão presentes a disputa física.

Essa diferenciação servirá no trabalho como horizontes, mas sobretudo o intuito é diferenciar o esporte de atividades lúdicas. Não se trata aqui de adotar fixamente esses conceitos, mas partir deles para pensar o esporte como algo mais que um jogo. Como se verá nesse capítulo, a sociologia tratou o esporte como um fenômeno social da sociedade moderna, que não deva ser confundido com as práticas de lazer individuais.

Além disso, essa tipificação pode representar limites em atividades consideradas esportivas, mas que não contam com disputas físicas. Como é o caso de modalidades como xadrez, dança e as novas modalidades de *eSports* (competições envolvendo jogos eletrônicos). Além disso, como será exposto, tal diferenciação será criticada pela produção nacional, sobretudo ligada à antropologia.

1.1 A sociologia do esporte

A função que o esporte desempenha nas sociedades e a mudança a que foi submetido seu papel é tema de trabalho de alguns autores, entre eles Elias e Dunning (1992). A sociedade industrializada e suas novas concepções de relação de trabalho vão modificar as regras e concepções internas das práticas dos jogos ao “esportizá-los”, assim como de seu papel dentro do contexto social geral.

A oposição entre a prática amadora e a prática “profissional” enquanto reflexo da luta entre grupos e classes sociais dentro do futebol, é tema recorrente. Chama atenção o caso do futebol carioca, quando das duas primeiras décadas do século XX, as competições futebolísticas envolviam a participação dos times formados pelos jovens advindos das elites da cidade. Entretanto, a ascensão do Clube de Regatas Vasco da Gama para a primeira divisão do campeonato carioca e a conquista do título estadual de 1923 representaram mudanças. O Vasco entrava em campo com time composto por jogadores de origem social dos baixos estratos da sociedade, negros, brancos, que treinavam em campos de terra batida. A saída encontrada para os grandes clubes da elite (America Football Club, Botafogo Football Club, Club de Regatas do Flamengo e Fluminense Football Club) foi importante para a análise da relação amadores e profissionais: “os grandes clubes, dos brancos e ricos, ignoraram o título do Vasco, deixaram a Liga Metropolitana e criaram a Associação Metropolitana de Esporte Amador (AMEA)” (FIGUEREDO, 2017, p. 63).

É marcante a tendência, que se verificou até a década de 60, de tratar essa relação entre amadores e profissionais como o processo histórico que levou os jogos a se tornarem esportes. Esse processo é relacionado, criticamente, com as transformações pelas quais as sociedades europeias passaram entre o século XIII e século XIX.

Segundo Bratch (2005), o esporte tomou de assalto a hegemonia da cultura corporal do movimento. Possui caráter competitivo e dispõe, atualmente, de larga legitimidade social. A origem do esporte moderno encontra-se nos jogos populares ingleses do século XIII, mas seus usos, segundo o autor, estavam ligados até então à situações ritualísticas religiosas, de colheitas e festividades.

Mas, em meio a um contexto de urbanização e industrialização, esses jogos passaram a ser impraticáveis. E é justamente nas escolas inglesas que esses jogos ganham lugar nos métodos pedagógicos. Assim como o futebol, é dentro de escolas e universidades que os jogos passam a contar com um sistema fixo de regras, caráter competitivo e organização burocrática. Guttmann (1979) foi um dos expoentes críticos desse processo. O autor elenca algumas características que diferenciam o esporte dos jogos tal como se praticavam na Inglaterra: competição; rendimento físico-técnico; recordes; racionalização científica do treinamento

Esses elementos são apontados por Guttmann, e segundo o autor, se relacionam-se com a sociedade capitalista emergente. Na verdade, o esporte ou a esportivização dos jogos ingleses é fruto do surgimento do capitalismo. Portanto, o esporte moderno incorpora princípios dessas sociedades.

Outro importante autor a relacionar o fenômeno esportivo com as mudanças da sociedade capitalista é Johan Huizinga. Lucena (1998), aborda a concepção de Huizinga sobre o jogo:

Huizinga, no primeiro capítulo do *homo Ludens* denominado 'Natureza e significado do jogo como fenômeno cultural', elenca várias características deste e passa a considerá-las nos capítulos posteriores como pontos de apoio à análise. As principais características apontadas são: 1) O jogo é uma função significativa; 2) É uma atitude voluntária; 3) É uma evasão da vida real; 4) O jogo cria ordem e é ordem (LUCENA, 1998- p.21).

Entretanto, sua crítica elaborada em *Homo Ludens*, colocará o esporte como um corruptor das características lúdicas do jogo. Essa colocação esboça a postura crítica que foi marcante nos autores que abordaram o tema no início do século XX.

Outras críticas surgem em referência à configuração dos "esportes burgueses", e são elencadas por Bratch (2005). Dentre os movimentos teóricos e esportivos mais significantes,

estão os da ginástica praticada em países como Alemanha, França e Bélgica. De caráter socialista, o movimento se posicionou contra os princípios de rendimento, recorde e competição inerentes ao esporte, e denunciou a prática como estratégia burguesa para disciplinamento e alienação da classe trabalhadora.

Para esse trabalho, as contribuições de Bratch (2005) são significativas, ao adotar sua concepção de esporte-espetáculo para analisar a profissionalização do jogador de futebol no Brasil. Segundo o próprio autor:

Utilizaremos a expressão ‘esporte-espetáculo’, complementando a expressão ‘alto rendimento’, porque entendemos que esta abriga a característica central desta manifestação hoje, ou melhor, sua tendência mais marcante, qual seja, a transformação do esporte em mercadoria veiculada pelos meios de comunicação de massa (Bratch, 2005, p. 17).

O autor também chama atenção para a relação existente entre o esporte e o Estado, que se deu de forma autoritária (desde o Governo Vargas em 1933 até a redemocratização), concedendo pouca autonomia às organizações esportivas. Segundo o autor, esse interesse do Estado no esporte se deve ao fato de que esse executa funções públicas das quais o Estado tem interesse: opção de lazer, atenuador de conflitos sociais, meio para promoção de saúde pública, etc.

Entretanto, o panorama se modifica nos anos 90, quando o Estado passa a conceder maior autonomia aparente às organizações esportivas. Aparente porque, ainda assim, os diversos clubes e associações precisam ser reconhecidas por órgão estatais e estarem vinculadas à federações também reconhecidas pelo poder do Estado. A esse tipo de relação, o autor chamará de neocorporativista.

Diante dessas questões, o trabalho presente pode contribuir com o esclarecimento empírico de como se deu, em Sergipe, a relação entre o futebol e Estado, a partir da análise das mudanças previstas pela sua regulamentação (fruto de transformações sociais de tipo político, econômico e cultural).

Buscou-se na obra de Elias e Dunning (1992) o tratamento do futebol não apenas da ótica da profissionalização, mas também do papel que desempenha na sociedade, como atividade de lazer. O lazer desempenha papel específico na sociedade moderna, portanto as atividades ligadas a esse ramo produzirão regras próprias de funcionamento (como no caso do futebol).

Na obra *A busca da excitação*, Elias e Dunning buscam desvendar a origem do lazer moderno e, como uma das possíveis formas desse lazer, o desporto. Suas contribuições são referência para o entendimento do lazer e do desporto como fenômenos sociais e objetos de pesquisa.

Para isso, afirmam que as pessoas buscam no lazer um tipo específico de excitação, que seja uma excitação agradável. Mas, nas sociedades industrializadas, em comparação com sociedades “menos desenvolvidas”, as situações rotineiras que geram excitação são menos frequentes. Segundo os autores, esse fato é resultado de um maior controle social das emoções:

Em comparação com as sociedades menos desenvolvidas, verifica-se que nas sociedades industriais mais avançadas são menos frequentes as situações críticas serias que originam comportamentos de excitação nos indivíduos. Outro aspecto do mesmo desenvolvimento é a progressiva capacidade das pessoas para agirem dessa maneira, em público. Nesta linha, segundo essas contradições, aumentou o controle social e o autodomínio da excitação exagerada (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 101).

Esse mecanismo age no domínio das crises da humanidade (fome, enchentes, colheitas perdidas, etc.), fazendo com que estejam sob maior controle, possibilitando uma menor variação das emoções e excitações por elas provocadas. São as crises mais longas, porém, mais amenas. Mas o controle age também no domínio individual, na contenção de emoções, excitações e paixões. “Para serem considerados normais, espera-se que os adultos vivendo nas nossas sociedades controlem, a tempo, a sua excitação. Em geral, aprenderam a não se expor demasiado” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 103). Essa transformação lenta dos costumes e hábitos a que passam as sociedades, em direção a um maior controle social das emoções, faz parte daquilo que os autores denominam de “processo civilizador”.

Tal controle é a chave para o entendimento dos autores sobre o lazer, pois esse vem a ser um meio, uma “interrupção moderada” daquele. Significa dizer que, diante das rotinas de restrições e controle, o lazer se apresenta como uma fuga. E segundo Rugiski e Pilatti (2005), por portar características específicas, como “grau de compulsão social”, “grau de pessoalidade” e “elementos de lazer” que o lazer é capaz de atender as necessidades impostas pelo controle. Para o presente estudo, atenta-se para a característica de “grau de pessoalidade”, que faz referência à possibilidade de o lazer gerar excitação agradável para si próprio ou para o grupo específico no qual o “eu” esteja incluído. Essa característica será importante para a argumentação sobre as mudanças no futebol que se seguirão.

Assim, o surgimento do desporto moderno está ligado à essa necessidade de libertação das emoções, à possibilidade de experimentar a excitação reprimida pela rotina, ainda que de maneira controlada. Tal como é conhecido hoje em dia, o termo esporte ou *sport* (e o tipo de atividade que referênciam) nasceram na Inglaterra, na segunda metade do século XIX, e se difundiu para outros países.

O futebol, sob a forma que se tornou conhecida em Inglaterra por *association football* ou através da abreviatura popular de *soccer*, foi um deles. Corridas de cavalos, luta, boxe, tênis, caça a raposa, remo, críquete e atletismo foram outras formas. Mas nenhuma foi adoptada e absorvida pelos outros países com tanta intensidade e, em muitos casos, com tanta rapidez, como se deles fizessem parte, como o futebol (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 187).

Esse tipo de passatempo, cuja tônica se dava para disputas amigáveis e locais, “[...] isto é, um desporto em que as regras se destinavam a garantir o prazer dos jogadores mais do que o dos espectadores” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 300), deu lugar a um tipo de atividade organizada e que promovia grandes encontros desportivos, voltados para um grande público. Contavam com atletas “profissionais”, que recebiam uma renda específica para desempenhar sua atividade e dispunham de tempo para treinamentos diários e disciplinados, e não apenas restritos ao “tempo livre” do lazer, tal como era praticado pelas elites inglesas no começo do século.

Tal mudança é nomeada por Elias como “um aumento da seriedade” como é encarado o jogo. Isso diz respeito tanto à profissionalização dos atores envolvidos no jogo, como a busca por resultados e desempenhos. A explicação para esse fato se dá, por três fatores: “a formação do Estado, a democratização funcional e a divulgação do desporto através do aumento da rede de interdependências”.

[...] a configuração social e o padrão de dependências intergrupo, característico de um Estado-nação, urbano e industrial, promovem obrigações que actuam no sentido oposto a realização prática do *ethos* amador, que tem o seu acento tônico no prazer enquanto objetivo principal do desporto” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 321).

As contribuições de Pierre Bourdieu para a sociologia não se restringem à sociologia do esporte. Na verdade, sua obra é identificada dentro das grandes narrativas. Significa dizer, que a partir de suas formulações teóricas, é possível estudar diferentes fenômenos sociais. Bourdieu desenvolveu, principalmente, contribuições para a sociologia da educação. Mas sua refinada

teoria permitiu-lhe partir para temáticas outras, como política, cultura, economia e esporte. Aqui, é importante abordar suas contribuições para o entendimento sociológico do fenômeno esportivo, a luz de conceitos importantes como o de *campos* e *habitus*, desenvolvido pelo autor. Souza e Marchi Júnior (2017) destacam a importância desses conceitos na obra de Bourdieu, sobretudo na sua tentativa de sistematizar elementos de antigos antagonismos dentro da sociologia, como estrutura e agência, indivíduo e sociedade, materialismo e idealismo, etc.

Na história das produções culturais, tal como a filosofia, a literatura, a ciência e etc., reside uma oposição, comum a todas elas, entre interpretações internas e externas (BOURDIEU, 2004). A oposição consiste no conflito entre formas de entender essas produções culturais: de um lado, a ideia de que a compreensão da ciência, por exemplo, pode ser conhecida pela leitura de seus textos (Bourdieu chama de fetichismo pelo texto); e por outro lado, a compreensão de que o entendimento dessas produções está diretamente ligadas ao contexto, ou o mundo social concreto e seus acontecimentos.

A noção de campo é usada então, por Bourdieu, como uma zona intermediária entre esses dois polos. Um campo é um “universo intermediário [...] no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência” (BOURDIEU, 2004).

Os campos são chamados de microcosmos relativamente autônomos. Microcosmos porque são constituídos de agentes, instituições e regras específicas, que os diferenciam dos demais. Sua autonomia reflete a possibilidade de o próprio campo ditar as regras de seu funcionamento. Mas essa autonomia é relativa, pois os campos estão sob pressão da influência de outros campos. Evidentemente, alguns campos possuem possibilidade maior de resistência ou tradução das pressões e demandas externas, traduzindo-as para demandas do próprio campo. Quanto maior a capacidade de realização dessa resignificação, mais autônomo um campo é. Embora cada campo tenha suas especificidades, uma característica é comum a todos: suas lutas internas pela manutenção ou mudança nas regras que conduzem o campo. A ideia de campo desenvolvida pelo autor objetiva servir como ferramenta metodológica para a análise de diferentes fenômenos sociais.

[...] espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinada por elas) (BOURDIEU, 1983a, p. 89).

Os campos, quaisquer que sejam, possuem elementos estruturais: regras, modos de ser, agir, formas de disputa, capitais valorizados e etc. Tais elementos são exteriores e independentes daqueles que ocupam os postos desse campo. Entretanto, essa estrutura pode ser modificada por aqueles que ocupam esses postos. A mudança num campo, por um agente (ou por um conjunto deles) depende do peso que tem esse agente no campo, sua posição e seus capitais.

Acrescenta ainda, que dentro de cada campo existem lutas entre o novo, que tenta garantir sua participação através de estratégias de subversão, e o dominante, que defende a manutenção da ordem e o monopólio, objetivando exterminar a concorrência (HIRATA, 2010, p. 4).

Para Bourdieu, as escolas inglesas onde estudavam os filhos da aristocracia e da alta burguesia, tiveram papel fundamental na burocratização do esporte. É nessas escolas que o significado do jogo é retraduzido, passando a imprimir, nas disputas desportivas, signos relacionados às classes dominantes. A ideia da prática ligada ao desinteresse, "a arte pela arte", a busca da vitória, mas respeitando-se as regras, por exemplo, são valores vinculados às classes dominantes no contexto da Inglaterra do fim do século XVIII.

Essa burocratização, realizada nas escolas inglesas, criava regras mais ou menos fixas para as práticas desportivas, e lhe traduzia o significado para um "movimento corporal artístico", sentido diferente daquele conferido aos jogos populares ingleses. São esses indícios de que o campo esportivo surge. Tais transformações, juntamente com o surgimento de entidades que defendam os interesses esportivos dos agentes, caracterizam elementos fundamentais para a autonomia de um campo.

O esporte, portanto, pertence a um campo, tal como a literatura, a economia, a educação e a arte. E como campo, apresenta uma autonomia relativa frente aos outros campos, embora, segundo Bourdieu, seus vínculos com a economia e a política são fundamentais para sua compreensão.

Outro importante conceito para a análise que Bourdieu faz do campo esportivo, refere-se à ideia de *habitus*. Como o conceito de campo, liga-se de forma coerente a teoria bourdiesiana, e sua tentativa de superação dos antagonismos mencionados anteriormente.

[...] em referência a determinado volume global de capital cultural e econômico – não são derivações subjetivas, acidentais, disformes e frutos das motivações conscientes dos atores, mas, em vez disso, se apresentam como

um sistema de disposições constituído e acionado consensualmente no sentido de classificar e distinguir, aproximar e distanciar objetivamente indivíduos e grupos no “espaço social de possíveis (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2017, p. 252).

Para os autores, a sociologia do esporte presente em Bourdieu procura restituir a historicidade do campo esportivo moderno, suas práticas, seu surgimento, e sua lógica, ligado a ideia de distinção.

Os elementos que compõem a criação do esporte moderno, para Bourdieu, são importantes, pois eles se mantêm mesmo para aqueles esporte considerados populares. Para o autor, existe um divórcio entre prática e consumo do esporte (BOURDIEU, 2003). Tal separação mascara esse elemento constitutivo do esporte moderno, que sejam: o *ethos* de classe presente no esporte.

O esporte, portanto, é um campo autônomo, composto de práticas e linguagens particulares. Mas sua historicidade está ligada à formação da sociedade moderna, e os agentes e instituições que o compõem e constroem são frutos da modernidade que levam em si o *habitus* das classes dominantes. E então que a ideia de distinção será fundamental para Bourdieu, ao defender que estão presentes no esporte a guerra simbólica entre as classes que marcam as disputas sociais da modernidade. É no esporte onde são reforçados os *habitus* das diferentes classes que participam do campo, seja de forma passiva, como consumidores dos produtos esportivos, seja como atores que constroem o campo (mediante conflito), definindo regras, capitais valorizados, entrada e normas de funcionamento.

Aqui, cabe ressaltar a preocupação de Bourdieu em diferenciar as lógicas do campo esportivo com as lógicas do campo econômico. Para o autor, a demanda de práticas esportivas e suas ofertas pode, num primeiro momento, serem idênticas as lógicas da economia. Mas, não se restringe a essas lógicas, pois não é composta por estratégias puramente racionais e calculadas para obtenção de lucro. Estão expressas nessas práticas uma economia e guerra simbólica, expressa pelos diferentes papéis que assumem as classes no campo, amplificando sua distinção.

Para as classes dominantes, serviu como veículo de afirmação de um *habitus* de classe, de uma moralidade típica das classes abastadas (que se evidencia na defesa do caráter amador do esporte). Além disso, impôs aos jovens de baixa classe a ideia de disciplina, de ordem, e a aceitação das regras do jogo (em metáfora ao “jogo” social). Foi usado, por tanto, como instrumento de distinção e arma política de dominação.

Além disso, o fenômeno esportivo expande o corpo de profissionais no campo, tornando hegemônico seu discurso sobre o esporte, a ponto de se referir a esse efeito como “desposseção” dos leigos, que passam a interagir com o esporte apenas como espectadores passivos. Meros consumidores.

Assim, ainda que a constatação da existência de um campo, com as lutas internas que o constituem ligadas ao *habitus* das classes dominantes, não explica o fenômeno esportivo. Para o autor, a possibilidade de o esporte preencher outras funções para além das idealizadas nas escolas inglesas, é um caminho explicativo. Destaca-se aqui a função política que o esporte desempenhou nas relações entre capital e trabalho, além de representar uma oportunidade financeira para as classes dominadas, através da profissionalização.

1.1.1 O futebol e a produção acadêmica no Brasil

Toledo (2001) indica que o interesse pelo estudo do corpo se dá no contexto de surgimento das grandes metrópoles e um maior condicionamento e adestramento dos movimentos do corpo. Para o autor, Mauss inicia dentro das ciências sociais a possibilidade de se estudar o corpo como uma "totalidade concreta", abrindo caminho para o estudo dos esportes de forma sistemática (TOLEDO, 2001).

A noção de jogo enquanto atividade lúdica, despreocupada, está presente nos estudos clássicos, tanto em Huizinga, quanto Bourdieu e Elias. Pode-se encontrar nesses autores a ideia de "desencantamento do jogo", decorrente do processo de industrialização e de um *ethos* burguês que toma de assalto os jogos, transformando-os em esportes.

Toledo (2001) argumenta que o elemento lúdico não desaparece. Tão pouco o elemento imprevisibilidade, sobretudo para os espectadores. O esporte continua mantendo essa dimensão, pois sua prática em diferentes contextos assume formas simbólicas variadas.

Embora possa ser encontrada uma diferença entre profissionais e amadores, no que diz respeito a expectativa do jogo, sentido a ele atribuído e comprometimento, tal como defendido por Bourdieu, é possível ver imbricações. Mesmo em clubes profissionais, a cisão entre profissionais e amadores não é, por vezes, tão clara e fixa.

A antropologia no Brasil parte de outra perspectiva, e durante o período dos estudos urbanos, os esportes passam a contar com estudos empíricos. Fugindo da sua rigidez com relação ao *ethos* ocidentalizado e específico da modernidade, vê-se a necessidade de uma nova abordagem, frente ao fato de o esporte passar a ter relações com dimensões sociais que, *a priori*, não possuem o *ethos* esportivo, tal qual se apresenta pelos estudos clássicos. A exemplo, pode-

se citar a prática esportiva entre comunidades indígenas, e o apelo à prática esportiva em instituições religiosas.

O modelo de Roberto DaMatta possibilita o rompimento com as dicotomias "jogo e esporte", "lúdico e competitivo". Avança a discursão nesse sentido, introduzindo a importância de um olhar sobre as especificidades da sociedade brasileira.

DaMatta (1982) busca relacionar o futebol e sociedade a partir da ideia de que o jogo representa um certo drama, refletindo característica e problemas da sociedade. Essa inter-relação é trabalhada pelo autor a partir de dualidades presentes em sua obra, como "casa e rua", público e privado, etc. Assim, é no futebol que se relacionam, ou "se juntam" essas dualidades expostas pelo autor, expressando claramente uma característica tipicamente brasileira.

Mas o trágico disto tudo, é que esse modelo anti-jogo e anti-universalista na cabeça de quase todos, de modo que ter o poder significa, no Brasil, isso mesmo: possuir os recursos que permitem o uso da força e, eventualmente, a prática do bem-estar social. Assim, não se joga no poder; mas toma-se posse do cargo. Vale dizer: do poder que emana do cargo (DAMATTA, 1982, p. 17).

DaMatta (1982) utiliza-se da ideia de dramatização para expor essa relação, tratando o jogo de futebol como palco onde se apresenta as contradições e conflitos da sociedade no qual está inserido:

Entendo, pois, que sem drama não há rito e que o traço distintivo do dramatizar é chamar atenção para relações, valores ou ideologias que, de outro modo, não poderiam estar devidamente isoladas das rotinas que tornam o conjunto da vida diária (ou da "vida real", conforme classifica nossa ideologia dominante). Estudando o futebol e o esporte como um drama, pretendo analisar essas atividades como modos privilegiados através dos quais a sociedade se deixa perceber ou "ler" por seus membros (DAMATTA, 1982, p.21).

O autor aborda da ideia comum de tratar o futebol como algo diferente da sociedade. Como se ele, o futebol, pertencesse a uma esfera autônoma e em oposição à sociedade. Oposição que se refere aos "objetivos" do jogo, que se diferenciam dos objetivos "sérios" da sociedade. Disso decorre, então, a expressão cotidiana "o futebol é o ópio do povo". Para DaMatta (1982), tal declaração reforça sua ideia de que o futebol (não apenas o jogo, mas tudo que o envolve) assume diferentes aspectos da sociedade a que está inserido. Em particular, no Brasil, a concepção existente de controle político por meio de um grupo "que não é povo", que lança mão do futebol como estratégia de dominação e distração das camadas dominadas. Além

disso, expressa também o fato de que o esporte não é tomado, mesmo dentro do meio acadêmico, como "atividade séria" e, portanto, menos importante para uma análise sociológica. Tal classificação, entre coisas sérias e não sérias, segundo o autor, deriva da ideologia dominante e sua concepção sobre o trabalho como atividade primordial da sociedade.

Enquanto uma atividade da sociedade, o esporte é a própria sociedade exprimindo-se por meio de uma certa perspectiva, regras, relações, objetos, gestos, ideologias, etc., permitindo, abrir assim, um espaço social determinado: o do espaço do esporte e do "jogo". É assim, suponho, que uma produtiva sociologia do esporte pode ser praticada, sem os riscos das reificações e projeções rotineiras, quando o esporte é tratado como um epifenômeno ou atividade dispensável e secundária e a sociedade como uma realidade individualizada e monolítica (DAMATTA, 1982, p. 24).

No Brasil, o esporte é concebido como um jogo, e se diz: "o jogo de futebol foi bom". Segundo o autor, essa terminologia identificando e especificando o evento esportivo como jogo, tal como é usada para se referir a jogos de aposta, revela mais uma vez a especificidade da sociedade expressa pelo esporte. Tem a ver com a própria concepção esportiva no Brasil, onde sorte tem papel central, enquanto em sociedades anglo-saxãs, a competitividade, força, treinamento e estratégia são os elementos centrais a serem considerados em atividades esportivas. Inclusive, há diferenciação terminológica entre jogos de aposta (gamble) e esporte (sport).

Frisa-se não apenas as relações ideológicas e valores demonstrados pelo futebol, mas também aquilo que o jogo esconde ao exaltar apenas determinados aspectos.

A título de exemplo, o autor aborda as ideias expressas pelo futebol de coletividade homogênea, respeito às regras fixas e universais, e a típica expressão brasileira da capacidade individual de "fuga" das regras por meio de "jogo de cintura", para alcançar objetivos pessoais. E, em contrapartida, omitindo a fragmentação das camadas sociais no país, expressas pela composição dos times, da organização dos clubes, e da disposição do público presente no espetáculo, separados por setores no estádio. Tais aspectos são encobertos, muitas vezes, pela ideia de que o futebol é um esporte democrático, unindo em iguais condições membros de diferentes classes e etnias.

O autor expõe a oposição entre "destino" e biografia, presente no futebol brasileiro como expressão de um valor social também brasileiro. No futebol, tal valor expressa-se, por exemplo, pela amarra que existia entre fracasso esportivo e destino de derrota do Brasil enquanto nação. Essa ideia se reforça, sempre que existe uma derrota futebolística da seleção brasileira,

atribuindo-se a culpa à falta de desenvolvimento econômico do país, ou da forma de individualista de pensar o jogo. Entretanto, essa ideia é interrompida com os títulos mundiais, nos quais a figura de Pelé surge como uma possibilidade de sucesso e virtudes individuais questionares o destino que foi oferecido. Esse herói, cujos feitos são lembrados como vitória da individualidade sobre o destino, assume novamente um outro valor incorporado à sociedade brasileira, qual seja a relação entre "raça", a raça negra, com desempenho físico notório. Tais dramatizações, no futebol, segundo o autor, perpassam toda a sociedade brasileira.

A paixão pelo jogo também pode ter suas raízes em outra característica social brasileira, expressa no futebol. Trata-se da influência que a torcida, unida, exerce na seleção. Sua vibração, apoio e incentivo provocam reações no time. Tal possibilidade reforça o sentimento de nação e de povo, posto que diminui as diferenças concretas na sociedade entre dominantes e dominados. No futebol, essas diferenças são atenuadas: "essa experiência de união e de totalização do país em algo concreto é uma poderosa dramatização que o futebol permite realizar e que por certo transcende os seus usos e abusos pelo governo" (DAMATTA, 1982, p. 34).

O esporte como veículo de valores "essenciais". Para o autor, futebol expressa o valor essencialmente moderno de igualdade. Cita Levis-Strauss, ao falar da necessidade da aceitação das partes envolvidas em primeiro, da igualdade no início do jogo e, segundo, da diferenciação entre perdedor e vitorioso ao final.

Tal valor permite que os interesses particulares do envolvidos com o jogo não interfiram no resultado, tal como ocorre na política, ao menos no que diz respeito à organização das regras que o regem.

O futebol, mantendo fixas essas regras e afastando essas influências e vontade individuais, veicula esse valor em "e um domínio onde se têm a garantia da continuidade e da permanência cultural e ideológica enquanto grupo inclusivo" (DAMATTA, 1982, p. 40).

Já Flores (1982) busca analisar as possíveis apropriações ideológicas que podem existir no futebol. Para isso divide essas possibilidades entre o que chama de "ideologia de permanência" e "ideologia da transformação social".

Podemos distinguir grupos mais ou menos articulados de enunciados ideológicos ligados ao futebol que corroboram representações vigentes na sociedade brasileira e que buscam interpretar e justificar a manutenção (a reprodução) dessa sociedade (DAMATTA, 1982, p. 46).

Dentre esses enunciados, estão, por exemplo a ideia de nivelamento e igualdade entre os jogadores, demonstrados pelo uniforme comum a todos os membros da mesma equipe. Além disso, compartilham objetivos em comum.

É aqui que se veicula um importante valor ligado a ideologia de permanência: a ideia do indivíduo que, apesar desse nivelamento, se destaca. Os craques, como são chamados, geralmente são de classes sociais menos abastadas, mas conseguem uma ascensão social através de virtudes como: perseverança, trabalho, obediência (aos técnicos, juízes e regras). Além disso, o "celeiro de craques" que é a classe operária forja valores imprescindíveis para essa ascensão: o jogador trabalhador.

Há também o apelo para o entendimento do futebol como "esporte das massas", tendendo a uma visão democrática do esporte. Tal aspecto foi ressaltado também por DaMatta na mesma obra, como dito anteriormente.

Outros aspectos do futebol remetem uma ideologia da permanência. A saber, tempo espaço. Ambos, no futebol, estão inseridos como coisas dadas, rígidas e imutáveis. O campo de jogo e suas marcações, a divisão das arquibancadas por setores, as regras às quais os jogadores devem se submeter, etc., refletem para dimensões fixadas e tidas como "naturais". Além disso, o aspecto cíclico das temporadas, repetindo-se em intervalos fixos de tempo, retomam o reforço das características presentes.

Outros temas que remetem a uma ideologia da permanência são o nacionalismo, paternalismo, poder e neutralidade. Para a autora, o futebol incorpora aspectos constitutivos do nacionalismo, sobretudo o sentimento de união e homogeneidade da população, causados pela euforia e pela torcida às seleções. Isso se reforça pelo fato de haver outras equipes, sob uma outra bandeira nacional, identificando-se facilmente como "o outro". Casos recentes podem ser mencionados, como por exemplo os conflitos entre Catalunha e o governo Espanhol, refletindo em uma rivalidade acirrada entre o Real Madrid, principal clube da capital espanhola, e o Barcelona F.C, principal clube da região com tendências separatistas. Além disso, os conflitos entre Argentina e Inglaterra se notabilizam por um certo sentimento de "vingança" por parte dos argentinos, em referência à Guerra das Malvinas.

Poder e neutralidade, ideias centrais na organização política moderna, estão presentes no futebol e viabilizam o jogo. É representado pelo "árbitro", ou "juiz de futebol". Tal figura possui grandes poderes dentro do jogo, sendo responsável por aplicar a regra fria e, também, cabe a ele decidir sobre os lances interpretativos, acarretando eventualmente em grandes desvantagens para um dos times em campo. Tal poder é aceito porque, todos os envolvidos, partem do pressuposto da neutralidade do árbitro. Ou seja, não há em suas decisões a expressão

da vontade particular de nenhum time envolvido na partida ou qualquer outro personagem interessado em seu resultado. Tal poder e neutralidade estão dados, e aqueles que pretendem participar do futebol aceitam tais condições.

Com relação à ideologia da transformação social, a autora destaca alguns aspectos presentes no jogo em si, como na organização da torcida.

Pode-se citar, por exemplo, a possibilidade de intervenção da torcida no futebol. Tal intervenção se dá no resultado de uma partida específica, onde a torcida demonstra apoio e "empurra" seu time. Mas também, na participação da torcida na construção de um clube, sua história, símbolos e estrutura. Tal participação é bem observado em "times de massa", cuja torcida é muito grande em todo território, e participa efetivamente da ornamentação do estádio e do "clima do jogo". Há casos em que a torcida participa da construção do clube, como no caso dos Torcedores do Vasco da Gama que trabalharam efetivamente na construção do Estádio de São Januário.

Existe, no futebol, a possibilidade da criação de signos e hinos por parte da torcida. Essa liberdade de criação de signos distintivos ajuda na própria construção da identidade de um clube (como o pó de arroz utilizado pela torcida do Fluminense). Essa mobilização da torcida, e o resultado efetivo dessa "união" na forma e nos signos do clube, apontam para uma possibilidade de transformação social, a partir da mobilização de massas "independentes".

Outros aspectos apontados pelo autor são: o ataque, cuja intenção dentro do jogo é produzir uma situação de desequilíbrio entre as equipes, mudando uma situação anterior; e os times pequenos, adotados por vários torcedores por incomodarem os grandes clubes, desafiando sua lógica de profissionalização de atletas em alto nível; e o drible, habilidade capaz de vencer esquemas defensivos rígidos cuja finalidade é a manutenção de uma situação (evitar o gol e manter o placar "zerado").

Ainda que esse rompimento proposto por DaMatta e trabalhos que similares seja importante para um avanço em relação às propostas clássicas, Toledo (2001) ressalta a necessidade de ver o processo para além do momento do jogo como ritual, mantendo-se o distanciamento da cisão radical entre jogo e esporte, vinculados por um processo histórico e inevitável. Portanto, propõe trabalhos que destaquem a dimensão cotidiana no futebol, no jogo, nos treinos e coberturas jornalísticas. Pois, apesar da competitividade e das estatísticas inerentes aos acontecimentos esportivos, tais fatos revertem-se em sagas, narrativas fantásticas que povoam a mente dos torcedores e ajudam a construir a identidade de times, seleções e torcidas, reforçando seu caráter lúdico.

1.2 A sociologia das profissões

Da mesma maneira, dentro das Ciências Sociais, o estudo das profissões se apresenta como legítimo objeto de estudos, desde as primeiras publicações que colocaram as profissões como centro do debate, com destaque para “The Professions”, de Carr-Saunders e Wilson (1933). Entretanto, essa temática suscitou divergências teóricas (cuja evolução depende do contexto no qual se inserem as Ciências Sociais em cada país) que se refletiram em diferentes termos para se referir ao objeto, como “grupos dirigentes”, “elites dirigentes”, “elites” e etc. (PETRARCA, 2007).

As teorias sobre a Sociologia das Profissões, desde as abordagens funcionalistas até as abordagens inspiradas nas contribuições de Pierre Bourdieu, têm dado demasiado esclarecimento sobre os usos do título escolar no processo de consolidação profissional de uma atividade, e nas formas como essas profissões agem e lutam (internamente e externamente) para estabelecer o controle sobre a atividade, desde a seleção de membros até a atuação no mercado. Mas o futebol é diferente. Estudar o processo de profissionalização desse ramo se constitui um desafio, por dois motivos: 1 - a formação dos atletas não se dá da mesma maneira que nos casos das profissões mais estudadas pelas teorias da profissão, como a Medicina, o Direito, ou mesmo os economistas, como é o caso de Dezalay e Garth (2000), pois não existe diploma; 2- apesar disso, para figuras importantes no processo de profissionalização dentro do futebol, como presidentes de clubes, diretores e gerentes, o diploma tem pouco significado para a ocupação do cargo, historicamente. Assim, estudar a profissionalização do futebol significa explorar o processo em duas frentes: a profissionalização do jogador e a profissionalização do corpo dirigente do clube (presidentes, gerentes, coordenadores, comissão técnica); como também a constituição de um campo profissional, através do surgimento de suas instituições (tal como os clubes e as federações).

A importância dos processos que envolvem a institucionalização dos espaços profissionais, e a trajetória dos atores como determinantes para a profissionalização e atuação profissional (inclui-se aqui a obtenção do título), são contribuições importantes da Sociologia das Profissões. Esse estudo pretende beber dessas fontes, mas contribuir modestamente para o entendimento de profissões legitimadas pelas políticas do Estado, reconhecidas socialmente como profissões, mas que não possuem formação regularizada pelas normas do ensino superior. Mais ainda, por se tratar de uma profissão ligada ao lazer, cuja importância social é relativizada e dada, por alguns autores, em contraposição ao trabalho.

As dificuldades teóricas e empíricas refletem a importância de se aprofundar no estudo do caso do futebol, e investigar se seu processo constitui, de fato, uma exceção. Em caso positivo, deve-se resolver as questões teóricas referentes ao novo “tipo”, em caso negativo, trata-se da tentativa de classificá-lo dentro das teorias e formulações já existentes.

Para o desenvolvimento da pesquisa, será necessário a imersão no referencial teórico da Sociologia das Profissões e uma releitura de clássicos da Sociologia do Esporte. Aqui, será feita uma breve releitura das principais tendências dentro dos estudos das profissões.

Inicia-se com a releitura da Sociologia das profissões com a abordagem funcionalista das profissões, dando ênfase a Talcott Parsons, primeiro a teorizar sistematicamente o tema.

Em Parsons, as profissões situam-se dentro da estrutura social e desempenha função específica no sistema cultura, de acordo com seu esquema teórico da coesão. O domínio do saber técnico, adquirido em escolas, universidades, centros de ensino, etc., são as características das profissões. Ainda, segundo Barbosa (1993), destaca-se ainda a dimensão de mediação, exercida pelos profissionais, entre as necessidades individuais e as necessidades funcionais. Nesse sentido “os estudos sobre profissões pretendiam dar destaque à análises do papel e da função que determinadas tarefas desempenhavam na divisão social do trabalho” (PETRARCA, 2007, p. 31).

A análise funcionalista desenvolvida nos Estados Unidos pressupõe o conhecimento especializado mediante obtenção de diplomas de nível superior como condição *mister* dos estudos. Essa dimensão da profissão apresenta limites no entendimento do fenômeno do futebol, por dois motivos: o primeiro diz respeito a ausência do título acadêmico na formação dos atletas. Segundo porque, ao estudar a origem das profissões a partir da Medicina no Estados Unidos e estabelecer leis a partir da realidade norte-americana, o a análise torna-se rígida, o suficiente para que as lógicas internas de prática, funcionamento e papel do futebol, na sociedade brasileira, não sejam apreendidos.

Segundo Petrarca (2007), essa ênfase nas formas acadêmicas de obtenção do conhecimento técnico suscitou críticas, e uma delas vieram de autores ligados ao interacionismo simbólico.

Estudos das profissões ligados ao interacionismo surgem a partir das críticas ao modelo de Parsons, pois entende que esse desconsiderou aspectos importantes, como a socialização acadêmica e a vida profissional dos atores.

O desenvolvimento acelerado da pesquisa empírica sobre as profissões, abordando as práticas cotidianas de diversas ocupações, acabou levando a uma

crítica severa dos pressupostos contidos no modelo parsoniano. Trabalhos como os de Becker (1952), sobre professores, de Hall (1948), sobre médicos, ou de Rueschemeyer (1965), sobre advogados, ofereceram uma base sólida para o questionamento da adequação do modelo funcionalista para analisar outras profissões além da Medicina (BARBOSA, 1993, p. 7).

A investigação das diferentes etapas da vida profissional, assim como seus espaços de socialização profissional são colocados em questão pelas abordagens interacionistas. Entretanto, Petrarca (2007) aponta para um outro aspecto levado em consideração por essa escola. Trata-se do caráter monopolista das profissões: o controle que exerce sobre os critérios de seleção dos membros, formação e maneiras de como o serviço deve ser prestado. A nova questão que se coloca é a existência de uma comunidade profissional, que compartilha códigos, linguagens, critérios de seleção e interesses. Essa comunidade luta pelo controle do exercício profissional.

Uma segunda geração traz à tona as competições internas às profissões, e como a trajetória e socialização profissional individual pode criar, e cria mesmo, disputas e formação de grupos que lutam pelo controle dos critérios de seleção e exercício. Nesse aspecto, apesar de manter o diploma como fator fundamental no estudo das profissões, a abordagem interacionista chama atenção para aquilo que será útil na pesquisa: a socialização dos atores dentro dos espaços profissionais, assim como a compreensão que têm acerca da própria profissão e dos processos de profissionalização.

Outra dimensão importante para o desenvolvimento do presente estudo é considerada dentro dos estudos da profissão. A relação entre profissão e poder, destacada por autores de orientação weberiana, pode elucidar as possibilidades de relação entre Estado e futebol, no Brasil, apontando uma possível direção pro estudo do caso específico de Sergipe.

Magali Larson (1977), é um expoente, por introduzir o elemento poder na sua análise das profissões. Segundo Bonelli (1993), a autora vincula a competência profissional `ideologia burguesa, enfatizando o lado egoísta das profissões. Trata-se de grupos que agem estrategicamente para dominar áreas de conhecimento e seu mercado.

Larson opera uma investigação histórica do surgimento das profissões. As ideias da autora se fundam, basicamente, em dois princípios: 1 – a sociedade moderna vivencia uma configuração na qual o mercado se torna o centro das dinâmicas sociais e; 2 – mudança na forma como o saber e o conhecimento são estruturados, modificando-se também a forma pela qual se relacionam com outras instâncias.

Seu estudo aponta para um fato, recorrente desde a Antiguidade, que seja a relação entre saberes especializados e sua aplicação “para a elite”, em contraposição de um saber prático, voltado para o mercado e o consumo, direcionado aos que não gozam dos privilégios de elite (BARBOSA, 1993). Entretanto, a partir da industrialização das sociedades, o saber profissional assume a tendência tipicamente capitalista de voltar-se para o mercado. Isso induz os “saberes” práticos dos saberes especializados de elite a se unirem com vistas ao monopólio do mercado de serviços profissionais a que corresponde. Assim, trata-se de um projeto coletivo de mobilidade social, que para se realizar como processo de profissionalização, depende de: a) monopólio do mercado de serviços especializados prestados; b) autonomia relativamente à outras esferas (como outras profissões e Estado); c) controle sobre as regras de seleção.

Pierre Bourdieu também é importante no estudo das profissões, e também mantém em sua análise os conflitos como parte integrante do campo profissional. Sua perspectiva destaca o papel da educação e das universidades para o meio profissional, não apenas através do diploma, mas também pela transmissão da linguagem, da "visão de mundo" e do *habitus* próprio do fazer profissional (SANTOS, 2011).

Para Petrarca (2007), a análise de Bourdieu contribui por chamar atenção não para o diploma como expressão do poder, mas para o significado que esse tem em cada sociedade, mostrando a importância da existência de um mercado estruturado e de instituições desenvolvidas que conferem ao diploma a importância social.

Influenciado pela configuração francesa da sociedade, na qual o sistema escolar desempenha importante distinção entre os filhos das elites e os filhos que pertencem às classes populares, Bourdieu vai entender a instituição universitária como um dos importantes determinantes na vida profissional de um indivíduo. Mas esse é apenas um dos recursos que são mobilizados pelos atores no seu itinerário profissional. Deve-se levar em consideração também o capital social, origem social, familiar e capital político, por exemplo.

Portanto, tem-se que na obra de Bourdieu importantes aspectos a serem analisados no estudo das profissões: a) os títulos universitários têm importância relativa dentro de uma profissão, pois essa depende de b) mercado e instituições desenvolvidas e que darão ao título um *status* (poder) ou não; c) os títulos universitários concorrem com outros recursos no trajeto profissional individual e no processo de institucionalização da profissão, por isso d) a visão ou importância do título depende da trajetória dos agentes, e dos processos de institucionalização dos espaços sociais que definirão regras de acesso a cargos e exigências requeridas. Esses aspectos têm guiado muitas pesquisas e trabalhos sobre as profissões, que desde a década de 1990 conheceu nova onda de estudos, levando em consideração as contribuições da sociologia

bourdieusiana e aprofundando na trajetória individual dos profissionais, juntamente com o processo histórico de institucionalização dos espaços.

Mas, cabe aqui que a despeito das contribuições que essas teorias darão à pesquisa, suas teorias apresentam limites latentes quanto a aplicação ao caso do estudo das profissões brasileiras. No Brasil, Bonelli (1999), ao abordar a trajetória de uma importante instituição do judiciário, a OAB, ajuda a compreender as relações existentes entre a formação de grupos profissionais de elite e atuação do Estado. O papel do Estado é também salientado na obra de Loureiro (1997), onde destaca que a criação de postos dentro do aparelho estatal, e a exigência e legitimação do conhecimento técnico por parte do Estado, contribuíram para a formação e consolidação de um grupo dirigente dentre os economistas.

Essa relação com o Estado contraria, por exemplo, as abordagens de Larson e Bourdieu. Em ambos, é mister a autonomia do grupo profissional em relação a outras esferas ou *campos* (política, por exemplo) e o monopólio sobre as decisões que regulamentam seleção, treinamento, e etc., Loureiro (1997) e Bonelli (1999) demonstram que, no Brasil, a relação com o Estado foi primordial para o processo de profissionalização de economistas e do direito, respectivamente. E, como abordado anteriormente, as legislações que orientam e regulamentam a forma de atuação dos clubes (formadores de atletas) estão intimamente ligadas aos fenômenos políticos, e econômicos. Assim, a compreensão da profissão como processo utilizada em Bonelli (1999) será adotada no desenvolvimento do trabalho.

Esses trabalhos demonstram articulações entre Estado e *campos* profissionais específicos. Sua relevância para estudo reside no fato de que, no futebol sergipano, importantes nomes ligados aos principais clubes e instituições organizadoras do esporte pertencem a grupos que disputavam o controle dos postos no Estado. Inspirado nesses trabalhos, o estudo investiga a relação entre nomes ligados aos clubes e a esfera política. Não se trata de interrogar se a categoria de profissão se aplica a tais gestores, mas sim do entendimento de que a formação do jogador de futebol está intimamente ligada às decisões e regras criadas por eles, entendidos aqui como grupos dirigentes dentro do futebol. Por tanto, é necessária uma articulação com as teorias que tratam dos grupos dirigentes.

Por isso, pretende-se investigar quais são, no caso dos gestores futebolísticos (identificados aqui pelos presidentes ou fundadores de clubes e associações esportivas), os recursos valorizados para tais posições. E levando-se em consideração a relação Estado-profissão, no Brasil; e também a história da Associação Desportiva Confiança, o estudo propõe investigar a influência dos recursos ligados às parentelas em Sergipe, tendo como base Linda Lewin em seu trabalho de investigação das parentelas que compunham a oligarquia da Paraíba.

Em seu estudo, Lewin (1993) foca suas análises da oligarquia dos Pessoa, sob a liderança de Epitácio Pessoa, entre 1912 e 1930, e destaca a importância da relação entre os membros da família política para explicar o domínio político exercido por essa elite no estado da Paraíba. Entretanto, a ideia de parentela engloba relações para além do parentesco. Como explica Lewin (1993):

É preciso compreender que a organização política paraibana não se fundou exclusivamente em vínculos associativos familiares, porém mais propriamente em vínculos associativos baseados na família. Em outras palavras, além do parentesco, os vínculos informais da associação oligárquica incluíam também amizade política. Ambos os tipos de vínculos associativos entrelaçavam conexões institucionais e pessoas cruciais numa rede política única que assegurava a sobrevivência da oligarquia (LEWIN, 1993, p. 10).

Diante disso, percebe-se que a rede de relações envolvidas dentro de uma parentela, e seu próprio conceito, abrangem as relações que não se restringem ao círculo familiar e expande-se, admitindo membros “não-família”, entendendo-se família a partir da família nuclear. Assim, sogros, cunhados, amigos, colegas de profissão e “apadrinhados” podem se converter em membros, fato que dinamiza e diversifica as possibilidades de atuação política e social das parentelas. Essas considerações podem ser pertinentes ao se analisar os casos da diretoria do Confiança, dada a histórica atuação de seus fundadores em esferas sociais variadas.

Para refletir acerca do papel do diploma e sua relação com a esfera política, foram utilizados os seguintes autores: Pereira de Queiroz (2006) elucida a importância, para os grupos dirigentes, do investimento em títulos acadêmicos, a fim de ampliar o espectro de atuação profissional da parentela; e além, Lewin (1993) destaca que os “profissionais liberais” exerciam papel fundamental para a ampliação das parentelas da Paraíba, pois, ao estudarem em centros maiores do país (Salvador, Recife, Rio de Janeiro), e ao manterem contato, por intermédio da faculdade mas não restrita ao espaço dela, com membros de outras parentelas e facções, eles se tornavam elos de uma aliança política, cujos ramos permeiam as diferentes esferas de atuação política estatal (municipal, estadual, nacional).

Os textos Dezalay e Garth (2000), Abers, R., Serafim, L., Tatagiba, L. (2014) e Bratsis (2017) apresentam contribuições para se pensar as questões referentes a relações entre Estado e sociedade civil, além da utilização de recursos variados para uma carreira profissional específica. Entretanto, nota-se diferenças quanto ao enfoque de cada texto. Em Abers, R., Serafim, L., Tatagiba, L. (2014), existem argumentos importantes no que diz respeito às críticas de modelos importados de análise da realidade política. Ao estabelecer as diferenças entre o

contexto brasileiro e o inglês. *Capitalismo Internacional e Corrupção Política*, Peter Bratis (2017), também se apropria dessa discussão, embora pensando as relações entre a concepção internacional de corrupção, e como ela se infiltra nos debates políticos nacionais de forma impositiva, em favor do capital transnacional. E por último, o conceito de dolarização do conhecimento, de Dezalay, demonstra como diferentes profissões se associaram a uma dinâmica de centralidade do conhecimento técnico dos EUA, e as diferentes possibilidades que se criam, nacionalmente, a partir da importância que se toma os títulos e formação profissional em solo norte-americano.

Ao utilizar o conceito de *repertório de interação*, as autoras buscam examinar as diferentes formas possíveis de interação entre o Estado e a sociedade civil. Para isso, partem da ideia de que é necessário que se analise as diferentes lógicas de estruturação das variadas áreas de políticas públicas do Estado. Aqui, nota-se a preocupação com as peculiaridades históricas subjacentes a essas áreas no desenvolvimento da política brasileira, e as relações que estabeleceu com os debates em torno das políticas públicas.

Valendo-se da análise do repertório de ação dos movimentos sociais, as autoras buscam entender o desenvolvimento e as mudanças que tiveram as políticas públicas do setor agrário, da segurança pública e da questão urbana da moradia, no que diz respeito a sua interação com o Estado. Demonstram como partir de uma medição de categorias *a priori* da participação civil em governos ou países é insuficiente para se entender as lógicas locais de funcionamento. Pode-se ver, como exemplo, a forma como os movimentos agrários ressignificaram as marchas e protestos, durante o governo Lula, deixando de ser uma estratégia de confronto ou contestação do governo, para se transformar em parte de um “ritual” de negociação.

Vale ressaltar, que em outros setores, a mudança no repertório de ação se deu de modo diversos – como por exemplo a questão dos movimentos sobre moradia, que ampliam sua comunicação com o Estado a partir de canais institucionais e de negociações personalizadas. Por isso, destaca-se que mais que uma tendência geral de aumento de participação, como parte de um projeto de governo, essas lógicas diversas devem ser compreendidas empiricamente.

Dezalay mostra uma outra face do processo de estruturação do Estado, ligado as dinâmicas políticas (e profissionais) exteriores. Não se trata de um estudo exclusivo do Brasil, mas de uma relação entre Estados Unidos e América Latina. Em resumo, o trabalho mostra como mudanças políticas e econômicas, nos Estados Unidos, permitem a ascensão da Economia enquanto disciplina dominante nos debates políticos, ocupando um lugar que era comum aos bacharéis em direito. Mas também retrata as mudanças e tendências do Direito norte-americano, para o direito de interesse público e o direito empresarial: “nossa pesquisa busca explorar esses

processos de mudança do Estado. Entretanto, nosso foco não está no Estado em abstrato mas, ao contrário, nas pessoas e no conhecimento que o produzem” (DEZALAY; GARTH, 2000, p. 164)

Importa aqui que essas mudanças não ficaram circunscritas ao contexto norte-americano. Nos países do Sul, certa similitude estrutural apontada pelo autor (no que diz respeito a ocupação do Estado por bacharéis em Direito vindos das elites locais), aliados a formação nas universidades do EUA, permite uma gama de possibilidades de interação entre esses profissionais e os temas e discussões do Norte. Trata-se, então, de uma valorização da formação e da experiência nos Estados Unidos para a carreira nos países do Sul, seja no Direito ou na Economia. Essa valorização importa preocupações e conhecimento técnico, e influencia a estruturação do Estado brasileiro (e outros) a partir de concepções formuladas em contexto internacional. Nota-se: os profissionais do Direito e da Economia ocuparam cargos importantes dentro do Estado brasileiro (em simetria ao que ocorria em outros países latino-americanos).

Ainda sobre dinâmicas externas aos contextos nacionais e suas relações com os embates políticos locais, Bratisis demonstra como interesses econômicos de grupos específicos são capazes de modificar e ditar os debates políticos em países ditos periféricos, de acordo com seus interesses. Essa imposição é feita através das interações com os contextos nacionais, via a burocracia estatal “livre” das amarras personalistas que se desenvolvem em nações periféricas, para adotar os termos do autor.

Como o nome Transparência Internacional indica, o que essas organizações focalizam não é a presença do interesse privado na instância pública, mas, antes, eliminar o opaco. Dessa perspectiva, o problema com fenômenos como suborno e clientelismo é que estes são arranjos informais e são, frequentemente, imprevisíveis e opacos.¹³ Essa “corrupção” cria dois problemas inter-relacionados para o capital transnacional: ela não leva em conta muitas das mensurações necessárias para os cálculos de custo-benefício, tão fundamentais para decisões sobre investimentos; e aumenta os custos de informação das transações (BRATISIS, 2017, p. 26).

A imposição da ideia de corrupção, e sua associação direta com o nível de pobreza, segundo o autor, é um discurso que tenta encobrir (e encobre de fato, segundo ele) as reais intenções do discurso, que são econômicas e não morais, visto que nada dizem a respeito da corrupção política que beneficia seus interesses econômicos.

Portanto, os textos destacam a importância tanto das dinâmicas nacionais (história, formas de estruturação do Estado e interação com a sociedade civil), quanto das suas relações (por vezes de dominação Norte-Sul) com as dinâmicas exteriores. Além disso, a importância

da adoção de uma perspectiva metodológica e teórica dissociada de conceitos fixos e elaborados para pensar realidades sociais que não as nacionais².

Nessa perspectiva, é preciso destacar uma mudança pela qual o futebol brasileiro tem experimentado, desde a década de 80. Trata-se da crescente valorização, nos clubes, de profissionais ligados à diversas áreas. O desenvolvimento de projetos e estratégias dos times, visando maior desempenho da equipe durante os campeonatos tem diversificado a estrutura do clube. Profissionais ligados à psicologia, fisioterapia, nutrição, direito, administração, contabilidade, economia, etc., tem ganhado espaço nos clubes, refletindo uma mudança, inclusive, na composição das diretorias. A sessão a seguir buscou tratar deste tema sob a ótica da “mercantilização” crescente no futebol. Ou seja, uma concepção do esporte enquanto mercadoria, cujo fim consiste na criação de valor através do processo de trabalho. A essa valorização está associada o crescente interesse dos clubes em profissionais que não tinha, anteriormente, espaço de atuação no futebol.

1.3 O futebol moderno e a profissionalização dos clubes

A tentativa aqui é buscar em trabalhos produzidos recentemente no Brasil sobre o futebol, subsídios que possam apontar para uma mudança no que diz respeito à maior incidência de profissionais ligados a diversas áreas atuando nos clubes. Tal fenômeno é apontado, com frequência, em relação à chamada onda de mercantilização no mundo do futebol, e esses fatores contribuem para o que se chama vulgarmente de “futebol moderno”.

O chamado “futebol moderno” é tema de debate certo em vários locais de encontro de torcedores e em canais de mídia especializada no debate. O termo foi cunhado, primeiramente, num site não-oficial da AS Roma, da Itália, que publica uma matéria com o título de *Manifest Against Modern Football*. Desde então, o “ódio ao futebol moderno” virou tema certo nas arquibancadas ocupadas por torcidas organizadas e “ultras”.

Grosso modo, esse movimento ou campanha, aborda uma crescente mercantilização do futebol, padrões de conduta e comportamento dentro do estádio “incompatíveis” com as tradições, e a crescente influência de interesses financeiros privados nos times. Mas esses fatos não são corroborados pelos cantos das torcidas apenas. Alguns trabalhos indicam para um aumento expressivo das lógicas financeiros no contexto do futebol.

² Essas ideias serão importantes para o desenvolvimento do estudo proposto, ao reconhecer as limitações de teorias importadas para compreensão de uma realidade nacional. E ainda, ao atentar para a complexidade das relações entre Estado e sociedade civil (na qual se inclui os clubes de futebol).

Nessa linha, Gonçalves e Carvalho (2006) analisam a expansão da lógica de mercado no futebol, e como se insere uma lógica empresarial de gestão nos clubes e órgãos que gerem a prática esportiva. Os autores identificam que essa mudança se inicia com a segunda metade do século XX.

Transformou-se, assim, numa atividade com características fáticas de ato comercial, como a venda de espetáculos e de suas transmissões por mídia eletrônica, a exploração de marcas e a exploração da prestação de serviço de praticante profissional com o objetivo de resultado econômico (GONÇALVES; CARVALHO, 2006, p. 8).

A gestão do futebol e dos clubes passam a estabelecer vínculos com outras fontes, fazendo com que a renda vinda da bilheteria seja cada vez menos importante para a gestão do clube – o que, teoricamente, significa uma crise nas “obrigações” do clube para com seus torcedores. Contratos com cessão de televisão, fornecedores de material esportivo, renda vinda de projetos de marketing e dos direitos sobre a marca do clube. Essa diversificação da renda, juntamente com uma gestão que compartilha das lógicas de gestão racionalizada de custos, benefícios, contratos e lucro, faz com que o futebol se apresente como um reflexo da mercantilização.

Para os autores, essa alteração na forma de gerir o futebol, e na forma como os jogos passam a ser encarados como eventos rentáveis, atraindo investimentos (e exigências) de empresas e canais de televisão, configuram o abandono do caráter lúdico do futebol em nome de sua transformação em mercadoria. Apesar de considerarem que, a nível amador - ou seja, mantendo-se a característica de jogo, e não de esporte - esse processo não avançou, mantendo-se os vínculos de proximidade e pessoalidade nas partidas disputadas na várzea, voltadas para a diversão dos praticantes. Sob essa perspectiva, o futebol se aproxima muito da afirmação de Bauman (2007) sobre o “enfraquecimento dos vínculos humanos”, observados em uma sociedade voltada para o consumo.

Os dados apresentados são convincentes para descrever a mercantilização do esporte. É coerente ao ilustrar a mudança de atitude dos envolvidos na prática esportiva, e a relação que mantém com os objetivos do jogo: da diversão própria para ganho financeiro, com a entrada de novos atores em cena (empresas, gestores financeiros, canais de mídia, parceiros, fornecedores, etc.). Mas, o trabalho não trata satisfatoriamente dos “espectadores”. Apesar de não estarem em campo, e de não influírem na gestão dos clubes e na maneira como se faz o jogo, eles fazem parte do fenômeno – e inclusive possibilitam ao jogo o caráter de espetáculo, ao servirem de

“outro” para quem as ações dos jogadores se dirigem. Para esse “outro”, o futebol continua a ser uma atividade de lazer ou se tornou apenas uma oportunidade de negócio ou consumo? Essa questão não pode ser respondida pelo trabalho.

No estudo de Figueiredo (2017), o foco muda. O trabalho aborda o lazer e o esporte como direito, e argumenta em favor do não cumprimento dessa normativa. Corrobora com trabalho anterior com a mudança de gestão do futebol voltado para a busca de maximização de lucro e o papel fundamental que as entidades organizadoras e sua gestão empresarial desempenham nesse sentido.

Pode-se dizer que o trabalho dá importante ênfase aos interesses financeiros dos gestores na forma como é organizado o futebol e suas competições. Nesse sentido, aproxima-se da centralidade do consumo sugerida por Bauman (2007). Para Figueiredo, tanto as políticas de financiamento do evento quanto as atitudes que ignoram o direito ao esporte, a participação popular e as questões sociais envolvidas com a prática esportiva, pois suas atenções estão voltadas para a promoção do futebol como mercadoria. Busca consumidores dos diversos produtos que a prática e os megaeventos geram, em detrimento dos direitos dos trabalhadores, por exemplo:

Algumas vezes, trabalharam em um estádio que será a casa de seu time de futebol de coração, como os Corintianos que construíram o Itaquerão, como os colorados gaúchos que construíram o Beira Rio, ou os fanáticos operários torcedores cariocas, sejam eles tricolores, vascaínos, botafoguenses ou rubro-negros. Temporariamente, foi garantido o direito à sobrevivência, agora era partir para outro emprego, outra obra. O sonho volta a ser distante, a ser silenciado (FIGUEIREDO, 2017, p. 264).

Entretanto, mesmo aqui onde percebe-se um caráter de denúncia de processos importantes do futebol, e onde constata-se através de dados e fontes, os mecanismos políticos, sociais e financeiros que contribuem para a maximização dos lucros provindos futebol sob o preço do direito alheio, o futebol é visto de forma parcializada. Entrega-se às organizações oficiais e profissionais do esporte o monopólio da prática, como se o esporte fosse refém das grandes corporações, da gerência dos grandes times e dos órgãos reguladores (FIFA, CONMEBOL, UEFA, CONCACAF, CBF, FSF etc.).

O desafio consiste, então, na desmistificação desses órgãos. Propõe-se aqui uma investigação do futebol para além das relações oficiais de poder das organizações. Através do estudo das relações entre futebol e sociedade, é possível observar importantes vínculos. O

capítulo 2 procura investigar a história do futebol sergipano, e como os eventos que suscitaram mudanças importantes no esporte estão relacionados com as disputas da esfera política e social, através de atores que tinham atuação em diversas esferas da sociedade para além do futebol.

2 APITO INICIAL - LAÇOS DE ELITE

Essa etapa do trabalho trata da primeira parte da investigação. A partir de pesquisas documentais e bibliográficas, buscou-se adentrar na história do futebol sergipano no intuito de investigar a relação entre Estado e esporte. Tomando a hipótese da vinculação entre essas esferas, a partir das observações de Loureiro (1997) e Bonelli (1999) sobre a constituição do campo dos economistas e do Direito. Embora, como já dito, dentro do meio futebolístico o diploma não representa, historicamente, um recurso importante, parte-se do pressuposto que essa relação no Brasil e em Sergipe representava uma estratégia de ampliação de poder das parentelas. Através de investimentos em esferas diversificadas, as parentelas acumulavam recursos para manutenção ou ampliação de seu próprio poder.

Em Sergipe, essas parentelas investiram em espaços profissionais como o Direito e a Medicina. Diante da decadência das oligarquias rurais no estado a partir da instituição da República, as parentelas se dedicam a ocupação dos postos no Estado, canal pelo qual seu poder se expressava. Essa ocupação se dava a partir dos diplomas em Direito e Medicina. Nesse sentido, os diplomas representavam formas estratégicas de ocupação dos cargos, ao passo que essa ocupação permitia, através do Estado, construir o campo profissional ao qual pertenciam (PETRARCA, 2019).

Assim, nesse momento cabe identificar essas relações no futebol sergipano, identificando os agentes envolvidos na implantação do futebol e sua organização. Essa identificação está dividida em dois momentos, que correspondem aos padrões de relações identificados no surgimento dos times. Em ambos os padrões, o trabalho se propõe a expor esses vínculos entre Estado e futebol, através dos cargos e vinculação política de importantes nomes do futebol sergipano.

2.1 Primeiros movimentos: o padrão de elite

No Brasil, trabalhos tem apontado o final do século 19 como momento de introdução do futebol. Através de filhos de famílias inglesas, o esporte bretão é trazido ao Brasil por nomes como Charles Miller, Oscar Cox e Zuza Ferreira (SANTOS, 2009). Pertencentes às camadas altas da sociedade, esses três homens tiveram contato com o *foot-ball* em terras inglesas, e trouxeram a prática (e os primeiros equipamentos) para o Brasil. Zuza Ferreira (José Ferreira Junior), foi o responsável pela introdução do esporte na Bahia. Jovem de família abastada, cujo

pai trabalhava como tesoureiro no British Bank, em Salvador, Zuza estudo por 5 anos em Londres, e lá teve contato com o esporte.

A introdução do futebol na Bahia, no início do século 20, foi determinante para os primeiros passos da prática futebolística em Sergipe. Segundo Filho (2014), e como apontam pesquisas anteriores (MEDRADO, 2018; LIMA, BOMFIM E MEDRADO, 2017), o intercâmbio acadêmico e cultural entre as famílias da elite sergipana e a Bahia era constante até metade do século passado. Sobretudo no que se refere à formação de jovens pertencentes a essas famílias nas faculdades de direito e medicina da Bahia.

Não há registros exatos sobre os primeiros praticantes do futebol em Sergipe, embora é possível precisar o primeiro evento no qual o esporte é apresentado ao público sergipano. Trata-se dos eventos que faziam parte das comemorações do Dia Independência, no ano de 1907. O 26º Batalhão de Infantaria realizou, sob liderança do Major Crispim Ferreira, demonstrações atléticas de esgrima, tiro e outras modalidades. Entre elas, uma partida demonstrativa do esporte. Soldados se dividiram em dois “*teams*”, chamados de Democrata e Independente. A partida foi realizada durante a tarde, para um grande público, que tomava contato pela primeira vez com o esporte. Assim foi relatado o evento pelo Correio de Aracaju:

Agradou em extremo a execução dos saltos, golpes e paradas, e a perícia com que foram dadas as descargas terminais. Seguiu-se o intervalo necessário ao descanso dessa mesma turnia, que às 4 horas e 50 minutos volvia à raia para o *match* do *foot-ball*. A esse tempo a frente do quartel regorgitava de exmas. famílias e grande era o movimento na praça. Ao sinal do *refree*, reuniram-se os campeões dos dois clubs, e, tirada a sorte, coube o *kick off* ao Independente. O *forward* Calazans deu o primeiro *shoot* passando a bola *forward* Pacheco também do Independente (CORREIO DE ARACAJU, 1907 – sem página).

Nota-se aí os termos em língua inglesa para designar personagens e acontecimentos do jogo, demonstrando que ainda não havia por parte da imprensa, e nem do público em geral, a prática e costume que possibilitasse a criação de termos nativos. Trata-se do primeiro fragmento que pode ser considerado como crônica esportiva referente ao futebol, ainda que não existisse tal modalidade e nem a intenção de cria-la.

Segundo Filho (2014), seguiu-se no ano seguinte a participação dos militares na implantação do futebol. Em 1908, O Comandante dos Portos, Cícero Câmara, lidera um grupo de militares com o intuito de difundir a prática do futebol em Aracaju, além da pretensão de fundar o primeiro clube dedicado ao futebol no estado. Entretanto, o projeto não se concretizou.

De fato, segundo o autor, o primeiro clube de futebol do estado foi fundado em 19 de setembro de 1909, chamado inicialmente de Sport Club Lux, e posteriormente Club Foot-ball Sergipano. Através da figura do estudante Mário Lins de Carvalho, cujas experiências com o futebol adquiridas durante os estudos em Salvador, o trouxe de volta a Aracaju com o intuito da fundação de um clube dedicado ao esporte bretão.

No mesmo ano, e nos anos seguintes, outros clubes de futebol foram fundados na capital. Em novembro de 1909 o Sport Clube Aracaju foi fundado por estudantes, entre eles Colombo Felizola, Braulio Costa. Em setembro de 1910 funda-se o Rio Branco Foot-Ball Club, tendo à frente nomes como Thales Ferraz, Enock Santiago, Mário Lins de Carvalho e Carlos Irineu da Silva. Além disso, clubes como Santa Cruz Foot-ball Club e União Foot-ball Club, ambos do Bairro Siqueira de Menezes (atual Bairro Industrial). Segundo Filho (2014) tais clubes eram constituídos de praticantes, apenas. E por falta de recursos financeiros e administrativos, não tiveram vida longa.

Cabe ressaltar dois aspectos. Primeiro, o estudante Mário Lins de Carvalho, principal nome na tentativa de fundar em Aracaju o primeiro clube de futebol. Como dito, sua experiência com o esporte se deu durante seu período de estudos em Salvador. Segundo a historiadora Maria Thetis Nunes, desde o século 19 era comum que as elites sergipanas mandassem seus jovens para estudar em outros estados e países. Formando-se academicamente e culturalmente em grandes centros, esses jovens retornavam para Aracaju para compor os quadros sociais locais, com as experiências adquiridas durante o período de estudos.

Dos engenhos saíram médicos, bacharéis, a elite letrada, começando a substituir, na representação política da província, os pais ou parente que os haviam encaminhado às escolas superiores da Europa, à Escola de Medicina da Bahia e de Direito de Recife e São Paulo. Entre eles, o primeiro a destacar-se, o Dr. José de Barros Pimentel formado em 1841 em Medicina em Paris. Ao regressar a Sergipe, por influência de seu tio, o importante chefe político Sebastião Gaspar de Almeida Boto, elegia-se Deputado para a Câmara do império na legislatura 1843/1844, onde por mais quatro períodos representou a província (NUNES, 1978, p. 51).

Segundo, o nome de Enock Santiago chama atenção. Filho de agricultores, ocupava desde os 14 anos de idade cargos no governo estadual. Em 1910, quando da sua participação na fundação do Rio Branco Foot-Ball Club, ocupava o cargo de Grande Conferente da Recebedoria Estadual. Enock Santiago viria a ter uma carreira reconhecida no Direito, sendo Promotor da 3ª Vara Cível, de Aracaju (1926); integrante da Comissão que revisou Contratos feitos pelo Estado com empresas e particulares (1931); Procurador dos Feitos da Fazenda (1932); Procurador

Fiscal do Estado (1935), Juiz de Direito da Comarca de Vila Nova, atual Neópolis (2 de março de 1935), removido para Maroim (1937); Chefe de Polícia (1942) e Desembargador a partir de julho de 1945 (Dicionário Biográfico dos Desembargadores do Poder Judiciário de Sergipe. 1892-2008).

Além disso, a carreira de Enock Santiago foi marcada por aposentadoria forçada. O então governador Eronides de Carvalho, por meio do Decreto 8 de janeiro de 1938, aposenta Enock Santiago da função de Juiz de Direito, “pelo bem do serviço público”. A decisão tomada é fruto das disputas políticas que ocorriam no estado à época. Eronides era filho de fazendeiros, e se formou na Faculdade de Medicina da Bahia. Atuou em cargos do Estado (Diretor do posto de assistência pública do estado- 1919; Inspetor médico do sistema escolar – 1920- representante de Sergipe no Congresso de Proteção à Infância no Rio de Janeiro- 1920; Serviço de Inspeção Médica Escolar do estado de São Paulo- 1920; nomeado membro do corpo de veterinários do Serviço de Indústria Pastoril -1921.) Além disso, fazia parte do grupo político de forte influência em Sergipe durante a década de 1920, até 1960.

Essa facção política tem como espectro maior a promoção de uma oposição à Interventoria de Augusto Maynard Gomes na década de 30 - período que corresponde à Revolução Tenentista – o qual apresentou um governo com postura administrativa distanciada dos agrupamentos políticos locais; tratava-se de uma forma de se estabelecer maior neutralidade política. Ocorre que pretensa característica administrativa pouco agradava as elites sociais em Sergipe. Assim, descontentes com a postura administrativa e querendo se reaproximar do controle do aparelho do Estado, um grupo articulado por Julio Leite, Augusto Leite, Eronides de Carvalho e Gonçalo Prado, conseguem o apoio de capitães da indústria, fazendeiros, usineiros e vários profissionais liberais para a fundação da União Republicana de Sergipe (LIMA; BOMFIM; MEDRADO, 2017).

O vínculo entre Eronides e a parentela dos Leite foi formado nas relações profissionais entre ele e Augusto César Leite, durante exercício da medicina no Hospital Santa Izabel, importante para a criação da então Sociedade de Medicina e Cirurgia de Sergipe, como na consolidação partidária da União Republicana de Sergipe (LIMA; BOMFIM; MEDRADO, 2017).

Enock Santiago só retornaria a Sergipe em 1942, quando Eronides dá lugar a Augusto Maynard na presidência do estado, sendo imediatamente convocado para ocupar o cargo de Chefe de Polícia, e tendo revogado o decreto que instituía sua aposentadoria. Assim, é em 1942 que Enock volta à sua atuação jurídica dentro do aparelho estatal.

Mas é nas margens do Rio Sergipe que surgem, de fato, os primeiros clubes esportivos dotados de estrutura física e financeira de Aracaju. Ambos dedicados, inicialmente, ao remo.

Trata-se do Cotinguiba Sport Club, fundado em 10 de outubro de 1909 e, um dia após, é fundado o Club Sportivo Sergipe (FILHO, 2014). Os nomes dos clubes são alusivos a uma discussão existente, à época, sobre o nome do rio que banhava a cidade de Aracaju. Os sócios fundadores do Cotinguiba, liderados por João Carneiro de Mello e José Vieira de Andrade decidiram, em reunião, além das cores do clube, o nome em homenagem ao Rio Cotinguiba, apesar do debate em reunião sobre qual realmente era o rio que cortava a cidade. O Sergipe, fundado no dia seguinte devido a necessidade de um outro clube para que fossem organizadas as disputas de remo, teve a frente Adalberto Monteiro, Euclides Porto, Adalgiso Rosal e outros nomes ligados ao comércio de Aracaju. O nome do clube também homenageia o rio que corta a cidade, embora havia o entendimento que se tratava do Rio Sergipe.

Em 1925, O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS) publica a edição número 10 de sua revista, contendo um artigo de Elias do Rosário Montalvão, no qual estão expostos o resultado de um estudo proposto para determinação de qual é, de fato, o rio que divide Aracaju e Barra dos coqueiros.

Como preliminar.

Entre rios confluentes, é principal o que tem maior extensão, profundidade e volume d'água. O rio Sergipe e o Cotinguiba juntam-se no lugar denominado Doido, onde as suas águas se confundem correndo depois n'um leito comum. Disso resulta a dúvida: se o rio que passe em Aracajú é o Sergipe ou o Cotinguiba.

Aplicando a preliminar: o rio Sergipe é o mais extenso, o mais fundo, enfim, o mais volumoso, conforme vereis (REVISTA DO IHGS, 1925 – sem página).

No ano e edição seguintes, o IHGS publica o ofício do Almirante Amintas José Jorge, presidente do instituto, encaminhado à Assembleia Legislativa do Estado, o Parecer da Comissão de Obras Públicas, Estatísticas e Colonização, e a Resolução votada pelo Poder Legislativo do Estado, confirmando que se trata do rio Sergipe o curso d'água que margeia a cidade de Aracaju.

Diferenças à parte, estavam fundados os clubes. O Cotinguiba adota as cores azul e branca, enquanto o Sergipe opta pelo vermelho predominante e branco. Tais escolhas são comuns em simbolismos ligados às manifestações populares, desde à época medieval e “popularizada pela refrega de oito séculos entre Cristãos e Mouros, projetada na atualidade, como um fragmento da luta religiosa”. Inicialmente dedicados ao remo, que se tratava de um esporte que dispunha do gosto do público, já familiarizado com a prática, que remetia a uma

nítida forma de distinção social. Era um esporte nobre, cujos eventos estavam ligados às famílias importantes do ponto de vista econômico, político e social.

O remo permaneceu como esporte favorito dentro dos dois clubes até 1916. Apesar disso, a prática do futebol se expandia entre os jovens da cidade, apesar do insucesso até então dos clubes fundados para a prática do futebol. Os times de bairro continuavam a surgir, aumentando a frequência com que “treinavam” em campos improvisados nos muitos terrenos baldios da cidade (FILHO, 2014). Por conta disso, o futebol era visto como “coisa de vagabundo”, de acordo com o autor. O incômodo que causava a gritaria dos jovens praticantes em terrenos ao lado de igrejas, residências e órgãos públicos (FIGURA 1).

Em 26 de agosto de 1916, em reunião conjunta, o Cotinguiba e o Sergipe decidem aderir à prática de futebol. Um fato importante deve ser destacado: a participação do Almirante Aminthas José Jorge (Figura 2). Influente na sociedade sergipana devido à seu cargo e origem, era um entusiasta da prática esportiva. Incentivava as regatas disputadas em Aracaju, oferecendo com frequência troféus para vencedores de disputas. Bem visto dentro dos clubes da cidade, o almirante era frequentemente homenageado.

Filho (2014) destaca o “apoio sólido” que as agremiações esportivas de Sergipe receberam “das partes mais significativas da indústria, comércio, afora intelectuais e a sociedade aracajuana em geral”. Cabe ressaltar, ainda, o apoio político, demonstrado por exemplo no despacho do então prefeito de Aracaju, Dr. Alexandre Freire, feito no dia seguinte à adesão dos clubes ao futebol. A prefeitura se comprometia com a construção de um campo de futebol, com arquibancadas e cercado, para a prática do esporte, mediante solicitação dos presidentes dos clubes. O campo se situava na Praça Pinheiro Machado, atual Praça Tobias Barreto- Bairro São José.

Figura 1: Cadeia Pública – Praça 24 de Outubro (Atual Palácio Serigy, na Praça General Valadão). O local era utilizado para partidas amadoras de futebol.



Foto: PORTO, Fernando de Figueiredo. Alguns nomes antigos do Aracaju. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2003. Acervo do IHSG.

Figura 2: Primeiro time do Cotinguiba Sport Club.



Foto: Revista Vida Sportiva, 1918. Acervo do *Cotinguiba Sport Club*.

Deve-se destacar a relação entre o futebol e as famílias pertencentes à elite sergipana (FIGURA 5). Tal como ocorre com a introdução do esporte no Rio de Janeiro e em São Paulo, em Sergipe o futebol tem suas raízes dentro dos grupos dominantes, tendo seu desenvolvimento ligado a grupos envolvidos com a política e economia do estado, historicamente.

O primeiro jogo dos clubes acontece em 24 de outubro de 1916. As equipes do Sergipe e Cotinguiba, sob indicação do Almirante Aminthas, acordaram com um jogo amistoso contra o Sergipe Foot-ball Club, de Propriá. Para o encontro, as equipes aracajuanas formariam o time combinando jogadores dos dois clubes, para representar uma “Seleção de Aracaju”. Na ocasião, haveria uma série de comemorações. O encontro seria marcado por festa, passeios e banquetes, além do jogo. Além disso, deve-se destacar o apoio das entidades políticas, como o prefeito de Aracaju e do General Oliveira Valadão, que se comprometia a pagar as passagens do “team” de Propriá. O Correio de Aracaju assim noticiava, em sua primeira página:

Terça feira 24 (...) haverá à tarde na Praça Pinheiro Machado o match inter municipal de foot-ball disputado entre os teams desta capital e da cidade de Propriá.

Para a realização desta festa, contam os organizadores que são os clubs desportivos Sergipe e Cotinguiba, com o apoio do operoso intendente desta capital, nosso (ilegível) amigo dr. Alexandre Freire, (ilegível) têm encontrado a maior boa vontade (CORREIO DE ARACAJU, 1916. p. 1).

Tal evento motivou uma série de treinos das equipes de Aracaju, cujo dinâmica se dava pela divisão entre *green* e *black* dos jogadores dos dois clubes. Nos treinos, não havia distinção de clubes. Cada vez mais, esses encontros atraía a atenção do público. O periódico Diário da Manhã noticiava o terceiro treino a ser realizado no dia 17 de setembro de 1916:

Hoje, às 15 horas, no ground da praça ‘Pinheiro Machado’, realizar se à um match amistoso entre as equipes dos clubs de regatas que constituirão dois teams: ‘Green’ e ‘Black’.

É de se esperar que, com o acolhimento que tem tido o foot-ball entre nós, hoje acorrerá à praça “Pinheiro Machado” grande e selecta assistência (DIÁRIO DA MANHÃ, 1916. p. 2).

De fato, como previa o periódico, houve grande movimentação no treino. Apesar das poucas publicações sobre esportes nos periódicos disponíveis da época, nota-se anúncio dos eventos ligados ao futebol, mas também uma narrativa dos principais acontecimentos do jogo, e uma avaliação dos desempenhos das equipes. Tornou-se frequente o convite, feito pelos

clubes, para o comparecimento aos jogos e treinos das equipes. A imprensa, que ia se acostumando a cobrir os eventos futebolísticos, destacava também com frequência, durante o período de treinos, a movimentação de espectadores que era provocada.

Figura 3: Nilton Tenorio de Araujo, jogador da equipe do Cotinguiba em 1916.

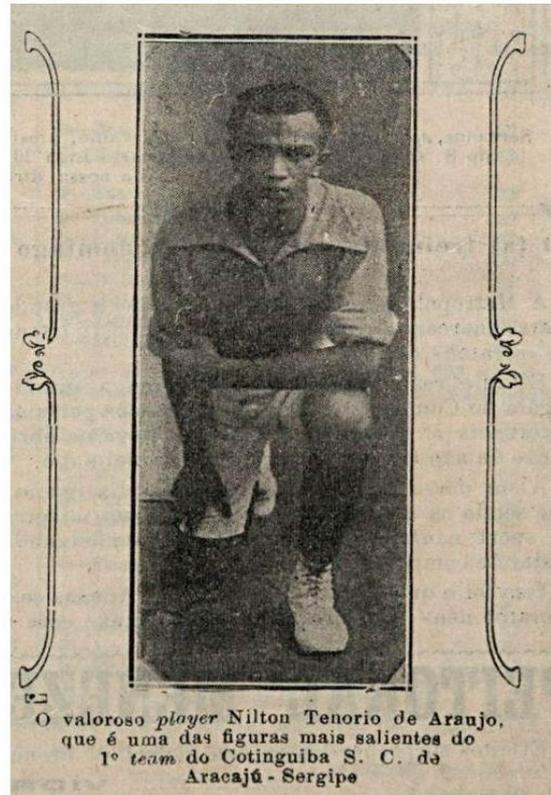


Foto: Acervo do Cotinguiba Sport Clube.

O Correio de Aracaju, na edição de 24 de outubro de 1916 anunciava o evento, destacando as boas condições do campo de jogo, e a arquibancadas prontas para receber os espectadores. Além disso, noticiava o evento ressaltando a animação com que se comentava sobre a partida, que contaria, além do match, com duas bandas para animação dos presentes (uma delas trazida de Propriá pelo Sergipe Foot-ball Club). Os detalhes abaixo foram retirados da referida edição do Correio de Aracaju, assim como de Filho (2014).

O jogo ocorre na data prevista, e a imprensa da época demandou preparativos, tamanha era a movimentação. Bondes especiais foram colocados à disposição do clube de Propriá, assim como para atender as levas de espectadores e curiosos que lotaram as arquibancadas e seu entorno. As agremiações aracajuanas distribuíram convites para autoridades e imprensa local, e o restante dos ingressos foram vendidos para o público em geral.

Desde as primeiras horas da tarde, a movimentação era grande em direção à praça Pinheiro Machado, e as bandas animavam o público presente desde antes do jogo. A partida

demonstrou a superioridade da equipe aracajuana, que venceu pelo placar de 4x0. Despertou espanto dos presentes, visto que a equipe havia realizado apenas alguns treinos semanais antes do jogo. A imprensa local, entusiasmada com o espetáculo e estrutura, elogiavam o empenho dos envolvidos na contribuição da evolução do esporte na cidade. Definitivamente, esse jogo foi elemento fundamental para que o futebol se tornasse prioridade dentre as agremiações envolvidas.

Além desse episódio, houve um outro jogo que colocava em evidência o novo esporte na cidade. Tratava-se do primeiro jogo entre os dois clubes, Cotinguiba e Sergipe, dessa vez em lados opostos, para decidir com qual agremiação ficaria o Troféu “Ao Preço Fixo”, conquistado pelas equipes na partida contra o clube propriaense. A partir do dia 26 de novembro, os times do Sergipe e Cotinguiba começaram a treinar separadamente (Figura 2 e 3). Como torna-se cada vez mais comum, a imprensa local dava destaque aos jogos. Nos dias que antecederam essa decisão, marcada para 10 de dezembro de 1916, a imprensa soltava notas nos periódicos informando local da partida, preço dos ingressos, e escalações prováveis dos times.

A partida, vencida pelo Sergipe, rendeu destaque na edição do Diário da Manhã, no dia seguinte. O autor (não identificado) detalhe o contexto no qual estava envolvida, além da partida em si. Com detalhes sobre lances do jogo, era a primeira crônica esportiva aos moldes das que se escreviam no sul do país:

Rebatido pelo ‘back’ Cravo, o balão voltou ao meio do campo e Roque se apoderando do mesmo foi em combinação com os seus companheiros do ‘quinteto’ levando a esfera, até que, em extremo bem violento, é marcado o primeiro ‘goal’, sob delírio da assistência. (...) Estava aberto o ‘score’. O Sergipe marcava o primeiro ‘goal’ (DIÁRIO DA MANHÃ, 1916 – sem página).

Vê-se, portanto, que o ano de 1916 foi importante para a implantação do futebol em Aracaju. Apesar de sua prática já existir desde o final da primeira década do século XX, é em 1916 que ela passa a ser incluída na programação das agremiações esportivas estáveis do ponto de vista financeiro e organizacional. Além disso, o futebol, até então, não contava com o apoio de figuras políticas ou o Estado. Estava restrito a grupos isolados de jovens que o praticavam em terrenos baldios da cidade. São esses eventos que farão com que o futebol seja conhecido e apreciado pela sociedade aracajuana, entrando na rotina dominical das famílias, e ocupando espaço na mídia impressa da época.

Como dito anteriormente, a figura do Almirante Aminthas José Jorge foi fundamental para a introdução do esporte nos clubes de regatas da cidade, e também para conseguir, mediante o poder público, incentivos para o desenvolvimento do esporte. O almirante foi também peça chave na organização da primeira entidade destinada à organização do futebol no estado, como será demonstrado.

Figura 4: Primeiro time do Sergipe, 1917.



Foto: Revista FonFon ed. 29 de 1917. Acervo da Hemeroteca Digital.

Figura 5: Fragmento da coluna do jornalista Fernando Porto.

FERNANDO PORTO

sentar sôbre os assistentes. Nesse palco é que o bate-bola passou a futebol de verdade. Uma lista dos nomes dos jogadores daquele tempo mostram que pertenciam eles, em sua maioria, às melhores famílias da comarca. Lauro Sampaio, Constâncio Vieira, Godofredo Menezes, Eduardo Cruz, Lauro Souza, Alberto Chaves, Antônio Bessa, entre outros, constituíam a "jeunesse dorée" daquela época. Play-boys, dir-se-ia hoje... Uma outra característica daqueles clubes era a discriminação econômica e racial que neles lavrava. Um abastado comerciante de marinho, foi recusado pelo Cotinguiba. Roque, de pele escura e simples contínuo do Banco do Brasil, para ingressar no Sergipe, custou ingentes esforços a Constâncio Vieira e quase provoca uma cisão no clube; seus notáveis lances nas primeiras partidas em que interveio, é que amoleceram a atitude de seus opositores. Seu ingresso abalou os preconceitos de então, que começaram a declinar. Com tôda a cidade empolgada pelo futebol, este não poderia continuar privilégio de um grupo ou classe. Exigida, impelida por forças oriundas de todos os quadrantes sociais e crômáticos, a popularização foi rápida e inevitável.

Fonte: Jornal A Cruzada. Nº 1.059, 20 de setembro de 1958.

2.2 A batalha das ligas: política e futebol vestem o mesmo uniforme

Os jogos entre os dois clubes continuaram no ano de 1917 e 1918, e se tornaram um passa tempo constante nos finais de semana da sociedade aracajuana. Além dos amistosos entre as duas equipes da capital, a juventude da cidade aproveitava a fartura de terrenos baldios na cidade para a prática do esporte, aumentada pela euforia causada pelos primeiros jogos oficiais.

Os lazares populares ainda eram escassos, resumindo-se às festas natalinas e, principalmente às juninas, cujo ambiente era propício. As atividades esportivas praticamente se resumiam às regatas no rio Sergipe, proporcionadas pelo Cotinguiba e Sergipe (FILHO, 2014, p. 38).

A atividade futebolística no estado cresce. Além dos jogos amistosos entre Sergipe e Cotinguiba, outras partidas animaram o público em 1917. No dia 18 de março, um combinado dos times da capital chamado de "seleção Sergipana" enfrenta o Sport Club República, clube baiano campeão do estadual no ano anterior. O jogo foi cercado de muita expectativa pela imprensa e torcedores. Pela primeira vez, um clube da Bahia jogaria em Sergipe. Esse fato tornava-se marcante pelo fato de se tratar do terceiro centro futebolístico do país, depois de Rio de Janeiro e São Paulo, e notadamente o mais avançado do Norte e Nordeste do país. Na edição

de 20 de março de 1917, o Correio de Aracaju destacava o “mais forte e mais poderoso dos clubes baianos”, além de notificar sobre a presença maciça de “assistência compacta de milhares de almas nas arquibancadas”. Segundo o jornal, o público presente no jogo era de mais de cinco mil pessoas. O jogo, vencido pela Seleção Sergipana pelo placar de 1 a 0, rendeu elogios e comentários da imprensa no dia seguinte.

Além do jogo contra o República, houve ainda um amistoso intermunicipal entre Cotinguiba e Sergipe Foot-ball Club, em Propriá. E, a convite do República, a Seleção Sergipana viaja a Salvador pra disputa de dois amistosos, contra o clube anfitrião e, no dia seguinte, contra a Seleção Baiana. O “team” sergipano foi derrota nos dois jogos (6x0 contra o República e 6x1 contra a Seleção Baiana). Apesar disso, como destaca Filho (2014), a volta à Aracaju fora marcada por recepção calorosa dos torcedores, que lotaram a estação ferroviária para a chegada dos jogadores, com presença inclusive de uma banda para saldar a delegação.

O crescimento da frequência dos jogos juntamente com o fato das partidas terem se tornado importante opção de lazer, influenciou o apelo que o esporte tinha junto à população. Além disso, é no começo de 1917 que surge o terceiro clube futebolístico da cidade, o Industrial. Os aspectos que envolvem sua fundação serão abordados posteriormente. Por hora, basta dizer que sua criação impulsionou ainda mais o desenvolvimento do futebol na capital, devido a um novo padrão de recrutamento de jogadores, e pela possibilidade de diversificar as disputadas na capital.

É nesse contexto que se evidencia um apelo pela organização do futebol a partir de uma entidade independente dos clubes. A frente desse empreendimento estava o Almirante Aminthas José Jorge, velho conhecido do Cotinguiba (fora membro da Assembleia Geral do clube) e do Sergipe. Além disso, reconhecido como um importante incentivador do esporte sergipano, convence representantes do Industrial e do clube de futebol do 41º Batalhão (fundado a pouco). Assim, em 12 de junho de 1918, após uma série de reuniões, é fundada a Liga Desportiva Sergipana (FIGURA 6), sendo aprovados os estatutos. A diretoria foi assim composta: Almirante Aminthas José Jorge (Presidente); Comandante Oscar Azevedo (Vice-Presidente); e Dr. Gentil Tavarez (1º Secretário).

Figura 6: Notícia em revista de circulação nacional sobre a fundação da LDS.



Fonte: Revista Vida Sportiva, nº 42, de 08 de junho de 1918.

A composição da primeira diretoria com dois militares e um engenheiro não é acaso. Desde as primeiras partidas disputadas pelos estudantes que retornaram da Bahia, quando o esporte era ainda desconhecido em Sergipe, que o futebol teve membros das camadas socialmente e economicamente dominantes como protagonistas. Ainda, como no caso do Almirante Aminthas, o envolvimento do setor militar, que gozava de prestígio nas camadas superiores, e vivia ainda as glórias da conquista republicana. Esses atores mobilizavam recursos sociais de tipo familiar, econômico e político na atuação da construção de um campo futebolístico no estado.

A fundação da LDS foi viabilizada pela atuação do Almirante Aminthas José Jorge, que contava com alto prestígio político e social. Filho de pais baianos, nasce em Aracaju em 11 de julho de 1860. Quando jovem, estudou em Salvador por dois anos. De volta a Aracaju, toma aulas com professores particulares. Em 1877, embarca para o Rio de Janeiro e matricula-se no Colégio Naval. Depois de 3 anos em treinamento preparatório, ingressa na Academia da Marinha onde permanece por 4 anos até se formar.

Durante a carreira militar, acumulou promoções e elogios pelos serviços prestados. Em 1882 foi promovido a Guarda-Marinha; promovido a 2º Tenente em 1884; 1º Tenente em 1890; Capitão-tenente em 1894, devido sua participação em combate; Capitão de Fragata em 1907;

Capitão de Mar e Guerra em 1907; e finalmente reformado em 1912 sob a patente de Contra-Almirante. Tendo recebido diversos elogios oficiais da corporação militar e do Estado durante sua trajetória como militar, ainda teve participação social ativa na capital sergipana. Foi sócio, colaborador e presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; Diretor da Santa Casa, promovendo reformas importantes no Hospital Santa Izabel; Presidente da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo (1917-1939) tendo atuação importante na coordenação de fundação de escolas; foi um dos membros fundadores do Club Sportivo Feminino, destinado à prática esportiva feminina em Aracaju, sendo o pioneiro nesse sentido no Norte e Nordeste do país.

Na política, teve atuação como Prefeito de Aracaju, sendo indicado por Ciro Franklin de Azevedo, então Presidente do Estado de Sergipe. Aqui, vale ressaltar que Ciro torna-se presidente do estado após a revolta de 1922, liderada por Augusto Maynard e que culmina na queda do governador Graccho Cardoso. Após a revolta, o nome de José Joaquim Pereira Lobo, ex-governador, aparece como possível indicação a presidência do Estado. Tendo suscitado forte crítica da imprensa, o então Presidente do Brasil, Artur Bernardes, indica o nome de Ciro, que vence as eleições e toma posse no dia 6 de novembro de 1926. Essa é a primeira ligação política do Almirante Aminthas José Jorge com o movimento tenentista. O segundo episódio que marca sua atuação no movimento diz respeito à participação na atuação da Aliança Liberal. Para situar sua participação nos movimentos políticos da época, cabe abordar o contexto político sergipano durante a Primeira República.

Com a instituição de um regime republicano, os pactos de poder no Brasil se alteram, inclusive os pactos “locais”. Em âmbito nacional, os produtores de café (juntamente com os pecuaristas de Minas Gerais) assumem o protagonismo na cena política, relegando à uma posição subordinada os produtores de açúcar, incluindo os produtores sergipanos (DANTAS, 1989). Esse processo acarretará em interferências diretas na presidência do estado em Sergipe, por parte do governo central.

A economia do estado de Sergipe, até 1930, era orientada principalmente por um sistema agroexportador (DANTAS, 2013). Assim, estava nas mãos dos proprietários rurais o poder econômico, sobretudo aquele ligadas à produção de cana-de-açúcar. Além disso, é da classe desses proprietários que se origina os mais destacados intelectuais e membros da igreja, cuja produção intelectual e eclesiástica reforçava e legitimava o domínio exercido pelos donos de engenho. Além dos produtores rurais, destacava-se ainda os industriais e comerciantes urbanos, em um segundo plano. A partir da segunda década do século XX, sua participação é mais destacada com o crescimento da produção de algodão no estado, e a proliferação de fábricas têxteis.

Essa estrutura econômica ligada à tradição e ao domínio político dos produtores rurais molda o contexto político republicano em Sergipe com as fôrmas da oligarquia. Como explanado anteriormente, grupos políticos cujas bases se encontram nas tradicionais famílias rurais do estado disputavam o poder e o controle dos cargos públicos no Estado. Para isso, mobilizavam seus recursos sociais adquiridos durante sua trajetória, e invariavelmente lançavam mão de firmação alianças com outros grupos.

Dantas (1989) chama atenção para os quatro movimentos divergentes em Sergipe que, guardadas suas particularidades, mantinham em comum a contestação do sistema oligárquico vigente. O primeiro tipo, chamado de *dissidência oligárquica*, era uma oposição composta, basicamente, por membros das oligarquias que ficaram insatisfeitos ou se sentiram, de alguma forma, preteridos. Se caracterizava, entretanto, pela falta de propostas concretas para uma mudança política. O segundo tipo, a *reforma liberal*, tinha a clara proposta de ampliação das instituições sociais e uma reformar do sistema representativo com o objetivo de melhorá-lo. O quarto tipo, chamado *propaganda socialistas* esteve vinculado ao pensamento socialista expresso através de jornais como “O operário”, e propunha uma mudança estrutural profunda, a longo prazo.

O terceiro tipo, propositalmente deixado por último, consiste no movimento divergente ao qual estava envolvido o Almirante Aminthas José Jorge. Esse tipo, caracterizado pela crítica a oligarquia e pela ideia do uso da força para a mudança política teve inspirações no movimento tenentista, que desde o início dos anos 20 havia envolvido jovens oficiais em revoltas contra o governo. Em Sergipe, a motivação também partiu da adesão dos militares à campanha do voto secreto, além do cenário criado pela dissidência do oligarca Manoel de Carvalho Nobre, ao exaltar os militares e incitá-los a partir do episódio das cartas falsas.

Assim, em 1924, jovens oficiais do exército prendem o Presidente do Estado por 21 dias, até serem sufocados pelas forças do Exército que vinham de outros estados. A revolta teve a simpatia popular ao denunciar os vícios do sistema oligárquico, questionar o sistema eleitoral e criticar a abrangência do atual sistema representativo.

O movimento, mesmo depois de abafado, tem suas influências ecoando nos anos seguintes. Do cenário nacional, criado a partir da dissidência de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba, surge o movimento de criação da Aliança Liberal. O movimento aglutina apoio dos opositoristas dos governos locais dominados por oligarcas, e logo consegue adesão dos meios urbanos e industriais.

Em Sergipe, movimento foi composto por intelectuais, jornalistas e militares que não se integraram ao governo Manuel Dantas. Dentre esses integrantes, estava o Almirante Aminthas,

que participaria ainda do governo provisório de 1930 no estado, além de Eronídes de Carvalho e general José Calasans.

A Liga Desportiva Sergipana foi fundada graças ao esforço do almirante, e ao cenário de franco desenvolvimento do futebol no estado. Cotou, além disso, com o apoio de setores importante da sociedade à época, cuja representação é dada pela presença do Dr. Gentil Tavares da Mota no cargo de 1º secretário. Filho de militar, Dr. Gentil Tavares também teve experiências acadêmicas na Bahia, formando-se engenheiro civil na Escola Politécnica. Foi ajudante-secretário da Diretoria de Obras Públicas em 1914; e Diretor da Imprensa Oficial do Estado em 1918. Atuou também ao lado do Almirante Aminthas na Liga Sergipense Contra o Analfabetismo, sendo vice-presidente, além de ser também sócio do IHGSE.

Na vida política, teve participação ativa a partir de 1918, sendo deputado na legislatura 1917-1919, e sendo reeleito para a de 1920-1922. Em 1922 ocupa o cargo de deputado federal (vaga aberta por Graccho Cardoso, que se torna senador), e se reelege para o mandato de 1924-1926.

Ambos casos demonstram que os atores envolvidos no campo futebolístico sergipano, no início do século XX, tinham importantes participações na política do estado, e utilizavam-se dos recursos sociais que dispunham para evolução do esporte em Sergipe.

De fato, a LDS representou importante passo na direção da institucionalização do futebol em terras sergipanas. Organizou seu primeiro campeonato em 1918, oficializado como o primeiro campeonato estadual de Sergipe. Disputado por quatro clubes: Cotinguiba, Industrial, Sergipe e 41º Batalhão F.C, tendo como campeão o Cotinguiba. Significava um passo rumo à concretização da prática futebolística ligadas a clubes que atendiam às demandas do esporte de dedicação e investimentos. Prova disso, o campeonato ficou marcado também pela desistência do time do 41º Batalhão, devido à falta de recursos que os treinos e jogos demandavam.

Entretanto, como ressalta Filho (2014), os campeonatos organizados pela LDS foram, muitas vezes, marcados por confusões e desentendimentos. Por vezes, os jogos eram marcados por violência dos jogadores de times adversários (Torneio Início de 1921, e 1923), e por desentendimento entre os dirigentes, resultando na retirada dos times do campeonato (campeonato de 1920). Tais episódios se motivavam pelas constantes acusações entre os dirigentes dos clubes. As reclamações envolviam, principalmente, os seguinte temas: parcialidade da arbitragem dos jogos, formada por ex-atletas ou membros ligados aos clubes; passividade da LDS na resolução de casos de violência de jogadores e boicote de clubes ao

campeonato; e a questão envolvida com os jogadores não sergipanos, e o assédio dos clubes a jogadores “profissionais” em troca de ordenados ilícitos (Lei do Estagiário).

Nesse contexto, fica expressa a insatisfação do público para com o futebol. Devido a essas questões, por diversas oportunidades, o campeonato estadual não ocorreu (1919 e 1925), ou fora interrompido por confusões e episódio de violência que acabavam virando caso de polícia (os jogadores envolvidos na confusão do torneio de 1923 foram autuados e levados à delegacia). Nesse contexto, a segunda metade dos anos 20 é marcada por sucessivas crises na LDS. Nos anos de 1925 e 1926, várias reuniões da liga foram canceladas por falta de quórum. Diante da incapacidade demonstrada pela LDS para a organização do futebol sergipano, um grupo liderado por Alfredo Rollemberg Leite se reúne em 8 de outubro de 1925 para discutir as debilidades da antiga liga. É discutida e aceita a proposta para criação de uma nova liga, capaz de superar os limites encontrados pela LDS na administração do futebol. Depois de sucessivas reuniões, em 20 de abril de 1926 foi fundada a nova liga, denominada Liga Sergipana de Esportes Atlético – LSEA.

A nova liga representou avanços do ponto de vista esportivo. Em seu estatuto aprovado na cerimônia de fundação, estavam previstos duas cláusulas fundamentais: a) referente à subordinação dos clubes à autoridade da Liga, se comprometendo a acatar suas decisões e estando de acordo com as punições devidas em caso de infrações; e b) sobre a autoridade e autonomia dos árbitros, que deveria ser respeitada. Além disso, a nova Liga se preocupou em compor um quadro de árbitros que não tivessem manifestadas relações com algum dos clubes participantes dos torneios. Ainda, mantinham profundo interesse em se vincular com a Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Esse vínculo possibilitaria aos times coligados a LSEA a participação em torneios nacionais oficiais, além do valor simbólico do reconhecimento da principal instituição esportiva do país.

À frente da LSEA estava Alfredo Rollemberg Leite, escolhido Presidente-fundador quando da cerimônia do dia 20 de abril. Filho de Silvio Leite, era membro de uma tradicional família sergipana. Era membro da parentela dos Leite, anteriormente mencionada.

Todos os filhos do Dr. Sílvio César Leite tiveram carreiras profissionais significativas, como também diversificadas, nas diversas profissões de respaldo no estado de Sergipe, principalmente cargos ligados à política e a justiça. Esses laços familiares tornaram significativos na estruturação e redes de apoio para a consolidação dessa família na economia sergipana (LIMA; BOMFIM; MEDRADO, 2017).

Fundada a nova liga, os clubes do estado dividiram-se então entre as duas entidades organizadores do esporte. Filiados a LDS estavam: Sport Club Aracaju, Club Sportivo Sergipe, Associação Desportiva Brazil e Cotinguiba Sport Club. Filiados a LSEA: América Atlético Club, Associação Atlético, Palmeiras Foot-ball Club e Oiterinhos Foot-baall Club.

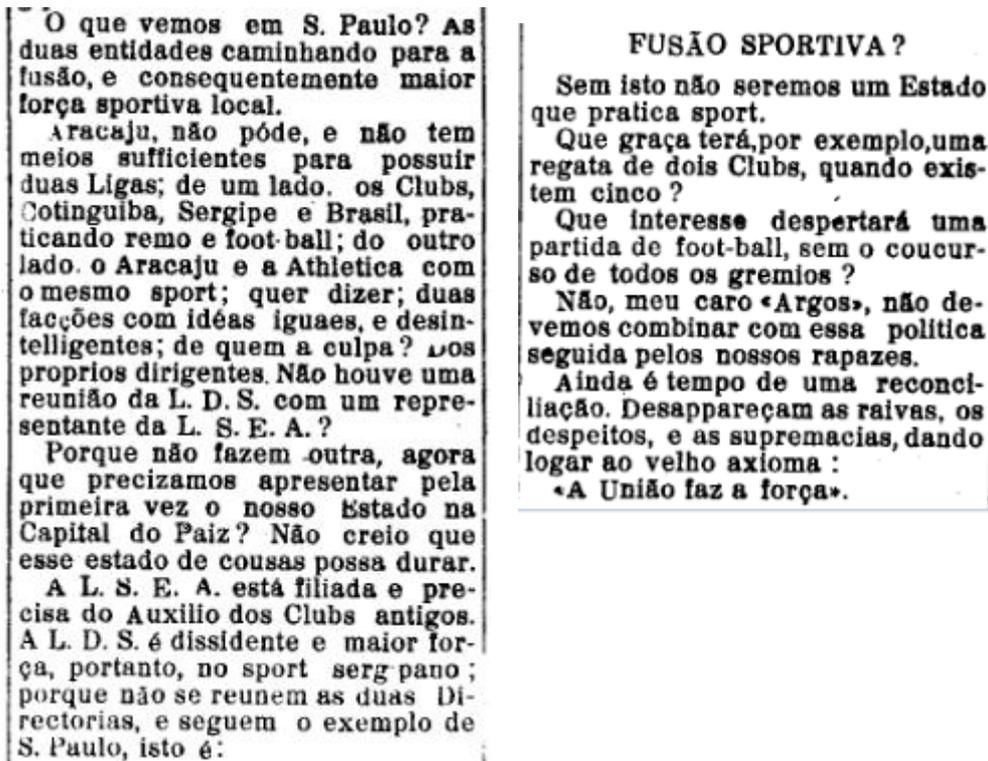
A nova liga, que até 1927 permaneceu sob administração de Assembleia Geral Permanente, elege em 19 de março sua primeira diretoria. Como Presidente o Dr. Clodomir de Souza e Silva como 1º secretário Joaquim Montalvão. A essa altura, o presidente da LDS era Manuel Xavier de Oliveira, militar que participara do movimento tenentista em 1922, e que ocupara o cargo de chefe de polícia em Sergipe.

As duas ligas entraram em conflito, apesar do apelo da imprensa pela unificação (FIGURA 7). A antiga Liga determinou que seria excluído qualquer jogador que atuasse por algum clube ligado a LSEA ou que respondesse ao chamado desta para a composição da Seleção Sergipana que disputaria os torneios nacionais³. Além disso, ainda em 1927 a LSEA tenta organizar seu primeiro torneio, no campo Adolpho Rollemberg, sob permissão do administrador Almirante Aminthas José Jorge. A permissão foi motivo de atrito entre os clubes proprietários do campo (Sergipe e Cotinguiba) e o almirante, resultando em seu afastamento da administração do campo por intermédio do então presidente da LDS e do Cotinguiba, Manuel Xavier de Oliveira.

Um episódio marcou ainda o atrito entre os dirigentes. O primeiro na reunião da LDS em 25 de abril de 1916, onde estava Alfredo Rollemberg Leite. Este que já havia tido conversas com dirigentes de clubes filiados a LDS, tentou convencê-los de se filiar à nova liga tendo em mãos o ofício da CBD que oficializava a filiação da LSEA. O episódio, segundo constata Filho (2014) foi marcado por fortes discussões e ofensas pessoais dirigidas a Alfredo por Manuel Xavier. Era sabido que ambos mantinham desafetos resultantes das disputas políticas travadas no estado, à época.

³ A LSEA enviou um ofício de filiação a CBD em novembro de 1926, ao qual recebeu resposta positiva em fevereiro de 1926, confirmando a filiação.

Figura 7: Fragmento do colunista “Ypê” sobre as duas ligas em Sergipe.



Fonte: Correio de Aracaju, edição de 27 de setembro de 1927.

Com a filiação de Cotinguiba e Sergipe à nova liga, em outubro de 1927 e posteriormente do Brasil, a FSEA passa a dominar a organização do futebol sergipano, extinguindo a antiga LDS. Com a participação de Sergipe nos campeonatos nacionais, e com o reconhecimento da profissão de jogador de futebol, em 1933, abrem-se novos campos pro desenvolvimento do futebol sergipano.

Portanto, a formação de diferentes ligas para a gestão do futebol sergipano nas duas primeiras décadas refletiu, de certo modo, os conflitos políticos entre os grupos e parentelas dominantes. Aqui se identifica um importante ponto na construção do campo profissional, destacado por Bourdieu: lutas e disputas internas ao campo, pelo controle das regras que o conduzem. Essas lutas representadas pelas disputas das entidades esportivas, eram internas na medida que as preocupações giravam em torno de objetivos esportivos, de interesse interno ao campo. Entretanto, seus objetivos específicos não permitem supor que as lutas eram independentes de outras esferas ou campos, na medida em que sua relação com os conflitos políticos protagonizados pelas parentelas é revelada. Os laços dos primeiros clubes com as elites agrárias, refletiam não apenas seu *habitus* enquanto forma de distinção de classe, mas também, e sobretudo, os conflitos políticos entre as parentelas compostas por essas elites.

Entretanto, o investimento dessas parentelas no meio futebolístico não se dá apenas a nível de transmissão de *habitus* da elite agrária. A sessão seguinte busca demonstrar uma outra forma de investimento, a partir da relação entre patrão e emprego nas fábricas têxteis do estado.

2.3 Formação ofensiva: o padrão proletário

Buscou-se demonstrar que as três primeiras décadas da prática futebolística em Sergipe estiveram dominadas por membros da elite econômica. Embora a prática em si não fosse restrita a uma classe ou grupo⁴, os clubes de futebol eram, em sua maioria, compostos por membros de famílias tradicionais ligadas ao agronegócio e aos empreendimentos estrangeiros nos país (em geral, funcionários ligados às empresas inglesas que atuavam no Brasil). Não se trata de afirmar que a prática futebolística no estado de Sergipe se restringiu à elite, mas de constatar que os clubes de maior expressão no estado possuíam esses vínculos. Cabe mencionar, assim, o trabalho de Pereira (1998), no qual se expõe a transformação no futebol do Rio de Janeiro, ainda nas primeiras décadas, deixando de ser um esporte das elites e passando, rapidamente, para uma prática popular. Além disso, Correia (2020) demonstra a multiplicidade de clubes nascidos na cidade de Rio Grande - RS, com diferentes origens e composições sociais no início do século XX, apontando para uma diversificação daquilo que chamou de “cultura futebolística”. Esses aspectos apontam para a necessidade de um olhar atento, também, para clubes com menor apelo e duração de existência.

Em Sergipe, entretanto, os principais clubes estavam relacionados a importantes famílias que disputavam o poder político no Estado, ligadas sobretudo às atividades rurais (produção de cana de açúcar). O cultivo e o beneficiamento da cana de açúcar era a principal atividade econômica sergipana desde o começo do século XVIII, seguido pelo plantio de algodão (MELO; SUBRINHO; FEITOSA, 2009). Da mesma forma, as famílias ligadas a essa produção, em geral proprietárias dos engenhos de cana de açúcar, detinham o poder político e econômico do estado.

Entretanto, esse não foi o único padrão observado. Antunes (1994) identifica o crescimento do que chamou de "clubes de fábrica" pelo Brasil. No Rio de Janeiro, o Bangu Athletic Club, fundado em 1904, foi o pioneiro desse tipo. Ligado à Cia. Progresso Industrial, o time contava com suporte financeiro da fábrica para equipamentos, vestuário, viagens e até

⁴ "Mas, ainda que equipes populares e times de fábrica passassem a fazer parte dos torneios, o controle político da liga e a organização das competições estavam nas mãos dos clubes de elite, que procuravam preservar o status diferenciado de seus esportistas evitando maior miscigenação" (PRONI, 2000, p. 104).

local para a prática. A capacidade financeira das fábricas possibilitou que os times que daí nasceram se sobressaíssem, seja pela estrutura física oferecida pela fábrica, seja pelo "profissionalismo marrom", prática na qual jogadores eram contratados pelas fábricas como funcionários fictícios, com o único intuito de integrar o time.

Antunes (1994) aborda o controle da direção da fábrica sobre os times:

Queria saber como o dinheiro era aplicado, quais atividades haviam sido desenvolvidas, quais montantes gastos, o que podia ser feito através da elaboração de relatórios de atividades e balancetes mensais ou anuais (ANTUNES, 1994, p. 105).

Aqui se destaca o interesse que a fábrica tinha na manutenção do time. Primeiro, porque o time ostentava o nome da fábrica, e contribuía na divulgação da marca. Assim, se apresentava como forma viável de propaganda cujo objetivo era aumentar as vendas. Nesse sentido, tratava-se de um investimento. Em segundo lugar, estreitava-se a relação da fábrica com a população do bairro através do futebol. Os industriais promoviam bailes, piqueniques, confraternizações e festas onde a prática do esporte era comum.

A criação do esporte moderno corresponde a uma construção social (PRONI, 2000). O autor considera as contribuições de Eric Dunning e Nobert Elias, ao associar o esporte moderno às ideias do processo civilizador. Ou seja, a emoção e o desejo transbordados pela prática esportiva, associados ao mecanismo de controle, típico de uma sociedade burguesa. O futebol seria a expressão desses ideais e mecanismo ao propor as regras de controle dessa emoção, baseando-se na disciplina do corpo pelos exercícios específicos, e os limites de ação impostos por regras fixas.

Esse modelo social, político e econômico representava, em alguma medida, a cidade de Aracaju (RIBEIRO, 2005). O autor faz referência a processos como urbanização, tecnologização dos meios de transporte e comunicação.

Além disso, o modelo de envolvimento da criação do Sport Club Industrial e da Associação Desportiva Confiança se assemelha ao modelo têxtil observado na Inglaterra. Primeiro, pelo fato de que a participação de engenheiros ingleses no processo de implementação do futebol no Brasil se deu pelo contato das elites com a Inglaterra. Além disso, os descendentes ingleses introduziram aqui a prática esportiva.

Dois pontos são destacados pelo autor ao tentar elencar o contexto burguês da Inglaterra ao caso de Aracaju, para mostrar que o modelo de criação de "times industriais" seguiu a partir

do modelo “típico” da Inglaterra, traçado pelo autor: esse modelo pressupõe um processo de industrialização e a relação capital x trabalho.

É possível fazer uma leitura dessa relação atentando-se para o papel de dois personagens, como agentes paternalistas diante seus funcionários: Joaquim Sabino Ribeiro, proprietário da Fábrica Confiança, e Thales Ferraz, diretor da Sergipe Industrial. É o que faz Santos (2014), adotando as três características propostas por Michelle Perrot:

1) Presença física do patrão nos locais de produção, 2) Relações sociais do trabalho acontecem conforme o modelo familiar, pois o patronato projeta sobre si uma imagem de pai que se preocupa com os seus operários dando-lhes empregos e benefícios, 3) Os operários aceitam essa forma de integração e até colaboram; identificam-se com o patrão e com a fábrica (SANTOS, 2014 – p. 132).

O discurso do projeto de modernidade chegou a Aracaju, acompanhado de uma alta na produção têxtil alavancada sobretudo pela Fábrica de tecidos Confiança e a Sergipe Industrial. A construção da Vila Operária da Sergipe Industrial participou desse momento de modernização urbana em Aracaju, oferecendo serviços e equipamentos no bairro Industrial. A vila contava com escola, casas para os operários, cinema, igreja, parque e serviços médicos. A relação entre patrão e operários, que se fortalecia com a o paternalismo e com as "dádivas" dadas pela fábrica serviram para controlar as tensões advindas dos conflitos trabalhistas. (Calazans, 2013).

Dentre as opções de lazer, se destacavam as quadras para a prática esportiva de modalidades diferentes, como basquete e vôlei, além de um campo de futebol. E a partir da existência do parque, que nasce o Sport Club Industrial, o primeiro "clube de fábrica" de Sergipe.

Sendo uma cidade pequena, Aracaju não era dotada de serviços básicos e nem de equipamentos de lazer para a sua ainda mínima população. Entra aí a importância da fábrica 'Sergipe Industrial' pela criação do seu PARQUE, concebido e construído sob a orientação direta do engenheiro têxtil Thales Ferraz, figura singular de empresário, formado em Manchester, na Inglaterra, no começo do século [XX]. Já formado e dirigindo a fábrica, Thales Ferraz fez uma visita aos Estados Unidos e trouxe de lá algumas ideias de equipamentos de lazer públicos (...) cinema às quartas e sábados... bar... além de campo de futebol, quadras de basquetebol, vôlei e de esportes femininos [sic], além de uma banda de música formada por moças (...). A população operária, pouco mais de mil, gozava de toda essa equipagem de lazer e ainda tinha, além da cada, pela qual pagava um décimo de seu salário, escola para seus filhos, armazém, para compras, bibliotecas, médico e farmácia gratuitamente e

passaios aos quais a figura gorda de Thales Ferraz se incorporava (BARRETO, 1982 APUD CALAZANS, 2013 – P.39).

O Sport Club Industrial encerra suas atividades em 1923, depois que o patrono do clube e diretor da fábrica Thales Ferraz manifesta sua desaprovação para com os o futebol sergipano e sua direção. Cabe aqui ressaltar que o patrono do Industrial não tinha uma boa relação com os membros da LDS, e esse foi um dos motivos que o fez decretar o fim do clube. Mas, ainda que o clube tenha deixado de existir, é possível classifica-lo dentro do padrão proletário, tendo em vista as origens do time vinculadas à relação entre fábrica e funcionários. Essa relação, calcada no paternalismo ajudou a criação de um perfil benevolente de Thales Ferraz no imaginário da sociedade sergipana. Quando de sua morte, em 1927, a imprensa destacava as “virtudes” do industrial e reforçam a construção de sua imagem baseada em sua “benevolência”.

A sua perda é sensível, muito principalmente para aqueles que sentiam de perto a generosidade do seu coração. Era uma alma boa, e por esse prisma é que registamos os infausto acontecimento que repercutiu dolorosamente no seio da sociedade sergipana que o apreciava pelo seu justo valor. O Sergipe Jornal, registrando o lutuoso facto, associa-se ao pesar profundo que consterna a família e os amigos do pranteado morto, ao tempo que apresenta a sinceridade de sua mágoa (SERGIPE JORNAL, 1927 – sem página).

A Associação desportiva Confiança foi fundada em 1 de maio de 1936, inicialmente voltada para a disputa de basquete, vôlei e atletismo. Idealizada por Epaminondas Vittal e Isnard Cantalice, funcionários da fábrica, o projeto foi adotado pelo proprietário da fábrica, Joaquim Sabino Ribeiro. Os times das referidas modalidades obtiveram destaque nas competições que participavam, sobretudo a equipe de vôlei feminino, campeã de todas as competições que disputou entre 1938 e 1947 (Figura 8). Obtendo sucesso esportivo e atento a mobilização de funcionários que as competições possibilitavam, funda-se em 1 de maio de 1949 o time de futebol da fábrica.

No que se refere à relação entre a Fábrica Confiança e seus empregados, Santos (2014) identifica nessas interações as características destacadas do paternalismo. Primeiramente mostrando, a partir de conflitos judiciais entre a fábrica e alguns ex-funcionários, como a figura do patrão está presente no local de trabalho como alguém que irá decidir, em última instância, sobre esses casos. O patrão, nesse caso o diretor Joaquim Sabino Ribeiro, é sempre tomado como alguém que está acima de todos os postos, e sua capacidade e poder dentro da empresa geram expectativas em seus funcionários.

Além disso, é possível observar que Joaquim Sabino Ribeiro oferecia, através da fábrica, opções de lazer (festas, baile, cinema, prática esportiva) e também assistência médica, odontológica e acesso à educação dos filhos dos operários. A relação que se estabelecia entre os empregados e a fábrica, segundo Ribeiro (2005) estava dentro do projeto civilizador proposto por Elias. Em Aracaju, as estruturas urbanas modernas se instalaram nos bairros da região sul da cidade. A Fábrica de Tecidos Confiança, instalada no Bairro Industrial, se aproximava dos moradores da zona norte, os quais eram preteridos dentro desse processo modernizador urbano.

Merecem aqui especial cuidado os habitantes dos bairros afastados e os trabalhadores. Instituto de Educação há alunas residentes na Atalaia, ou no Posto Fiscal, que, normalmente, fazem a pé, quase todo imenso percurso. E as nossas massas operárias ficam à margem da elevação cultural de nível secundário, quando o tempo presente exige que se atribua ao povo sempre maior participação no patrimônio comum da inteligência (A CRUZADA, 1952 – sem página).

Figura 8: Equipe feminina de vôlei da ADC.



Equipe feminina de vôlei do Confiança foi campeã absoluta por nove anos, de 1938 a 47.

Fonte: Acervo da Associação Desportiva Confiança.

A fábrica passa a ter um papel social e um papel voltado ao lazer. A Fábrica de Tecidos Confiança passa a oferecer confraternizações, festas, além da oferta da prática esportiva, como prolongamento do trabalho. Nesse sentido, a Fábrica Confiança estreitava suas relações com seus funcionários, criando um sentimento de identidade possibilitado pelos diversos espaços de

socialização. A ADC representou, assim, uma forma de demonstração esportiva dessa identificação, sobretudo quando se leva em consideração a composição social dos torcedores ligados ao clube, e que era destoante do padrão elitista dos rivais.

Estimulava-se a realização de festas, a criação de competições esportivas, a criação de espaços para jogos e momentos de lazer, bem como, a criação de equipes de futebol, basquete, vôlei, etc. E, neste aspecto, o esporte cumpre este papel de deixar as coisas muito 'iguais'. Quando se opera sua prática, rompe-se a barreira de classe e aparece um princípio de 'igualdade', de 'socialização' (RIBEIRO, 2005, p. 91).

A prática esportiva também fora impulsionada dentro das fábricas pelo poder público. A nível nacional e oficial, com Vargas, se reconhecia a legitimidade de contratos trabalhistas entre jogadores e clubes. A nível estadual, a prática esportiva era bem vista no imaginário ideológico modernizador, sobretudo dentro do poder público (SANTOS, 2014). O esporte era aliado na formação de trabalhadores sadios, ágeis e dispostos, capazes de aperfeiçoar a produtividade econômica das indústrias e, conseqüentemente, da economia sergipana.

A profissionalização, entendida como a regulamentação do contrato de trabalho para jogadores de futebol, é oficializada no Brasil em 1933. Nos clubes de fábrica, mesmo antes da regulamentação, o futebol era alvo de interesse também de operários, por se caracterizar como uma importante oportunidade de trabalho.

Proni (2005) aponta para uma crise no modelo amador, e destaca três principais motivos. O primeiro diz respeito à popularização do futebol, transformando-se em espetáculo popular. Essa nova forma do esporte demanda maior eficiência e busca por resultados, possibilitando a entrada de jogadores que buscavam no futebol uma fonte de renda, e se dedicavam mais a prática. Segundo: um ambiente de mudanças sociais que demandam direitos civis e sociais. E por último, a transição política que marca o final dos anos vinte e início dos anos trinta, que enfraquece a força política das antigas elites⁵.

Antunes (1994) defende a ideia de que a composição dos times se modificou, preterindo os operários em nome de jogadores. Essa diferenciação é importante: trabalhadores e operários-

⁵ Com relação ao último aspecto, é preciso romper com a ideia de que as mudanças políticas da década de 20 e 30 significaram uma ruptura com o modelo elitista, ou a saída completa da influência dessa parcela da população. No Rio de Janeiro e em São Paulo, os conflitos entre os elitistas e os clubes "progressistas" e defensores do profissionalismo foi marcado por tensões, rachas e desentendimentos. Só foi possível a unificação do futebol nesses estados a partir de uma rearticulação entre as duas frações. Em Sergipe, movimento similar ocorre, embora a profissionalização tarde a ser oficializada. Já na década de 30 e 40, os clubes de fábrica contam com jogadores pagos para compor os times de futebol. Além disso, a dimensão estadual dos conflitos políticos nacionais representou também conflitos na organização do futebol sergipano, como já demonstrado.

jogadores. Os primeiros eram funcionários das fábricas que praticavam o esporte por lazer, e o entendiam como fonte de entretenimento.

Os operários-jogadores eram contratados pela fábrica menos por seu talento como trabalhador industrial, e mais por seu rendimento futebolístico. Esses funcionários recebiam regalias nas fábricas, e tinham facilitadas suas promoções. Era uma dupla possibilidade: os ganhos como jogador e como funcionário.

O futebol passa a representar então uma alternativa de mobilidade social para as classes mais baixas. Dessa perspectiva, abre-se a possibilidade de uma carreira no futebol.

Em Sergipe, a prática era comum no Industrial e no Confiança. Times que não contavam com o apoio financeiro das fábricas estavam suscetíveis à perda de jogadores, pela impossibilidade de oferecer rendimentos mais atrativos, como demonstra o depoimento de Seu Delmar Teles de Souza (Figura 9 e 10), que atuou pelo Olímpico entre 1957-1959 e no Sergipe 1959-1964:

Figura 9: Delmar Teles de Souza, o terceiro em pé, da esquerda para direita.



Fonte: Arquivo pessoal de Delmar Teles de Souza.

Quando eu fui pra Penedo, jogar lá pelo Penedense, eu fui porque estava de licença *premium*, são seis meses de licença. Aí terminou a licença lá, e eu vim e pedi uma pra interesse particular. É um ano né?! Aí fiquei em Penedo lá. Só vim quando terminou. Aí voltei a trabalhar de novo. Aí na volta, em 63, assinei o contrato pelo Sergipe de novo. [...] E ainda da gente pra Penêdo, foi porque a gente pediu aumento... eu, Nilson, os irmãos, eram cinco que jogavam, a gente era um pouco elevado na categoria. Aí a gente queria ganhar mais né. Aí a gente fez um pedido de aumento, aí eles (diretores do Sergipe) não liberaram. Aí o cara de Penedo, a gente sempre ia jogar lá, ele gostava da gente

e fez uma proposta pra ir jogar lá emprestado. E justamente lá, nós fomos emprestados ganham mais lá do que ganhava aqui. Aí lá, num ano que joguei lá, eu consegui comprar uma caminhonete. Meu primo conseguiu comprar uma motocicleta [...] (Delmar Teles de Souza).

Figura 10: Delmar (primeiro em pé da direita para esquerda), no time do Sergipe, início da década de 60.



Fonte: Acervo pessoal de Delmar Teles de Souza.

Na medida em que a discussão sobre a legitimidade de um “profissionalismo” no futebol é acirrada pelas possibilidades criadas através dos clubes de fábrica. Embora Delmar não tenha jogado nos “clubes proletários”, mantinha expectativas quanto ao rendimento financeiro que poderia obter através do futebol. Tal expectativa foi aprofundada, sobretudo quando a ADC investe na contratação de jogadores de outros estados, e buscando sempre os melhores atletas dentro e fora de Sergipe.

Observa-se, portanto, o interesse pelos resultados positivos, expressado pelo investimento em jogadores e na contratação de árbitros de outro estado. Essa perspectiva com a qual se olha as competições contrasta com os ideais de apreciação do jogo (e não do resultado) e competição em igualdade de condições, típicos do padrão elitista. Evidentemente que as regras do esporte moderno, ao qual está inserido o futebol, prezam por essa igualdade. Entretanto, àquela altura, o “profissionalismo marrom” era visto como um mal que feria esse princípio, criando grandes disparidades entre as equipes.

Na década de 1950, o futebol sergipano se encontra em crise. Essa crise é caracterizada pelo desinteresse do público geral, pela debandada de jogadores para o futebol sergipano para Bahia, e pelo crescente desinteresse de clubes nas competições (FILHO 2014b). É nesse cenário que assume a presidência da Federação Sergipana de Desportos, em 1958, Robério Garcia. Através da gestão de Robério Garcia, o futebol em Sergipe passa por mudanças, entre as quais se destacam o 1º campeonato estadual unificando os times do interior e da capital, e a oficialização e consolidação do profissionalismo. Aqui, se regulariza-se legalmente a situação dos jogadores, que passam a ter vínculos com os clubes, contratos e direitos trabalhistas devidos.

Por fim, a essa altura, é preciso retomar alguns pontos. Até aqui, buscou-se demonstrar a existência de dois padrões no surgimento de clubes em Sergipe: O padrão elitista, caracterizado pelo surgimento junto a clubes sociais frequentados, em sua maioria, por famílias de elites; e o padrão proletário, identificado pelas origens no interior das fábricas têxteis, nascendo como um desdobramento do paternalismo dos proprietários das fábricas frente a seus operários.

O padrão proletário, cuja maior representação no estado é a ADC, significou um importante impulso e no caminho da regulamentação profissional de jogador de futebol em Sergipe. Isso se deve ao contínuo investimento da fábrica no clube e o contraste com os valores de elite ainda presentes no esporte durante a primeira década do século XX. A “profissionalização” consolida-se em 1960, como dito, sobre a gestão de Robério Garcia.

Mas cabe aqui indagar: a inquestionável diferença entre os padrões e seus valores conflitantes significaram a superação de um pelo outro? Ou a profissionalização foi um resultado automático do novo tipo de gestão que as fábricas impuseram aos clubes?

Para responder às questões, é preciso retomar a mesma verificação efetuada no capítulo anterior, examinando a biografia de agentes que estiveram à frente dos clubes e da federação. O exame busca indicadores de origem social, associação política e matrimonial, e focará nas figuras de Thales Ferraz, Joaquim Sabino Ribeiro e Robério Garcia.

2.4 A diferença não resultou em antagonismo

Os termos “time de elite” e “time proletário” foram recusados propositalmente. A adoção da classificação por padrões toma como critérios a origem dos clubes e a parcela da população ao qual o clube estava identificado. De maneira alguma, supôs que esses padrões significassem formas antagonicas de formação de clubes. Pois, é insuficiente que se olhe para essas origens, sem levar em consideração os agentes que estiveram ligados aos clubes e também

à federação, sobretudo os agentes dotados de poder para influenciar, organizar e dirigir essas instituições.

Por isso, o exame se inicia com Thales Ferraz, diretor da Sergipe Industrial e patrono do Sport Club Industrial, primeiro clube do padrão industrial em Sergipe. A Sergipe Industrial, fundada pelos irmãos Cruz, tinha laços com famílias que compunham a oligarquia rural do Estado. Através do casamento de Thomaz Rodrigues da Cruz com Clara Rollemberg, da família do Barão de Japarutuba (avô de Gonçalo de Faro Rollemberg). Essa relação matrimonial possibilitou o empreendimento industrial:

Esse casamento formou um capital estimado em 300:000\$. O valor, contudo, não foi suficiente para os planos dos Cruz e eles tomaram empréstimos na forma de ações no valor de 200\$000 cada, ou seja, empréstimos na forma de investimentos tendo o lucro da futura fábrica como retorno prometido aos investidores (CALAZANS, 2013 – p. 25).

Ao longo do século XIX, a família Rollemberg exerceu importante participação política e também econômica em Sergipe. Investiu em matrimônios dentro da própria família (o que ajudou na manutenção do poder dentro da família), e também estabeleceu matrimônio com grupos "de fora", possibilitando alianças com grupos importantes no estado (PETRARCA, 2017). Parece ser o caso do matrimônio entre Thomaz Rodrigues da Cruz e Clara Rollemberg, irmã do Senador Gonçalo Rollemberg.

Gonçalo de Faro Rollemberg, nascido em 1860 no Engenho Maria Teles em Maruim – neto, pelo lado materno, do Barão de Japarutuba (enteado de João Gomes de Mello – Barão de Maroim), e pelo lado paterno, de um Capitão Mor de Sergipe. [...] Herdeiro do Engenho do Topo, casou-se em 1884 com Aurélia Almeida Dias Coelho Melo, herdeira do Engenho Escurial e filha do Barão de Estância (Antonio Dias Coelho), um dos maiores produtores de açúcar da região de Estância. Assim, ele uniu a produção de açúcar do vale do Cotinguiba, do qual era um dos proprietários com seu Engenho do Topo, à produção de açúcar da região do Vaza-Barris por meio da relação com o sogro, proprietário do engenho Escurial (PETRARCA, 2017. p. 102).

A aliança que se estabeleceu com a Thomaz permitiu a ampliação da força política dos Rollemberg através do matrimônio. Thomaz, que era médico, agropecuarista e industrial, já havia ocupado cargos políticos. E sua participação política inclui os mandatos de Deputado Provincial por Sergipe (1884-1885); Governador de Sergipe (1889); Senador por Sergipe (1890-1891 e 1891-1893).

Embora os irmãos Cruz tenham sido os principais nomes ligados à fundação da Sergipe Industrial, não eram os únicos proprietários. José Augusto Cezar Ferraz, pai de Thales Ferraz, também pertencia a importantes famílias em Sergipe. Era agropecuarista e um dos proprietários da Sergipe Industrial. Essa condição familiar permitiu a Thales que estudasse em Manchester, na Inglaterra. Como visto, essa possibilidade de formação superior no estrangeiro configurou um investimento das famílias de elite, que buscavam ampliar seu poder via diplomas. Tendo cursado Engenharia Têxtil, mobiliza seu conhecimento técnico no intuito de reformar as relações da fábrica com o operariado. Dessas reformas nasceram o Parque Industrial e a Vila Operária.

A partir dessas informações, podemos observar indicadores de origens sociais e atuação política. Seja pelas ocupações das famílias dos proprietários da fábrica, seja pela constatação de sua participação política, podemos classifica-los dentro do espectro social. O mesmo vale para Joaquim Sabino Ribeiro.

Já no segundo década do século XX, a atividade têxtil assume, em Sergipe, a segunda mais importante atividade em valores na exportação. As duas maiores fábricas – Fábrica Confiança e Sergipe Industrial – tinham importante participação nessa elevação, desbancando a venda de algodão como segunda atividade mais importante nos valores de exportação (Tabela 6). Os industriais representavam assim uma importante fração da economia do estado, fazendo-os compor os principais grupos econômicos e sociais. Essa condição permitiu, inclusive, reproduzir o investimento que as tradicionais famílias faziam na educação de seus filhos, mandando-os para estudar em centros maiores no país ou no exterior.

Tabela 1: Participação em % nos valores da exportação.

1891-1929			
Anos	Açúcar	Algodão	Tecidos
1891-1895	61	16	1
1896-1900	76	12	2
1901-1905	54	34	2
1906-1910	54	28	7
1911-1915	49	7	24
1916-1920	62	4	18
1921-1925	51	7	29
1926-1929	50	5	30

Fonte: Passos Subrinho (2000).

Joaquim Sabino Ribeiro, filho de Sabino José Ribeiro (industrial) e de Joana Ribeiro Chaves. Seu pai era fundador e proprietário da Fábrica de tecidos Confiança. Estudou em colégio militar no Rio de Janeiro (1926-1932), e formou-se agrimensor na Escola Eletrotécnica de Itajubá-MG, tornando-se diretor e presidente da Fábrica Confiança em 1935.

No que se refere a cargos no estado. Foi membro do Departamento Administrativo de Sergipe (1941); vice-presidente do Departamento Administrativo de Sergipe (1947); tesoureiro do Conselho Fiscal do estado (1955), além de governador de Sergipe em 1947.

Joaquim Sabino Ribeiro ocupou também cargos em instituições de representação profissional, como presidente do Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem de Sergipe (1958); representante da Federação das Indústrias de Sergipe (1960), junto à Confederação Nacional da Indústria (CNI); e vice-presidente da Federação das Indústrias de Sergipe.

Aqui deve-se atentar, sobretudo, para a origem social e atuação política do presidente da Fábrica Confiança. Sua origem social remonta à aparcela abastada no estado, vinculada com os movimentos políticos e econômicos do estado.

O último agente ao qual os indicadores serão buscados é Robério Garcia, presidente da Federação de Desportos de Sergipe quando da “profissionalização” do futebol no estado. Robério Garcia é filho de Antônio Garcia Sobrinho (farmacêutico) e Antônia Menezes Garcia, e faz parte de uma família de políticos, como demonstra publicação do Jornal do Dia⁶.

Antônio Garcia Filho, irmão de Luiz Garcia, formou-se em médico na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1941. Retornou a Aracaju onde dirigiu o Hospital Santa Izabel, a convite de Augusto César Leite. Cabe mencionar aqui a importância dos vínculos profissionais para as alianças políticas em Sergipe. Teve atuação em cargos públicos (Secretário Estadual de Educação, Cultura e Saúde), cargo em instituição de representação profissional (Presidente da Associação de Medicina de Sergipe, do Conselho Regional de Medicina de Sergipe e da Sociedade Médica de Sergipe) além de participação política na fundação do partido Socialista Brasileiro em Sergipe.

Luiz Garcia, seu irmão, teve longa atuação política na segunda metade do século XX em Sergipe. Segue a tendência dos bacharéis do estado formados em centro maiores, graduando-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito da Bahia. Abaixo

⁶ “O maior expoente em termos diretivos do futebol sergipano foi, sem dúvida, Robério Garcia, ativo militante do PCB, irmão do ex-governador de Sergipe, Luiz Garcia, e de Joé Garcia Neto, que governou o Mato Grosso, e tio de Gilton Garcia, que foi deputado estadual em Sergipe e governador do Estado do Amapá. Como se sabe, a família Garcia teve uma forte presença na vida política de Sergipe nas últimas décadas. Por sinal, ótimas notícias sobre o estado de saúde de Gilton Garcia: está curado da meningite, depois de um período internado em São Paulo.” (MONTEIRO, 2012 - sem página).

reproduzido um trecho da biografia do político Luiz Garcia, disponibilizada pelo site da Câmara dos Deputados:

Atividades Partidárias: Vice-Líder, UDN, 1952; Vice-Líder do bloco parlamentar da oposição, 1956; Vice-Líder do bloco da minoria e da UDN, 1957; Líder Interino, UDN; Vice-Líder, ARENA, 1967, 1968, 1970; Vice-Presidente e Fundador, Grupo Brasileiro da União Interparlamentar.

Atividades Parlamentares: CÂMARA DOS DEPUTADOS - Legislaturas anteriores à 54ª: COMISSÕES PERMANENTES: Ciência e Tecnologia: Membro, 1973; Constituição e Justiça: Membro, 1968; Fiscalização Financeira: Suplente, 1971; Orçamento: Membro, 1971; Serviço Social: Membro, 1967. COMISSÕES ESPECIAIS: Destinada a viabilizar a exploração do petróleo no Brasil e a situação da Petrobrás: Relator, 1953; Polígono das Secas: Membro, Presidente, 1971; representar a Câmara dos Deputados nas solenidades da XXXII Exposição Agropecuária do Estado de Sergipe: Membro, 1973.

Mandatos (na Câmara dos Deputados): Deputado(a) Federal - 01/02/1951-01/02/1955, SE, UDN, Dt. Posse: 14/03/1951; Deputado(a) Federal - 01/02/1955-01/02/1959, SE, UDN, Dt. Posse: 03/02/1955; Deputado(a) Federal - 01/02/1967-01/02/1971, SE, ARENA, Dt. Posse: 02/02/1967; Deputado(a) Federal - 01/02/1971-01/02/1975, SE, ARENA, Dt. Posse: 02/02/19

Atividades Profissionais e Cargos Públicos: Presidente, Cia. de Transportes Coletivos (CTC) da Guanabara; Promotor Público; Professor da Escola Técnica de Comércio de Sergipe e da Fac. de Direito de Sergipe; Diretor, Correio de Aracaju, SE; Professor de Direito do Trabalho, Fac. de Direito da Universidade Federal de Sergipe.

Atividades Sindicais Representativas de Classe Associativas e Conselhos: Membro, Academia Sergipana de Letras; Membro, Associação Sergipana de Imprensa; Membro, Instituto Histórico Geográfico de Sergipe; Membro, Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE), 1965-1966; Presidente, Conselho Diretor da Universidade Federal de Sergipe, 2000; Membro, Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).⁷

A importância da atuação ou vinculação em outras esferas de familiares se dá pelas possibilidades que geram. No caso de Robério Garcia, além desses indicadores proporcionarem sua origem social, denunciam também, no caso específico, uma via de acesso ao apoio estatal dentro da gestão na Federação Sergipana de Desportos. A posse do mandato realizada em 10 de janeiro de 1959 foi marcada por uma solenidade que reuniu dirigentes de clubes, membros da imprensa e o recém eleito Governador Luiz Garcia, então deputado federal, seu irmão. O

⁷ Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/deputados/131454/biografia>>. Acesso em 17 de novembro de 2019.

evento teve repercussão na imprensa e ganhou destaque no Correio de Aracaju⁸. O Gazeta de Sergipe destaca o discurso dos oradores na solenidade, inclusive quando Marques Guimarães, representante dos clubes da Capital, ao “conclamou aos poderes Públicos de Sergipe a ajudar melhor o esporte sergipano, tão esquecido e apático nestes últimos anos”⁹.

Esclarecendo que esses casos são exemplares. Primeiro porque permite identificar a origem social de personagens chave na fundação da Associação Desportiva Confiança e no Sport Club Industrial. Para isso, é importante levar em consideração a ocupação dos pais desses personagens. Essas ocupações, juntamente com indicadores de associação política, permitem acessar os grupos a que pertenciam, uma vez que os cargos no Estado tendiam a ser ocupados pelos membros de famílias de elite.

Já ao se analisar a vinculação e participação política da família e dos próprios personagens, pode-se identificar os vínculos entre os agentes com os movimentos políticos. Além disso, é através deles que se evidencia a relação futebol e política, em Sergipe. Figuras centrais na formação e profissionalização do campo futebolístico estiveram ligados à atuação política a nível estadual. Esse é o caso também de Robério Garcia.

A partir do quadro comparativo resumido é possível ter uma visualização dos vínculos. Embora algumas das variáveis não tenham ocorrência direta com os personagens, pode-se observar que essas variáveis estão influenciaram de forma indireta, seja na constituição do campo esportivo do futebol, seja na formação dos clubes de padrão elitista ou proletário. O quadro considera Mário Lins de Carvalho, Thales Ferraz, Enock Santiago, Aminthas José Jorge, Joaquim Ribeiro Chaves e Robério Garcia. Sobre esses personagens, considera-se sua vinculação com o futebol, a profissão do pai e formação acadêmica como indicadores de origem social, e a atuação política.

Quadro 1: Indicadores de importantes nomes do futebol sergipano.

Personagem	Vinculação	Profissão do pai	Formação	Atuação política
Mário Lins de Carvalho	Fundação do primeiro clube “Sport Club Lux” em 1909.	Agricultor	Estudou três anos em Salvador, onde	...

⁸ “Revestiu-se de invulgar brilhantismo a solenidade de posse do jornalista Robério Garcia na presidência da Federação Sergipana de Desportos” (CORREIO DE ARACAJU, 1959, sem página).

⁹ (GAZETA DE SERGIPE, 1959, sem página).

			teve contato com o esporte.	
Thales Ferraz	Fundação do Rio Branco Foot-Ball Club, em 1910 / Fundação do Industrial em 1917	Industrial	Estudou em Salvador e Engenharia Têxtil em Manchester.	...
Enock Santiago	Fundação do Rio Branco Foot-Ball Club, em 1910.	Feirantes	Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Bahia	Aliado político de Augusto Maynard.
Aminthas José Jorge	Membro fundador da Liga Desportiva Sergipana	Farmacêutico	Carreira militar	Participação no Governo Provisório de 1930; Movimento Tenentista
Joaquim Ribeiro Chaves	Presidente e patrono da Associação Desportiva Confiança	Industrial	Agrimensor na Escola Eletrotécnica de Itajubá-MG	Governador de Sergipe
Robério Garcia	Presidente da federação Sergipana de Desportos	Farmacêutico	-	Membro e militante do PCB.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa, 2019.

A escolha desses nomes não foram acaso, e obedeceram a alguns critérios. Primeiro, nomes que estivessem ligados de forma essencial à fundação dos primeiros clubes de futebol em Sergipe, que fazem parte do padrão elitista, e nome ligados aos clubes do padrão proletário. Segundo: nomes que fossem os responsáveis por mudanças no que diz respeito à organização da prática esportiva via instituição mediadora, como foram os casos do surgimento da LDS e da “profissionalização” do futebol a partir da FSD. Dessa forma, foram selecionados personagens que estiveram à frente dessas mudanças e ocuparam cargos de direção nos clubes e federações. Todos eles estiveram ocupando esse tipo de cargo e direcionaram as mudanças. Através da observação da origem social, constata-se que os agentes que estiveram à frente dos principais clubes - desde a origem do futebol em Sergipe até a profissionalização em 1960 – pertencem à famílias cujas atividades econômicas representavam as mais importantes forças produtivas do estado. Desse ponto de vista, é possível dizer que esses homens que tiveram participação efetiva na implantação e desenvolvimento do futebol em Sergipe eram todos

ligados a elite econômica do estado. Embora a narrativa que envolva a criação dos clubes de padrão proletário aponte para existência de clubes de operários, essa característica, como mostrado, refere-se à parcela da população ao qual o clube construiu identificação nas primeiras décadas e ao perfil dos jogadores que entrem em campo e são atores ativos do espetáculo.

No que se refere à origem dos clubes, esta esteve ligada umbilicalmente à elite tomando como marcos esses clubes, a fundação da primeira liga e a profissionalização. A ligação do Industrial e da ADC com a classe operária corresponde a um desdobramento do paternalismo que envolvia a relação. Cabe lembrar, os clubes nasceram como parte dos programas de oferta de lazer que os proprietários das fábricas ofereciam aos seus funcionários. O lazer era parte dos equipamentos oferecidos a uma população que esteve à margem do processo modernizador urbano em Aracaju. Dessa perspectiva, a primeira identificação se estabelece entre fábrica e funcionários, e é anterior à relação com os clubes.

Os times proletários serviam para efetivar identidades porque agregavam vários profissionais da mesma empresa e, mais tarde, de outras profissões e lugares. Essas redes de sociabilidades produziam uma afirmação de autonomia e também uma forma de luta dos trabalhadores, como foi o caso da greve de 1917 (SANTOS 2014, p. 139).

A diferença fundamental reside na atividade econômica dos fundadores, e não à classe ou grupo que pertenciam. Embora a idealização possa ter partido de funcionários, a efetivação do clube, assim como o financiamento para a prática e disputa dependiam diretamente das decisões dos donos das fábricas e patronos dos times. Sem esse apoio e controle financeiro, é impossível afirmar se os clubes teriam condições de se manterem por conta própria, sobretudo nas primeiras décadas de existência. Na própria história do futebol sergipano pode-se encontrar exemplos de clubes que não puderam arcar com os gastos advindos de treinamento, equipamentos, viagens, campeonatos e pagamento dos atletas¹⁰.

Ao classificar os exemplos como membros da elite, leva-se em consideração não apenas a profissão dos pais. Para isso, é preciso que se considere também a formação e atuação profissional dos próprios agentes e familiares. Nos casos de Enock Santiago, Aminthas José Jorge e Robério Garcia, é preciso que se atente para outros fatores. Sobre Enock, ainda que não tenha origens sociais de elite, desenvolveu uma carreira no direito que o permitiu galgar cargos de expressão, compondo a elite jurídica do estado (como já foi demonstrado). Além disso,

¹⁰ Santa Cruz Foot-ball Club, União Foot-ball Club e Vasco (SE).

quando ainda era adolescente, obteve de Olímpio Campos a generosidade para iniciar seus estudos, permitindo-lhe ascender profissionalmente (DANTAS, 2012).

No que tange aos exemplos da federação, evidencia-se a hipótese de ligação entre estado e futebol. Embora não seja uma novidade, a partir desse exemplo é possível verificar de que forma essa relação se deu em contexto sergipano. Mais especificamente, a ligação entre membros que presidiram instituições de organização esportiva e a esfera política. No caso de Robério Garcia, suas habilidades com oratória e, sobretudo, a esperança que residia em sua gestão mediante o apoio declarado de seu irmão, importante político no estado e recém eleito governador. Quanto à Aminthas José Jorge, as relações com as camadas de elite da sociedade e o prestígio que gozava advindos da carreira militar consolidada, possibilitaram juntar os clubes sob a organização da FSD, ao menos inicialmente, fundando a primeira instituição de organização esportiva no estado.

Portanto, o padrão proletário não significou uma ruptura na dependência do futebol diante das elites, através dos clubes. Significou, sobretudo, uma mudança no padrão de recrutamento dos jogadores, a partir do “profissionalismo marrom” ou profissionalismo oculto, que consistia sobretudo no pagamento aos jogadores de futebol pela prática esportiva (contrastando com os valores elitistas de prática). Nesse sentido, não se pode afirmar que o padrão proletário rompe os laços com a elite, embora sua identificação com os operários seja novidade.

Mais que isso, demonstra-se a relação futebol e Estado, através das parentelas. Tal como ocorrido nos espaços do Direito e da Medicina, o processo de formação do campo profissional do futebol esteve ligado às disputas e alianças políticas das parentelas do Estado. Na medida em que os cargos públicos (eletivos ou não) representavam a arena de disputa desses grupos, e nomes importantes do futebol sergipano estiveram ocupando vários desses cargos, podem comprovar a hipótese inicial da relação. Considera-se que os exemplos dados sejam suficientes para demonstrar essa relação.

O próximo capítulo adentra a uma outra dimensão do campo profissional do futebol em Sergipe. O foco situa-se não mais nas relações entre futebol e outras esferas, mas, ao contrário, em como essa influência externa estimula a criação e reprodução de novos conceitos. Esses conceitos só podem ser reproduzidos na medida em que os indivíduos do campo lhe conferem legitimidade, atribuindo, inclusive, sentidos diversos às práticas “de fora”. Assim, a ideia de profissionalização legalizada a partir de 1960 é diferente da ideia de futebol profissional que se fortalece no estado, sobretudo a partir de 2010. Essa “nova profissionalização” é, na verdade, o processo de modernização do futebol, que só se torna possível na medida em que os indivíduos

diretamente ligados ao futebol passar a atribuir à modernização um sentido de evolução qualitativa e competitiva.

3 POR DENTRO DO DRAGÃO PROLETÁRIO

Espera-se que a essa altura tenha se demonstrado alguns aspectos que permitem apontar para as importantes ligações que se estabeleceram entre o campo profissional do futebol sergipano e esferas outras, sobretudo a esfera política. Desde sua implantação até sua “profissionalização” em 1960, buscou-se demonstrar como o futebol, através dos clubes e das federações, estiveram ligados à esfera econômica e política. Embora seja possível identificar dois padrões de formação de clubes durante as cinco primeiras décadas, não se pode afirmar que os clubes estiveram desligados de seus laços políticos e de elites.

É preciso se atentar, porém, a uma outra fase e dimensão de desenvolvimento do futebol. Adotando uma perspectiva interacionista sobre as profissões, o intuito aqui é buscar nos profissionais do campo aquelas sutilezas que fogem à análises focadas nos diplomas e ignoram o cotidiano. Os códigos, a linguagem e as vivências específicas dos grupos nos oferecem caminhos para entender os fatores que possibilitam a ascensão profissional de jogadores. Além disso, considerando que os significados são produzidos a partir da interação humana (BLUMER, 1980), o contato com essa dimensão cotidiana dos indivíduos do meio permite captar os sentidos que atribuem a ideia de “profissionalismo”. Esse sentido de profissional, no futebol, se modifica sobretudo na segunda década desse século. Esses novos significados atribuídos, se captados, ajudam a compreender importantes fatores que influenciam na construção de um campo profissional.

A partir das concepções apresentadas anteriormente sobre “modernização do futebol”, o trabalho investiga um exemplo dessa transformação no estado. Essa mudança se evidencia na segunda década deste século, ou pode ser percebida nesse período a partir das mudanças empreendidas por um clube: Associação Desportiva Confiança. Disso não decorre, entretanto, a suposição que no período entre 1960 e 2010 o futebol tenha vivido uma fase homogênea. Entretanto, é a partir das novas exigências impostas por um suposto “futebol moderno” que se tornou possível questionar a profissionalização do futebol no estado – o questionamento parte, inclusive, de indivíduos que pertencem ao campo.

A partir das entrevistas realizadas com jogadores, treinadores, gestores e torcedores do clube, além de acompanhamento de treinamento, jogos e visitas regulares às dependências do clube, buscou-se indícios dessa transformação. Os dados permitem identificar uma percepção, dentro dos agentes do futebol sergipano, que o esporte tem sofrido mudanças significativas: desde a forma de se jogar, passando por uma mudança na “cultura de arquibancada” e técnicas de treinamento, chegando até a uma especialização técnica da equipe de gestão dos clubes. Mas,

em que medida essas mudanças podem ou não ser observadas em Sergipe? Se elas representam mudanças tão profundas - e parte-se da ideia que representam mesmo - essa questão é legítima na medida em que se trata de uma importância mudança no campo profissional do futebol, a ponto de modificar os parâmetros usados para classificar determinada prática ou organização futebolística como profissional ou não.

Nas entrevistas e observações diretas, foi possível identificar a recorrência do termo “profissionalização” para se referir a essas mudanças no esporte aqui denominadas de “modernização”. Tal fenômeno será considerado a partir do que havia dito Gonçalves e Carvalho (2006). Mais precisamente: mudança nas formas de treinamento e de prática do jogo em si; especialização profissional de membros da comissão técnica; especialização profissional de membros da diretoria.

Esse capítulo busca responder essas questões e propor uma observação a partir da Associação Esportiva Confiança. Uma importante parte dos dados obtidos vem da observação direta da equipe sub-20 do clube durante a disputa do Campeonato Sergipano Sub-20 de 2019. A aproximação com os atletas e comissão durante os jogos permitiu que a pesquisa adentrasse espaços como vestiário, alojamento dos atletas e campo de treinamento. Foi possível uma aproximação com o cotidiano dos entrevistados dentro dos espaços de suas ocupações. A seguir as constatações advindas desse trabalho, iniciando pelos critérios que definiram a escolha da Associação Desportiva Confiança.

3.1 Critérios do recorte: associação desportiva confiança

O Club Sportivo Sergipe e a Associação Desportiva Confiança são os maiores clubes do estado de Sergipe, levando-se em consideração desempenho esportivo histórico, conquistas, tamanho da torcida, participação em torneios regionais e nacionais, valores de mercado e formação de atletas. Portanto, um estudo sobre futebol no estado passa invariavelmente por esses clubes. Entretanto, devido às limitações de tempo para a execução da pesquisa, optou-se por um dos dois, a partir de critérios explanados adiante.

Os critérios se dividem em duas categorias: critérios esportivos e critérios financeiros. Os critérios esportivos refletem o desempenho do clube nas competições nacionais, regionais e estaduais. Portanto, levou-se em consideração: número de títulos estaduais, participação e desempenho em torneios regionais e nacionais, colocação baseada no ranking da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), títulos das categorias de base. Tais elementos refletem o resultado

esportivo profissional do clube, assim como o resultado da base como reflexo do investimento na formação de jogadores.

Os critérios financeiros refletem a influência e o investimento do time nos últimos anos. Tal critério tem o recorte temporal entre 2014 e 2018, haja visto a documentação existente. Os critérios são: valor de mercado do time, valor movimentado por transações.

Quadro 2: Colocação e pontuação da Associação Desportiva Confiança no Ranking anual da CBF.

Ano*	Posição	Pontuação
2019	53°	2.072
2018	54°	1.915
2017	56°	1.681
2016	70°	1.225
2015	82°	651

Fonte: Confederação Brasileira de Futebol.

Quadro 3: Colocação e pontuação do Club Sportivo Sergipe no Ranking anual da CBF.

Ano	Posição	Pontuação
2019	94°	717
2018	99°	648
2017	114°	458
2016	137°	292
2015	116°	381

Fonte: Confederação Brasileira de Futebol.

Quadro 4: Títulos conquistados pelas categorias de base neste século.

Sergipe	Confiança
3 títulos, sendo: <ul style="list-style-type: none"> • Campeonato Sergipano de juniores (2002, 2005 e 2008) 	10 títulos, sendo: <ul style="list-style-type: none"> • Campeonato Sergipano de juniores (2009, 2010, 2011, 2012, 2013) • Campeonato Sergipano Sub-17 (2008, 2009, 2011, 2012) • Campeonato Sergipano Sub-15 (2010)

Fonte: Federação Sergipana de Futebol.

Para os critérios financeiros, levou-se em consideração os valores apresentados pelo Transfer Markt, plataforma digital inglesa que conta com amplo banco de dados e oferece informações sobre os valores de jogadores profissionais de futebol, transações e valor do time. Tal ferramenta se apresentou como uma fonte confiável de informações sobre os valores de mercado de jogadores profissionais (LIMA; TERTULIANO; ARONI; MACHADO; FISHER, 2017). Os dados da plataforma são considerados não só por estudos acadêmicos, mas também pela mídia esportiva e pelo planejamento de clubes.

Levando-se em conta a plataforma, observa-se que o valor atual do time Associação Desportiva Confiança é equivalente a 1.45 milhões de euros. Já o time do Club Sportivo Sergipe, na cotação atual, vale o equivalente a 1.78 milhões de euros. Cabe ressaltar que tal valor é considerado a partir da soma do valor de mercado dos jogadores que compõe o elenco do clube.

Pode-se então afirmar um maior valor de mercado do Sergipe, embora outros parâmetros precisem ser analisados para se entender a importância do clube no mercado atual. Por isso, foi feito um levantamento sobre as transações realizadas nos últimos 5 anos. O procedimento foi realizado somando-se o valor de mercado dos jogadores envolvidos em vendas, compras e empréstimo nos últimos 5 anos - não significando necessariamente investimento ou recebimento desses valores pelos clubes. Os resultados são o seguinte:

Quadro 5: Associação Desportiva Confiança.

Temporada**	Vendas (em euros)	Compras (em euros)
2018/2019	1,15 M €	1,53 M €
2017/2018	1,93 M €	950 mil €
2016/2017	1,40 M €	1,28 M €
2015/2016	1,95 M €	1,73 M €
2014/2015	550 mil €	100 mil €
TOTAL	6.98 M €	5,59 M €

Fonte: *Transfer Markt*.

Portanto, levando em consideração o histórico recente de desempenho esportivo, o Confiança tem melhores resultados em campeonatos estaduais, além de melhores participações em campeonatos regionais (Copa do Nordeste) e campeonatos nacionais, participando inclusive da terceira divisão nacional. Além disso, o Confiança, apesar de ter um time com menor valor

atualmente, foi responsável por maior movimentação no mercado, levando-se em consideração o valor dos jogadores envolvidos em transações de venda, compra, empréstimo e troca, nos últimos 5 anos.

Quadro 6: Club Sportivo Sergipe.

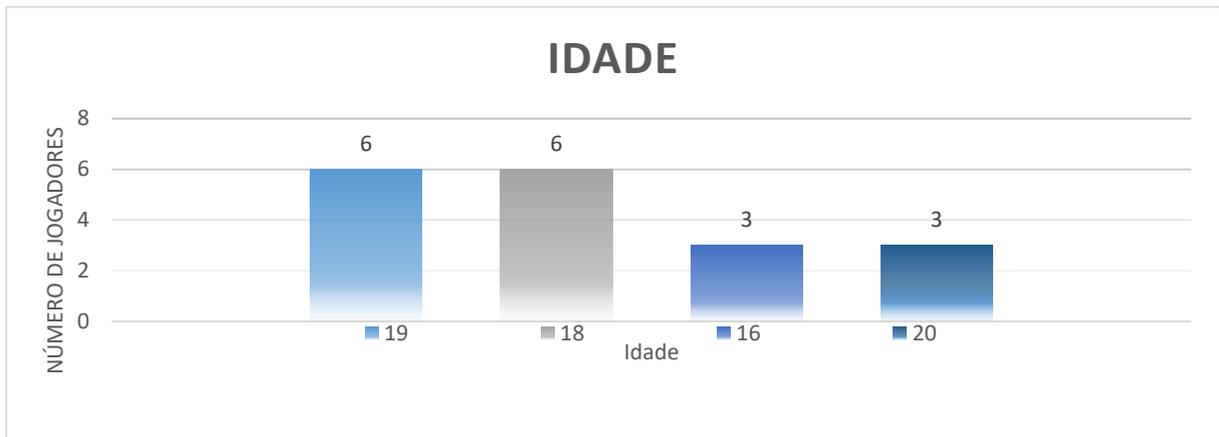
Temporada	Vendas (em euros)	Compras (em euros)
2018/2019	1,25 M €	100 mil €
2017/2018	1,15 M €	1,13 M €
2016/2017	275 mil €	1,25 M €
2015/2016	1,68 M €	100 mil €
2014/2015	200 mil €	250 mil €
TOTAL	4.555 M €	2.83 M €

Fonte: *Transfer Markt*.

Tendo em vista que o trabalho busca relacionar a profissionalização do futebol no estado, e pretende relacionar mudanças advindas da lei Pelé na organização dos clubes, tanto o lado financeiro como o esportivo devem ser considerados para a delimitação do universo empírico, haja vista a relação já demonstrada entre investimentos financeiros e reestruturação administrativa e desempenho esportivo.

3.2 Perfil da amostra

Foram entrevistados 18 atletas, todos eles da categoria sub-20 do clube. Desses atletas, oito já haviam feito contrato profissional com o clube até o momento final da coleta de dados. Devido a categoria escolhida, todos eles têm menos de vinte anos de idade. Apesar disso, encontram-se em diferentes estágios de formação profissional.

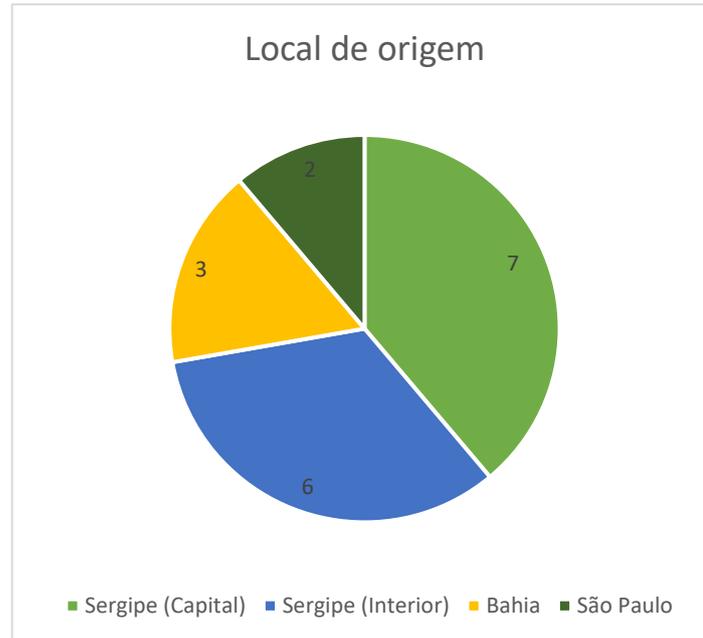
Figura 11: Distribuição dos entrevistados por idade.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das entrevistas.

A baixa incidência de atletas com menos de 18 anos na categoria sub-20 é reflexão dessa compreensão. Durante o processo de formação desses atletas, identifica-se que a categoria sub-20 é a última etapa para que o atleta possa “subir”. Atletas mais novos costumam compor a equipe de categorias mais acima em duas circunstâncias: porque é considerado como um talento acima da média, e mesmo com pouca idade pode ajudar a equipe na competição atual; ou porque o atleta está em um processo de “vivência”, sendo preparado para as principais competições da categoria nos anos seguintes. No segundo caso, é comum que o atleta sequer jogue. Essa prática se repete também com atletas da categoria sub-20 que passam a integrar o time profissional.

Com relação a origem, os atletas são oriundos de três estados: Sergipe, Bahia e São Paulo. Somando atletas do interior e da capital Sergipano, o número total é de 13 jogadores. A presença de jogadores da Bahia em times Sergipanos não é novidade, haja visto a relação do futebol dos dois estados ao longo da história e a proximidade dos estados.

Figura 12: Distribuição dos entrevistados, segundo a origem.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir das entrevistas, 2019.

Utilizando-se do mesmo critério adotado para estabelecer a origem social dos personagens ligados aos principais clubes do estado, aqui leva-se em consideração a profissão dos pais dos atletas. A maioria dos entrevistados se originam de classes menos abastadas. As dificuldades financeiras das suas famílias foram recorrentes nas entrevistas, e compõe parte dos motivos pessoais para a opção pela carreira de jogador, como se verá adiante.

Dentre os pais, em apenas um caso é exercida uma profissão cujo diploma de nível superior é exigido. Além disso, entre as outras profissões, em cinco casos a profissão é exercida de forma autônoma ou através de “bicos”, sem carteira assinada. São trabalhos informais. Entre as mães, embora a diversidade de profissões seja menor, há uma maior distribuição, levando em consideração a divisão entre profissões que exigem diploma de nível superior e profissões que requerem o “saber fazer” como qualificação. Ainda entre as mães, observa-se que a maioria exerce trabalho doméstico, incluindo trabalho na própria residência e trabalho em residência de outras pessoas. Em todos os casos, não se constituem como trabalho formal.

Seria preciso uma investigação para poder explicar a recusa ou omissão de alguns entrevistados em falar da profissão dos pais. Assim, qualquer suposição prévia sobre essa ocorrência seria desprovida de fundamentação empírica.

Quadro 7: Profissão dos pais e das mães dos entrevistados.

Profissão dos ascendentes			
Profissões dos pais		Profissões das mães	
Profissão	Quantidade	Profissão	Quantidade
Motorista	1	Doméstica	5
Eletricista	1	Auxiliar administrativa	2
Pintor	1	Professora	2
Segurança	2	Trabalhadora rural	1
Bombeiro militar	1	Balconista	1
Trabalhador rural	1	Farmacêutica	1
Cozinheiro	1	Desempregada	2
Comerciante	1	Não informado	4
Médico	1		
Ajudante geral	1		
Barbeiro	1		
Gari	1		
Não informado	5		

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das entrevistas, 2020.

Assim, tem-se uma amostra composta por dezoito atletas de base, entre dezesseis e vinte anos de idade, sendo maioria (13) natural de Sergipe. Entre as dificuldades do campo, nesse momento, cabe destacar o caráter “itinerante” dessa fase dos jogadores de futebol. Entrevistas com alguns atletas não puderam ser realizadas devido à curta passagem que tiveram na categoria sub-20 da Associação Desportiva Confiança. Outros que compunham o elenco durante o trabalho estavam em fase de testes, e foram “reprovados” antes que se pudesse realizar as entrevistas. As entrevistas, assim, ficaram restritas a um grupo que se manteve mais tempo no time durante a temporada 2019, incluindo jogadores que chegaram no meio do ano e se fixaram no grupo.

A partir de agora, serão apresentadas as conclusões derivadas do trabalho de campo, a partir do horizonte teórico mencionado anteriormente. O processo pode ser descrito da maneira que se segue. Primeiramente, observação direta, de caráter explorativo, realizada em jogos da ADC no Estádio Estadual Lourival Baptista (Figura 13), nos treinos das equipes profissional e sub-20 no Estádio Proletário Sabino Ribeiro. Nessas observações, conversas informais foram realizadas com torcedores dos clubes envolvidos nos jogos, com ex-jogadores da ADC (que ocupam ou não cargos nos clubes atualmente). Essa etapa ajudou a esclarecer os aspectos que compõem esse suposto movimento de “profissionalização” do futebol, ao qual Sergipe está excluído. Além disso, essa experiência foi frutífera na definição dos aspectos considerados para formação de um profissional que não conta com diploma ou documento oficial que comprove sua competência técnica em sua área de atuação.

Figura 13: Gramado do Estádio Lourival Baptista, antes do jogo Sergipe vs Confiança, pelo Campeonato Sergipano Sub-20 de 2019.



Fonte: Elaborada pelo autor durante trabalho de campo, 2019.

Figura 14: Gramado do Estádio Proletário Sabino Ribeiro.



Fonte: Tirada pelo autor durante trabalho de campo, 2019.

3.3 O diploma com prazo de validade

Em princípio, é plausível supor que a profissionalização do futebol se restrinja à regulamentação legal do regime e contrato de trabalho do jogador de futebol. Essa dimensão formal demonstra a influência direta na esfera política na concretização de um campo profissional. Ela permite criar expectativas determinadas pelos atores envolvidos quanto à sua carreira, molda as regras de ascensão profissional vertical, e formaliza um universo de valores e regras para atuação dos jogadores.

Assim como em 1933, a “profissionalização” – diante dos parâmetros acima mencionados - do jogador tenha sido instituída por Getúlio Vargas e, assim como da criação da Lei do Passe vinculava o jogador ao clube, prendendo-o mesmo depois do final do contrato. Diante desse cenário, não se pode recusar que a relação que se estabelece entre a esfera profissional do futebol e a esfera política (representada pelo Estado) é fundamental para o estabelecimento e entendimento do que venha a ser, formalmente, um jogador de futebol.

É possível afirmar que a prática futebolística se modifica de forma importante a partir das decisões do Estado, o que interfere diretamente na relação que o clube estabelece com os jogadores. Desde comportamentos aceitáveis ou não aceitáveis, por parte dos jogadores, até as estratégias financeiras dos clubes para manter as receitas diante de mudanças que regulamentam aspectos como remuneração, direitos e obrigações dos jogadores.

Na busca por essa influência no processo que foi denominado aqui como “modernização do futebol” (e que a partir de agora será chamado de “especialização profissional”), foi possível encontrar reflexos importantes da instituição da Lei Pelé. A referida norma legal extingue o passe e regulamenta alguns parâmetros na atuação profissional do jogador de futebol. A percepção dos atores sobre a lei é dual, devendo-se na consideração de aspectos positivos e aspectos negativos. Essa dualidade pode ser ilustrada a partir dos trechos a seguir, retirados de entrevistas realizadas com ex-atletas:

T1: No que eu conversei no dia a dia com os atletas mais antigos... muita gente falava assim ‘eu tinha 50 mil, comprava meu passe, eu ia lá e vendia meu passe...’ Hoje eu acho que o jogador está mais protegido. Porque hoje você tá no clube, você está a três meses sem salário, você pega sua rescisão e vai embora. Então hoje você tem um recurso pra recorrer e eu acho que essa lei veio pra defender o atleta. Dar um suporte maior pra ele e ele poder exercer a profissão dele. Porque esses clubes que não tem planejamento, o cara vai lá... deixa o cara sem receber, deixa o cara largado, dois ou três meses sem receber... o cara pode sair. Antes não, o cara tinha que ficar lá. Se o cara não comprasse o passe dele, ele não sairia. Então veio pra proteger o atleta. Eu acredito nisso.

Apesar dessa constatação, a Lei Pelé trouxe aspectos negativos no que diz respeito à gestão interna dos clubes, tendo em vista a modificação ou ampliação das possibilidades de negociação do jogador.

G1: Quanto a questão da profissionalização de atleta, essa questão se divide em antes e depois da aprovação da Lei Pelé. A Lei Pelé teve um lado positivo que foi dar liberdade aos atletas de seguir sua vida com o término do contrato

de trabalho. Antigamente não, mesmo com o término do contrato de trabalho vencido, o atleta continuava “preso ao clube”. A lei libertou os atletas nessa questão, mas em contrapartida há malefícios também. O principal no futebol de hoje é que devido aos atletas estarem livres, a partir dos 16 anos o atleta de base hoje, ele não fica preso a clube nenhum. A única coisa que prende, literalmente, o atleta hoje ao clube é um contrato de trabalho profissional. E hoje um jogador de dezesseis, dezessete anos, que ainda estão em formação final, o clube fica em uma situação muito complicada, porque ele é obrigado, pra não perder o investimento que ele fez no atleta naquele tempo, ele é obrigado a correr menos risco e profissionalizar esse atleta onde não haveria necessidade.

Nesse sentido, a partir de uma ótica formal, o que define um jogador de futebol profissional é um contrato profissional que o vincula ao clube. Uma garantia de rendimentos mensais, direitos trabalhistas e uma proteção contra as vontades e dominação de clubes. Entretanto, esse contrato tem um limite tempo. E, na medida em que os clubes precisam garantir os investimentos feitos na formação dos atletas, os contratos são feitos com cada vez mais antecedência. Por vezes, isso significa realizar um contrato com um jogador que ainda não completou sua formação, e não há certezas de que o fará. Portanto, embora o contrato regulamente a atividade, ele não garante que o jogador continuará na profissão ao término ou rescisão. Da mesma forma, o contrato não representa de fato o aprendizado e o domínio da expertise por parte do atleta, considerando que os aspectos econômicos tendem a influenciar a decisão de firmar um contrato profissional.

3.4 “O jogo é jogado”: as sutilezas do cotidiano

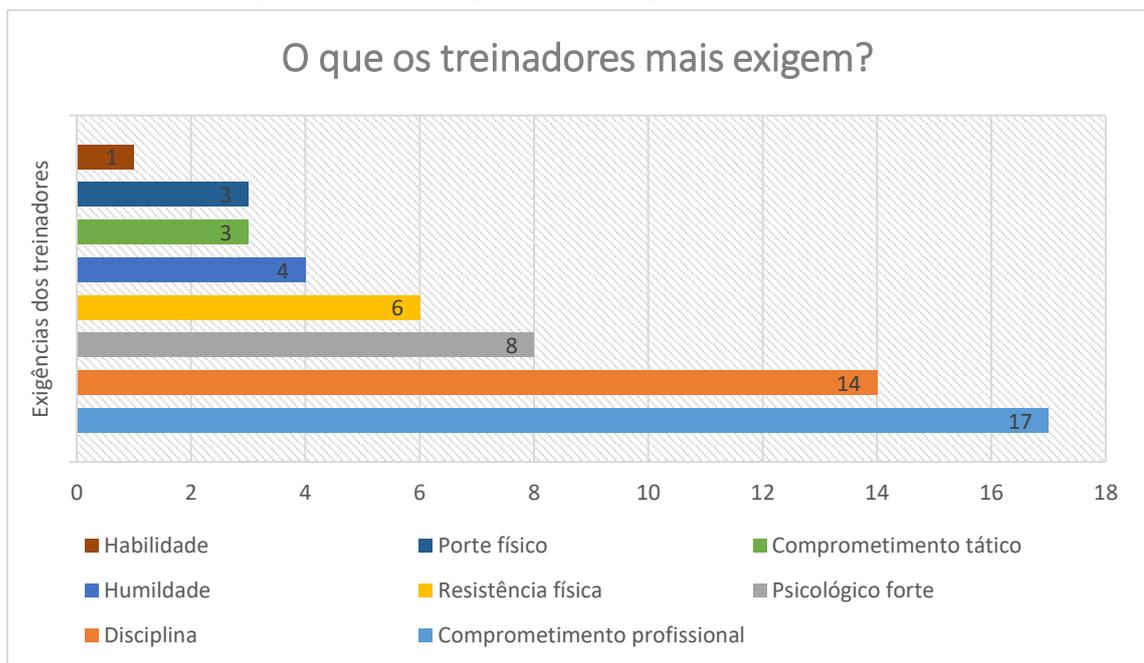
Partindo do pressuposto que as determinações da esfera judicial não satisfazem a questão sobre o que é ser jogador profissional de futebol, buscou-se em outras fontes as respostas. Primeiramente no convívio com os agentes do meio, tal como jogadores, torcedores, ex-atletas, dirigentes e profissionais ligados a departamento médico. Em segundo lugar, um empenho para buscar na história dos atletas e em suas concepções os parâmetros que utilizam para classificar uns aos outros como profissionais. Mais do que uma imersão psicológica em opiniões pessoais, trata-se de parâmetros concretos que são utilizados e reforçados por jogadores e também por gestores e treinadores. Esses últimos são os responsáveis pelo juízo final sobre as capacidades do jogador se tornar ou não um profissional.

Adota-se aqui a concepção de carreira como “sequência de movimentos de uma posição à outra, num sistema ocupacional, feitos por um indivíduo que opera naquele sistema [...]”

aqueles fatores dos quais depende a mobilidade de uma posição à outra” utilizada por Becker (1976). A partir desse ponto, o esforço se orientou pela identificação desses fatores.

Os atletas entrevistados passaram por categorias de base de diversos clubes até chegarem na ADC¹¹. Essas passagens variam entre dois meses e cinco anos em cada clube. Acumularam diferentes experiências e vivenciaram diferentes formas de jogar. Experiências essas que contribuíram para formar e reforçar valores, atitudes e uma linguagem própria na definição daquilo que precisavam desenvolver para se tornarem “jogadores de verdade”.

Figura 15: Exigências mais frequentes feitas por treinadores dos entrevistados.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir das entrevistas, 2020.

De todos os entrevistados, apenas um apontou o fator “habilidade” entre as três principais qualidades exigidas pelos diferentes treinadores com quem trabalharam. Contrastando com a ideia de que o futebol brasileiro detém uma singularidade e identidade própria na maneira de jogar, fundamentalmente ligada a “negritude” e miscigenação do povo brasileiro (GIL, 1994).

Os principais fatores apontados foram “Comprometimento profissional”, “Disciplina” e “psicológico forte”. Distante da magia do futebol brasileiro em campanhas publicitárias, as

¹¹ C.S. Sergipe (SE), AD. Confiança, E.C Bahia (BA), S.D. Juazeirense (BA), Estanciano E. C. (SE), SERP Rio Verde (GO), Ceará S.C (CE), Atlético de Alagoinhas (BA), S. C. Internacional (RS), C. D. Canindé (SE), E.C Noroeste (SP), Osvaldo Cruz F.C (SP), São Paulo F. C. (SP), S.E. Palmeiras (SP), E.C. Jacuipense (BA).

exigências aqui apresentadas apontam para uma dimensão comportamental dos atletas, em detrimento de domínio da técnica ou dos fundamentos do jogo.

Esse indicativo aponta para uma face de certa forma inovadora dentro do futebol. A “nova profissionalização” ou a “modernização” do futebol pressupõe uma dedicação dos atletas para seguir uma série de restrições com vistas a atingir um desempenho e rendimento aceitáveis. O vínculo trabalhista que obriga os clubes a estabelecerem contratos com cifras cada vez maiores, permite que os empregadores façam exigências também maiores. Esse lado das exigências pode ser ilustrado pela fala de um dos dirigentes da ADC.

G2: O fora de campo também, isso ai infelizmente hoje pesa na balança também. Apesar que a gente não pode também proibir um jogador da hora de lazer dele. [...] Mas também a gente exige o compromisso que ele tem que ter com o corpo. Futebol hoje, essa profissionalização hoje é compromisso. Antigamente, você ganhava pouco e se cobrava pouco. Muitos jogadores aí no passado, Romário, Edmundo... tinham seus momentos de craque, mas também tinha seus momentos de mídia. Que justamente a mídia negativa: noitada ... sempre aparecia. Hoje melhorou mais, mas sempre aparece. Ainda existe esses atletas que puxam pra esse lado antiprofissional. Se ele usa do corpo, ele tem que preocupar com o próprio corpo. Principalmente no descanso, na bebida e na alimentação. Então com isso a gente também pensa um pouco nesse lado.

Em ex-atletas que trabalham no meio futebolístico atualmente, a percepção é a mesma, sobre uma maior cobrança sobre o comportamento dos jogadores. A essa modernização, se incorpora a ideia que o jogo ficou “menos técnico”, e que outros fatores vêm sendo privilegiados na seleção dos jogadores.

G4: Mudou muito pouca coisa. Muito pouca coisa foi mudada. Em suma são as mesmas coisas. O futebol evoluiu, o futebol se profissionalizou apesar do nível técnico ter regredido, a organização e a profissionalização do futebol evoluiu muito. Então a forma de cobrança hoje com os atletas, mesmo na categoria sub-15, o grau de cobrança é muito próximo do profissional. Antes era mais light. Enxergavam muito o garoto de quinze e dezesseis anos como uma criança, e o cobrava dentro de uma medida... hoje não, hoje iniciou sua carreira profissional ele está sendo cobrado, está sendo colocado à prova na parte tática, na parte física, na parte psicológica. [...] Os que não acompanharem a evolução, o desenvolvimento... não assimilarem bem as cobranças, os ensinamentos, e colocar os ensinamentos em prática, vai ficando no caminho.

Essas percepções são construídas durante um longo processo de aprendizagem. Essa aprendizagem acontece em dois espaços privilegiados: na família, a partir de casos onde há

parentes ex-atletas; e nas categorias de base. No universo de dezoito atletas entrevistados, apenas em três casos não havia envolvimento de parente próximo com a carreira de futebol.

A família é, nesses casos, a principal via de acesso à construção desses parâmetros que determinam o sucesso profissional ou não. A partir das experiências bem-sucedidas ou fracassadas¹² de familiares, e a cobrança que esses exercem sobre os garotos que estão tentando construir uma carreira no futebol, esses ensinamentos são incorporados. Uma passagem exemplar de um atleta da categoria sub-20 que já assinou seu contrato profissional ajuda a pensar esse aspecto familiar:

E2: Meus tios eram Dragão. Principalmente quando a gente... foi que jogo? Foi aqui. Foi gravado, contra o Palestra. Eu dei três assistências, só que eu estava no banco. Tinha machucado o tornozelo no jogo passado. Aí eu acabei, tipo assim, deixando cair o rendimento. Querendo ou não eu estava inseguro por causa do pé. Aí meus tios tavam tudo ali, do meu lado... Eu tava ali no banco, tomei uma pressão, nossa... foi uma pressão que eu fiquei com vergonha. Até os caras acabaram me colocando e acabei resolvendo o negócio, porque se não, vei... Cheguei em casa, falei ‘e aí, gostou?’, e ele ‘você não fez mais que o necessário’. Falei ‘tá beleza’, né [...].

Essa dimensão familiar é uma aliada nos ensinamentos impostos pela base. A ideia de que o atleta deve ter um comportamento adequado no que se refere ao cuidado com o próprio corpo, e o respeito necessário para não desgastar sua própria imagem e a imagem do clube são repassados diariamente nos treinamentos e reiterados sempre que possível pelos treinadores. Daí vem a expressão de “comprometimento profissional”, que na verdade remete ao comportamento do jogador, sobretudo fora de campo, para garantir que o investimento feito em seus treinamentos e salários seja compensado. No fundo, o intuito é o máximo rendimento no treino e nos jogos.

O que permite a manutenção desse “comprometimento profissional” e da disciplina é o terceiro fator em ordem de importância: psicológico forte. Novamente, não se trata de critérios aleatórios, fruto de uma mera percepção individual. Tais critérios encontram correspondência nos parâmetros definidos por gestores e treinadores. São eles os responsáveis por decisões que envolvem contratações, promoções e permanência do atleta no clube. Conforme relata um dos treinadores que participa nas decisões sobre atletas da base que devem compor o time profissional:

¹² Ver a concepção de “fracasso” em Guedes, S. L. (1982).

T2: Hoje em dia tem muito jogador de futebol, o que é diferente de atleta. O cara que é atleta é o cara que se cuida, que sabe que depende do seu corpo, porque depende do corpo pra se tornar atleta. É um cara que não tem um tempo ruim pra ele, que ele vai estar trabalhando. O cara que se esforçar, dedicado, trabalhador, claro, tem que ter talento. Porém eu tenho muitos ex-atletas, muitos amigos na verdade, que não se tornaram um atleta profissional, porque tinha muito talento, porém não tinha essa questão da determinação, do empenho. Como que eu posso dizer? O cara não era centrado, não era focado, tinha o talento, mas não era focado. Não era compromissado. Então por isso que morreu no meio do caminho. Então, assim, a principal coisa: o cara ser atleta. O cara se dedicar e abdicar de muitas coisas. Porque ali é o objetivo dele. Então você tem que abdicar de várias coisas, tem que trabalhar.

Ter o “psicológico forte” ou “ter cabeça” permite ao atleta se concentrar em seus treinamentos e no seu processo de formação. Para isso, é desejável que ele “esqueça” determinadas coisas que podem confundir sua cabeça e atrapalhar seu caminho. Os principais erros cometidos por atletas que não tem esse foco são: escolhas profissionais equivocadas, motivadas por ofertas mais interessantes do ponto de vista financeiro, a curto prazo; envolvimento com festas e eventos públicos com frequência, deixando de lado a concentração nos treinamentos; práticas sexuais constantes com diferentes parceiras; e não monitoramento da alimentação e descanso, indispensáveis para a recuperação e evolução muscular após os treinos.

E5: Ter mais responsabilidades e dedicação.

E6: Comprometimento, foco e humildade.

E7: Ser jogador é ter comprometido com suas obrigações com seus afazeres. É ser atleta acima de tudo. É ter foco o tempo todo e abdicar de muitas coisas para poder ser um profissional de futebol (ele deve ter foco o tempo todo, tem que ter profissionalismo principalmente).

E8: Ser uma pessoa bem sucedida, humildade, comprometimento com os treinos, disciplina, entre outros.

E9: Ser jogador de futebol é trabalhar o tempo todo sem folga sem datas ser profissional de verdade, deve ter comprometimento e humildade.

O controle sobre o corpo e as atitudes dos atletas se dá no ambiente de jogo e treino, através da padronização e sincronização dos movimentos. E se dá também fora do campo de jogo, a partir de um constante monitoramento da conduta do atleta. Esses erros são determinantes para um fracasso profissional ligado ao futebol, principalmente se cometido por atletas das categorias de base. Considera-se que ainda não foi completada a formação desses jogadores, apesar do contrato. Por tanto, é crucial que eles mantenham sua conduta de acordo

com as exigências das posições mais altas na hierarquia do clube (treinadores, comissão e gestores):

G1: Então tem muitos jogadores... acontece muitos casos de jogadores que, tecnicamente, tem um perfil muito elevado, porém a gente conhece no dia a dia, a gente não enxerga ainda psicologicamente preparado para estar entre os profissionais. Por medo de duas coisas: ou ele não rende o suficiente, ou não estar maduro psicologicamente, ou se deslumbrar com oportunidade e se entregar a coisas que venham a prejudica-lo. Então a gente tem uma relação muito boa com o pessoal do departamento profissional, treinador sempre nos pergunta, sempre nos coloca à vontade para dar opinião sobre qual jogadores que a gente entende que está em condições no momento, e essa relação tem sido boa.

G3: Devido a essa condição financeira melhor, ele indo por caminhos que muitas das vezes não seria o momento que ele não deveria viver... coisas que ele não deveria viver naquele momento. Mas devido à condição financeira, acaba vivendo, e isso é um desastre na formação do atleta. Hoje se você pegar a seleção brasileira sub-17, jogadores com dezessete anos, são jogadores que já ganham salários de 20, 30, 40 mil. Já tem carros de último modelo. Já vive uma vida incompatível, no meu entendimento, com o momento de formação deles. Acabam, justamente voltando ao início do que conversamos, atropelando etapas. O garoto de dezessete anos hoje, já está com o carro do ano mesmo sem habilitação, porque tem um contrato profissional, já ganha 20, 30 mil, já está na noite, já está com as modelos mais bonitas, já está sem envolvendo com coisas que o atleta, normalmente no passado, se envolvia com 20, 21, 22... hoje já estão vivendo com 17, 18. Isso tem sido outro desastre, no meu entendimento, que precisa ser reparado no Brasil. E nós não estamos formando profissionais adequados para seguir uma vida saudável.

As falas a seguir demonstram essa preocupação com a dimensão comportamental e psicológica. Esses valores são aprendidos no meio futebolístico, a partir dos ensinamentos de familiares ex-jogadores, da convivência com os colegas, instruções dos treinadores e exigências dos gestores. Os jogadores incorporam esses valores, entretanto, mediante a experiência. Não se trata de um processo racional que o leva a conclusão lógica da validade ou legitimidade dessas suas obrigações. A partir de sua própria experiência, eles tendem a apontar uma melhora de rendimento ao fato de que permanecem focados e treinando. Em contrapartida, associam uma queda de rendimento às deficiências individuais e a falta de capacidade de colocar em prática essa disciplina do corpo e do comportamento.

E4: Empenho. Se você pôr na sua cabeça que você quer ser goleiro, que não é uma posição fácil. Pode ter certeza, porque... num momento você tá lá em cima, e num momento você vai pra um jogo mal, aí você pensa 'poxa, vacilei', fica triste e dá pra perceber até no treinamento. Mas é assim, se o cara tiver cabeça pode ter certeza que ele passa.

E18: O que todo mundo me fala... meu pai que vivenciou me fala, meu irmão que vivenciou me fala, é pra não estar dando muito vacilo. Não andando em festa, não tá bebendo. Fazendo coisas erradas. Apesar que eu faço... fazia coisas erradas, nas costas do meu pai e da minha mãe. Aí quando eu saí pra lá, que eu voltei e convivi esse tempo aqui, eu aprendi. Vi que era verdade o que eles me falavam. Vi que não adiantava estar com dois pensamentos: treino hoje, vou sair à noite, quando chegar no outro dia de novo não vai dar em nada. O rendimento vai ser o mesmo. Eu entendi, comecei a aprender. Graças a Deus saí... vai fazer um ano em Agosto, que eu dei um basta disso na minha vida. Foquei no trabalho, e graças a Deus desde que eu foquei agora, as coisas estão acontecendo.

Todos os entrevistados reconhecem a importância da base para o aprendizado desses fatores ligados às dimensões comportamentais e psicológicas. Um regime de treinos diários, regulamentação da alimentação e “sacrifícios” ajudam a concretizar esse entendimento. Os atletas que são do interior, ou que moram em bairros afastado da sede do clube, moram no alojamento da ADC. Quando os jogos acontecem em Aracaju, eles ficam confinados na concentração para o jogo. As viagens também os obrigam a passarem muito tempo juntos, chegando a passarem semanas fora de Aracaju para disputa de partidas. Para jogadores de outras cidades e estados, a visita dos pais está restrita a uma ou duas vezes por mês. Para o atleta do estado São Paulo, as visitas só ocorrem durante as férias, passando meses morando no alojamento do clube. O mesmo ocorre com os atletas que jogaram por times de outros estados antes de chegar à ADC.

A adaptação à rotina de treinos e ao convívio com os colegas é fundamental. Soma-se a isso as dificuldades referentes à ambientação em cidades diferentes. Em um caso (E9), foi relatada a desistência de integrar o time sub-17 do Avaí F.C. por dificuldades para se adaptar às temperaturas menores.

Cabe lembrar, para Gonçalves e Carvalho (2006), essas novas exigências comportamentais e administrativas são uma novidade desse processo de modernização do futebol. Tal conotação configura os interesses de patrocinadores e canais de televisão, cuja influência se acentua nesse processo. Esses interesses, de caráter financeiro, pressupõem uma cobrança relativo ao comprometimento dos jogadores. Os clubes, que dependem das receitas de transmissão e de patrocinadores, acatam esses critérios e incorporam em suas exigências. Um exemplo a nível mundial que pode ser dado desse fenômeno é o de Neymar Júnior, atacante do Paris Saint Germain (FRA) e da Seleção Brasileira, quando envolvido em um escândalo sexual, teve cobranças e ameaças de patrocinadores¹³.

¹³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/06/neymar-e-cobrado-por-patrocinadores-depois-de-acusacao-de-abuso-sexual.shtml>>. Acesso em: 16 de julho de 2019.

Essas cobranças que passaram a compor os critérios exigidos no futebol brasileiro de forma mais evidente são, também, observados nos atletas da ADC. Mais que isso, são adotados como parâmetros que influenciam diretamente na contratação de atletas e na avaliação de potenciais profissionais em formação.

Entretanto, as experiências nas categorias de bases não se resumem à formação moral dos atletas. Embora apareça de forma fragmentada nas falas, e não seja um dos três fatores mais importantes considerados pelos próprios jogadores, o domínio da expertise do jogador, tal como exigido a nível profissional, só pode ser aprendido nas categorias de base. Na várzea e em jogos informais de caráter recreativo, os conhecimentos sobre a forma específica de jogo competitivo a nível profissional não são observados. A diferença é marcante.

T1: Claro que tem os casos que o pessoal vai direto para o profissional, sai de uma equipe amadora e vai para o profissional. Mas casos assim, um em um milhão. Muito difícil. Então a categoria de base é, pra você formar o atleta. Pra você tirar o melhor dele, podar o que não tem de bom. Acho que é moldar um atleta, pra quando chegar no profissional mais preparado pra enfrentar as situações dos jogos, do dia-a-dia. Acho que é essa a questão. [...] O atleta saindo da base já vai vivenciando o dia-a-dia do clube. Ele vai ter menos dificuldade pra atender o que o treinador precisa. É por conta disso que a base tem o diferencial.

E17: Fundamentos básicos. Preparação do professor lá. Quando foi passar uma experiência pra mim, desde pequeno, coisa que você não aprende da rua. Na rua é só você entrar no campo e jogar. Na escolinha não, você entra na parte de aquecimento. Com isso aí você vai aprimorando mais.

Entretanto, mesmo ao nível das categorias de base, existe a percepção de que a forma do jogo sofreu mudanças. Uma crescente preocupação com a preparação física, que possibilita a execução de estratégias táticas focadas na velocidade e resistência dos atletas. O “futebol-arte”, que se confunde com malabarismo com a bola, eficiente contra equipes que se defendem de forma “passiva” é lentamente substituído por um estilo de jogo agressivo defensivamente, que oferece “pouco espaço para pensar e exige o máximo dos atletas” (E17).

Esse estilo de jogo representa uma maior cobrança por resultados positivos. As conquistas não são apenas motivadas pelo desejo de glória dos campeões, mas também porque são as conquistas que fazem entrar receitas para os clubes. Seja de forma direta, através de premiação, seja de forma indireta através das melhores proposta de patrocinadores interessados no aumento de visibilidade do clube. Em que medida ele pode ser observado no futebol sergipano?

E18: [...] aí depois eu saí daqui, e quando fui lá para a Jacuipense... o futebol na Bahia, querendo ou não, você pensa que porque é vizinho... mas é totalmente diferente. A pegada é outra. O treinamento... o método de treinamento, pelo menos do time que eu tava, do Jacuipense. Porque a Jacuipense, de base, é a terceira, depois de Bahia e Vitória, ela é considerada a terceira mais forte. E tipo, os caras eram muito sistematizados. A gente treinava de manhã, mas a gente treinava parecendo que era time grande. Porque os caras lá tem muito estudo. Gosta e conhece bastante. Os caras lá tem curso, tem estágio fora do Brasil. O treinador do profissional agora é Jonilson. Ele é tio de Dante¹⁴. Aí no tempo que o Dante estava lá no Bayern de Munique, os caras tudo faziam estágio lá. Aí os caras tudo lá... O time da Jacuipense, os caras tudo tocando bola. Uma coisa que aqui eu não convivia. Aqui eu convivia só, tipo... sub 15 os caras colocavam oq? Deixava rolar. Jogava a bola no meio e “joga”. Lá era pesado pra poxa. Porque lá, tipo assim, chegar lá e jogar a bola como aqui... era difícil. Todo dia tinha um trabalhozinho pra fazer. Todo dia um específico. Quando não era você sozinho, depois do treino, você fazia o seu específico. Mas antes tinha que fazer o específico do grupo. Um (campo) reduzido, um contra um, dois contra dois. Lá era pesado. E esse tempo que eu cheguei lá, eu me bati bastante porque não tive essa base. Mas só que agora, que eu voltei pra cá, os caras trouxeram, vieram novos profissionais pra cá, que já tão tendo isso que eu não tive. Ano passado entrou essa diretoria de agora, de Marcelo e esses caras. Mas antes de Marcelo tinha outros também. Quando eu cheguei aqui, eu vi que eu tava como eu treinava lá. Mas só que aí, em 2017 que eu fui, pra trás eu não tinha visto ainda.

O acompanhamento diário permitiu verificar a cobrança por esse novo estilo por treinadores das categorias sub-20 e profissional. Os novos jargões futebolísticos eram recorrentes nos treinamentos, e se misturavam com os antigos durante jogos e treinos. Termos como “intensidade”, “transição defensiva/ofensiva”, “marcação alta”, e “último terço do campo” são mais que modismos midiáticos de comentaristas esportivos. Traduzem inovações práticas nas técnicas de treinamento. Essas inovações reduzem as possibilidades de jogadas improvisadas. Elas representam um maior controle sobre as ações dos jogadores em campo e dinamiza a partida. Para muitos torcedores, essas novas estratégias representam a “decadência técnica” do futebol brasileiro, que se tornou extremamente “físico e burocrático”.

Então, é possível agora retomar os apontamentos do início do capítulo. Primeiro, que a dimensão formal, representada pelo contrato de trabalho, não é o suficiente para afirmar que o contrato define a profissão de jogador. Ou seja, existe uma outra dimensão a ser considerada, e a essa dimensão, cotidiana, que trata essa etapa do trabalho. Segundo, os fatores apreendidos na dimensão cotidiana são formulados pelos atores do meio futebolístico, e são apreendidos e

¹⁴ Zagueiro brasileiro que atua no Olympique Gymnaste Club (França). Passou por clubes como Nice (França), Bayern de Munique (Alemanha), Wolfsburg (Alemanha) e Seleção Brasileira.

reproduzidos através do convívio e da vivência com atletas mais velhos e, sobretudo, nos treinamentos diários. Terceiro: esses fatores não são fruto de uma socialização dos atores diretamente ligados ao jogo e os clubes, desconectados de outras esferas da sociedade. A modernização do futebol significa a imposição de novas exigências, novas formas de relação e novas formas de prática do esporte. Essas novidades estão ligadas à agentes que entram no jogo de forma mais acentuada, sobretudo a partir da década de 80 (emissoras de televisão e patrocinadores). Por último, essas novas exigências, fruto de um processo de modernização e mercantilização do futebol, que modificam os fatores que orientam os critérios de seleção de jogadores estão, ao menos em parte, presentes na ADC.

Mas ainda resta a pergunta: essa modernização - tratada por torcedor, jogadores e até por dirigentes como “profissionalização” – se além às regras de seleção de jogadores profissionais? A resposta é não. Como dito, existe também uma face econômica e financeira, que envolve grandes empresas e organizações em torno do futebol visto como um produto-espetáculo. Há, ainda, a face mediadora entre esses grandes grupos e os jogadores, que modifica a forma de gestão econômica e planejamento dos clubes. É a essa última face que tratará a sessão a seguir.

3.5 Diplomas para potencializar os não-diplomados

A ausência de diplomas que confirmam a um jogador de futebol um atestado legal e formal das suas capacidades profissionais, foi preciso buscar quais fatores delimitam os profissionais dos não profissionais. Entretanto, esse fato não nos furta de constatar a importância que os profissionais de nível superior exercem nesse processo de modernização.

A essas mudanças estão contidas um aumento no grau de especialização de funções dentro dos clubes. Cresce o entendimento no meio da importância de ser valer das conquistas científicas e acadêmicas para potencializar os rendimentos dos atletas. Atrelado a isso, um movimento de tecnologização na estrutura do clube. Esse movimento abarca as áreas médica, de comunicação e de treinamento.

Em Sergipe, essas mudanças são insipientes, entretanto observáveis. Existe uma diferença, nesse sentido, na adequação da ADC às novidades impostas em comparação com as demais equipes do Estado.

T1: De todos que eu passei, o Noroeste é o que mais se aproxima do Confiança. Porque o Confiança é o maior do estado, então vai dar uma

estrutura, um suporte maior pra gente trabalhar. Mas foi igual a gente conversou, o planejamento, hoje... nas equipes pequenas não tem. Todo mundo faz coisa em cima da hora, no improviso, fica muito deficitário. 'Ah, o cara vai ter uma estrutura'. Não tem, é muito difícil nas equipes pequenas, porque tudo envolve dinheiro. Então hoje o Noroeste, de Bauru, do interior e que está na terceira divisão do campeonato paulista, profissional. Tem uma estrutura legal. É o que chega mais próximo do Confiança, mas ainda... não. De todos que eu passei, a melhor estrutura, o melhor suporte pra gente trabalhar é aqui no Confiança.

O trecho foi retirado de uma entrevista com um dos treinadores do clube, com experiência em times do interior de São Paulo, Piauí e Sergipe. Ex-jogador, o técnico tem passagem por clubes dos estados de São Paulo, Mato Grosso e Rio de Janeiro, além de experiência em times dos Emirados Árabes Unidos. O próprio treinador é fruto dessa inovação incipiente em Sergipe. Dos treinadores e gestores entrevistados, apenas ele tem formação de nível superior. Tal formação contribuiu em sua profissão, segundo ele, “na atualização do que está acontecendo nas ciências do esporte e essa área”.

Embora os treinadores e gestores entrevistados não tenham, em sua maioria, diploma de nível superior, eles contam com experiência anterior no futebol. Esse parece ser, ainda, o principal recurso para os gestores e treinadores que trabalham com futebol em Sergipe. Apesar disso, é possível verificar uma realidade diferente em outras áreas.

G2: Eu comecei no futebol que a comissão era 5 pessoas. Hoje são 16. Antigamente era só um treinador, um preparador físico, um treinador de goleiro, um roupeiro e o massagista. Era isso aí a comissão. Hoje não, hoje você tem que ter dois auxiliares, tem que ter analista, tem que ter dois preparadores físico, um pra campo e um pra prevenção de lesão... hoje tem três fisioterapeutas, daí foi crescendo a comissão na modernização do futebol.

T2: Antigamente você fazia um *scalt* de jogos pra ver quanto jogos o atleta jogou, pra ver se ele tem condições de jogar... hoje você tem o exame de sangue. Que é simples assim, e em um dia você tem a ... o grau de lactato que tem, se ele pode atuar numa outra partida ou tem que nivelar o nível de treinamento. Então é uma forma totalmente positiva. É uma ciência que vem pra somar né.

O setor médico e a comissão técnica parecem ser as áreas que lideram essa modernização dentro do clube. Quando das visitas à sede e acompanhamento dos treinamentos, os atletas faziam os treinamentos de musculação em uma academia improvisada na garagem em meio aos carros. As salas de fisioterapias eram localizadas ao lado do campo, em salas pouco espaçosas e com poucos aparelhos. Embora o clube já contasse com dois fisioterapeutas,

o espaço destinado à recuperação dos atletas dispunha de aparelhos e macas antigas. Já no início de 2020, o clube inaugura seu novo centro de fisioterapia e academia (Figura X).

Essas mudanças estão limitadas pela capacidade financeira dos clubes. Em clubes que tem baixa receita, esse tipo de investimento é impraticável. Embora os gestores apontem para soluções alternativas, como parceria com universidades e institutos de pesquisa, continua sendo uma realidade distante para a grande maioria dos clubes no Brasil. Em Sergipe, esse cenário é observado e constatado como, por exemplo, pelas condições do campeão estadual sergipano de 2019, Frei Paulistano, que foi recém promovido para as primeira divisão do campeonato estadual. Acontecimentos como esse ajudam a reforçar a ideia de que, em Sergipe, o futebol não é profissional.

Figura 16: Nova sala de fisioterapia da ADC, no Estádio Proletário Sabino Ribeiro.

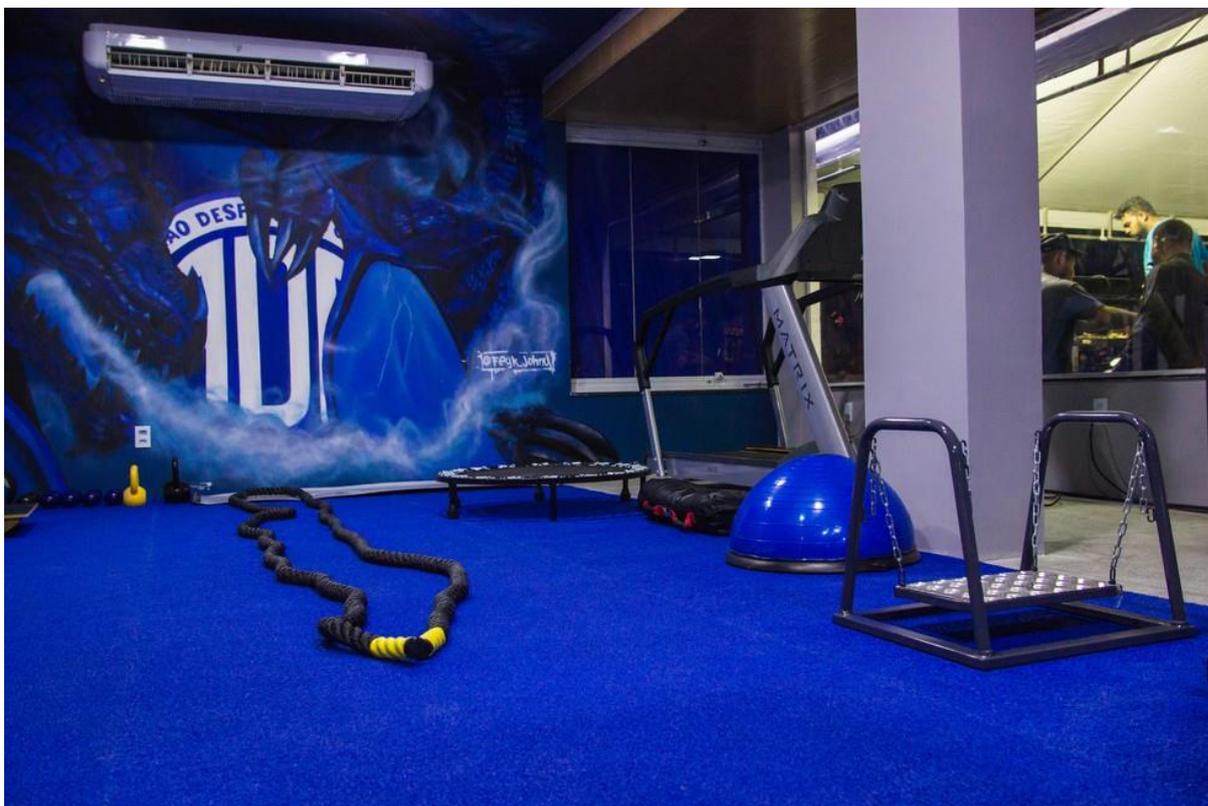


Foto: Felipe Rosendo/ADC.

Figura 17: Nova academia da ADC, no Estádio Proletário Sabino Ribeiro.

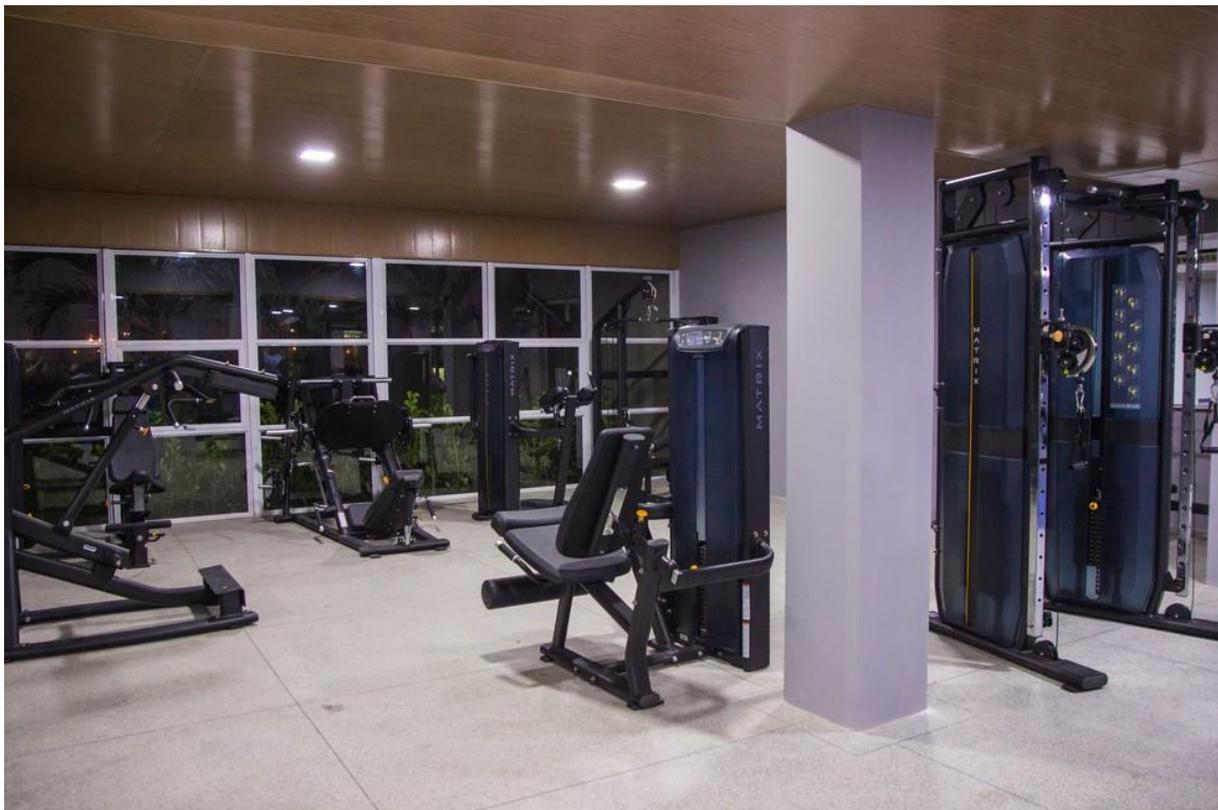


Foto: Felipe Rosendo/ADC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho se propôs a discutir um tema que não costuma ser tratado à luz da sociologia das profissões. É mais recorrente seu estudo através de trabalhos antropológicos, tomando o futebol como um traço cultural. Na sociologia, às análises mais frequentes partem de uma perspectiva marxista sobre o esporte, mercantilização e produção de mercadorias.

O trabalho é um desdobramento de pesquisas realizadas pelo Laboratório de Estudo do Poder e da Política de Sergipe (LEPP), nas quais examina a relação entre profissões e a política no estado. Quando o trabalho procura entender a profissionalização do futebol sergipano, ele compartilha da mesma ótica. Partindo da constatação que o surgimento da prática e dos primeiros clubes estavam associados à elite política e econômica no estado, fazia-se necessário a identificação dos personagens que estavam ligados aos marcos do futebol, desde seu início até a regulamentação da profissão de jogador, em 1960.

A primeira dificuldade que se impôs foi de ordem teórica: desenvolver uma pesquisa sobre um campo profissional esportivo no qual o próprio atleta não possui um diploma. Essa dificuldade exigiu lançar mão das contribuições teóricas e possibilidades empíricas dos interacionistas. A segunda dificuldade diz respeito à realização dos trabalhos de campo. Definidas as técnicas para obtenção dos dados, era preciso adentrar em um universo cercado por desconfiança e receio. Apesar disso, os resultados foram satisfatórios para que se pudesse tirar algumas conclusões, enumeradas a seguir.

1) Os principais clubes do estado têm suas origens localizadas nas camadas mais altas da sociedade. Isso significa dizer que estavam atrelados aos comportamentos, valores e dinâmicas políticas de grupos que protagonizaram os principais eventos políticos no estado durante a Primeira República. Embora pareça uma constatação óbvia, é necessário ressaltar que não se trata apenas de famílias que tinham condições econômicas favoráveis. Atrelar o esporte a esses grupos significou explorar as disputas políticas nos quais estiveram envolvidos: as alianças, os conflitos e as mudanças. Alguns dos atritos entre clubes e entre clubes e federação se deram por divergência políticas de seus líderes. Da mesma forma, havia uma batalha dentro do futebol pela legitimidade de representação, protagonizada pela LDS e a LSEA. Seus líderes eram aliados de grupos que, na esfera política, estavam em lados opostos nos movimentos da década de 1920. A relação, portanto, não era apenas com uma classe e suas posses, mas acima de tudo, com os valores e interesses desses grupos de elite.

2) Essa relação entre futebol, elites e política também é constatada naquilo que se chamou de clubes de fábrica ou clubes proletários. Embora os integrantes dos times e torcedores

não compartilhassem dos valores e *habitus* da elite ligada aos outros clubes, a origem dos times também é encontrada nas camadas dominantes. O que muda, fundamentalmente, é a população a qual o clube cria laços de identificação. Os clubes de fábrica são abraçados pelas populações dos bairros da zona norte da capital, preteridos dos projetos de modernização urbana em voga à época. Com uma população composta em grande parte por funcionários das fábricas, os moradores desses bairros acabavam gozando dos equipamentos urbanos e serviços que a fábrica ofertava aos operários.

A criação desse equipamento, exemplificada pela Vila Operária da Sergipe Industrial, foi fundamental para uma relação paternalista estabelecida entre os patrões (que eram também patronos dos clubes) e seus funcionários. Mas essa relação e identificação não eram o suficiente para modificar duas realidades: a primeira realidade consiste no poder que os patrões exerciam frente aos seus funcionários e os clubes; e a ligação desses patrões com as elites dominantes do estado e seus valores. Inclusive, essa condição de elite que permitiu a Joaquim Sabino Ribeiro e Thales Ferraz a formação necessária para administrar a fábrica e ter contato com os valores esportivos, e seus usos para melhora dos rendimentos advindos da indústria.

3) Apesar da regulamentação da profissão de jogador em 1933, a partir do Rio de Janeiro, e sua oficialização em 1960, a nível estadual e, ainda, em 1998 a partir da Lei Pelé, não é possível afirmar que um jogador profissional de futebol se caracterize pelo contrato. Para chegar a essa definição, além da observação da dimensão formal/estatal, é preciso adentrar às lógicas internas da comunidade profissional do futebol. Pois, mesmo após as regulamentações, era frequente a menção ao futebol sergipano como um futebol amador.

Para solucionar essa aparente contradição, foi preciso entender quais eram os fatores ou recursos que, dentro da comunidade, eram utilizados para definir se um jogador ou se as práticas organizacionais do futebol eram ou não profissionais. Isso levou à necessidade de entrada no campo e observação direta a partir do convívio em espaços geralmente restritos à população em geral e torcedores. Essa convivência, junto aos relatos e entrevistas coletados, forneceram indicativos consistentes para definição desses parâmetros que norteiam a noção interna de profissionalismo. Essa busca tem sido orientada pelo processo de modernização do futebol, e identificou nos clubes a influência desses processos, de caráter econômico, nas definições sobre o que vem a ser um futebol profissional, desde os jogadores até a gestão dos clubes.

Infelizmente, muitas questões importantes não foram contempladas pelo trabalho. Questões cujas respostas poderiam dar uma imagem mais abrangente sobre o futebol no estado. Pode-se citar, nesse sentido, a investigação mais aprofundada da situação dos outros clubes do estado e até que ponto essa modernização pode ou não ser observada; quais são e qual a real

influência dos agentes exteriores que pressionam os clubes para se adequarem aos novos padrões do “futebol moderno”? Além disso, qual o real impacto que a figura misteriosa e oculta do empresário dos jogadores tem na definição desses padrões? Como acessar esse agente que se esconde nas entrelinhas das falas dos atletas e que são quase invisíveis?

Essas lacunas representam limites desse trabalho, ao mesmo tempo que representam potencialidades para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

SITES

CBF

Ranking da CBF 2019: Palmeiras lidera lista; Cruzeiro é segundo. **CBF**, 05 de dez. de 2018. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro/palmeiras-assume-ponta-isolada-do-ranking-nacional-de-clubes-da-cbf/>>. Acesso em 30 de mar. de 2019.

Palmeiras e Cruzeiro lideram Ranking da CBF. **CBF**, 04 de dez. de 2017. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/index/ranking-da-cbf-2018-palmeiras-e-cruzeiro-lideram>>. Acesso em 30 de mar. de 2019.

Ranking da CBF atualizado: Grêmio é o novo líder. **CBF**, 12 de dez. de 2016. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/ranking-da-cbf-atualizado-gremio-e-o-novo-lider>>. Acesso em 30 de mar. de 2019.

Ranking da CBF atualizado: Corinthians é o líder. **CBF**, 08 de dez. de 2015. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/ranking-da-cbf-2016-corinthians-e-novo-lider>>. Acesso em 30 de mar. de 2019.

Cruzeiro lidera o Ranking Nacional de Clubes 2015. **CBF**, 08 de dez. de 2014. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/index/cruzeiro-lidera-o-ranking-nacional-de-clubes-2015>>. Acesso em 30 de mar. de 2019.

Sergipe, futebol e política: A ligação umbilical

Infonet

BARRETO, Luis Antônio. **Um jogo simbólico de cores - Cotinguiba é azul, Sergipe é vermelho**. Disponível em: <http://clientes.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=401&titulo=Artigos_Colaboradores>. Acesso em 15 de abril de 2019.

Jornal do Dia

MONTEIRO, Alceu. Sergipe, futebol e política: A ligação umbilical (2012). Disponível em: <https://www.jornaldodiase.com.br/noticias_1er.php?id=3136> Acesso em 15 de março de 2019.

Transfer Markt:

Associação Desportiva Confiança (SE). **Transfer Markt**, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.transfermarkt.pt/associacao-desportiva-confianca-se-/startseite/verein/3280>> Acesso em 30 de mar. de 2019.

Club Sportivo Sergipe (SE). **Transfer Markt**, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.transfermarkt.pt/club-sportivo-sergipe-se-/startseite/verein/7816>>. Acesso em 30 de mar. de 2019.

BIBLIOGRAFIA

ABERS, R., SERAFIM, L., TATAGIBA, L. Repertórios de Interação Estado-Sociedade em um Estado Heterogêneo: A Experiência na Era Lula. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 2, p. 325-357, 2014.

ANTUNES, F. M. R. Ferreira. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 102-109, jun./jul./ago. 1994.

BARBOSA, M. L. O. A Sociologia das Profissões: em Torno da Legitimidade de um Objeto. **BIB**, Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, n. 36, p. 3-30, 1993.

BAUER, M. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com textos, imagens e som: um Manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BECKER, H. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

BONELLI, M. G. As Ciências Sociais no Sistema Profissional Brasileiro. **BIB**, Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, n. 36, p. 31-61, 1993.

BONELLI, M. da G. O Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros e o Estado: a profissionalização no Brasil e os limites dos modelos centrados no mercado. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 39, p. 61-81, fev. 1999.

BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

BRATISIS P. A corrupção política na era do capitalismo transnacional. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 44, p. 21-42, 2017.

CALAZANS, J. O Almirante Amintas Jorge. **Revista da Academia Sergipana de Letras**, Sergipe, v. 1, n. 12, 1947

CALAZANS, R. C. M. **Arqueologia, gênero e memória do trabalho: as operárias têxteis da fábrica da Sergipe Industrial, Aracaju, século XIX-XX – Monografia (Bacharelado em Arqueologia) – Universidade federal de Sergipe**, 2013.

CORREIA, J. M. et al. A emergência e a disseminação do futebol na cidade de Rio Grande/RS: uma análise a partir do jornal Echodo Sul (1900-1916). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 42, e2007, 2020.

DAMATTA, R. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

DANTAS, J. I. C. **Os partidos políticos em Sergipe: 1889-1964**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

DANTAS, J. I. C. **Revolução de 1930 em Sergipe: dos tenentes aos coronéis**. 2. ed. Aracaju: -Editora UFS, 2013.

DANTAS, J. I. C. **História da Casa de Sergipe: os 100 anos do IHGSE 1912-2012**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2012.

DEZALAY, Yves. e GARTH, Bryant. A dolarização do conhecimento técnico profissional e do Estado: processos transnacionais e questões de legitimação na transformação do Estado, 1960-2000. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, n. 43, jun. 2000.

Dicionário Biográfico dos Desembargadores do Poder Judiciário de Sergipe (1892-2008). Memorial do Poder Judiciário de Sergipe, Sergipe, 2015

ELIAS, N; DUNNING, E. **A Busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional**. Lisboa: Difel, 1992.

FIGUEIREDO, P. **O (não) direito ao esporte e lazer e a mercantilização do futebol: Copa para quem?** Tese (Doutorado em Política Social) – Universidade de Brasília, 2017.

FILHO, V. **A História do Futebol Sergipano: a história completa desde 1907 a 1960**. Aracaju: Universidade Tiradentes – UNIT, 2014.

FLORES, L. F. B. N. Na Zona do Agrião. Sobre Algumas Mensagens Ideológicas do Futebol. In: **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

GIL, G. P. O drama do “Futebol-Arte”: o debate sobre a seleção nos anos 70. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 9, n. 25, p. 100-109, 1994.

GONÇALVES, J. C. S.; CARVALHO, C. A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 01-27, jun. 2006.

HAGUETTE, T. M. A entrevista. In: **Metodologia qualitativa na sociologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 81-86.

LARSON, Magali Sari'ati. **The Rise of Professionalism**. University of California Press, 1977.

LIMA, A; BOMFIM, F; MEDRADO, T. Profissões e Poder: Forma de Estruturação da Medicina em Sergipe (1850 – 1930). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS, 1., 2016, São Cristóvão. **Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS**. São Cristóvão: PPGS/UFS, 2016.

LOUREIRO, M. R. **Os economistas no governo: gestão, economia e democracia**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

LUCENA, R. de F. Jogo e esporte: uma conversa com Huizinga e Elias. **Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 18-27, jul/dez. 1998.

MANN, P. (1970) **Métodos de investigação sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar.

MEDRADO, T. **Institucionalização do TRE-SE: profissionalização da magistratura e padrões de recrutamento**. 2018. 47 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

MELO, R. O. L; SUBRINHO, J. M. P; FEITOSA, C. O. Indústria e desenvolvimento em Sergipe. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 40, n. 2, 2009.

NUNES, M. T. **História de Sergipe a partir de 1820**. Rio de Janeiro: Catedra, 1978.

PASSOS SUBRINHO, J. M. **Reordenamento do trabalho: trabalho escravo e trabalho livre no Nordeste açucareiro: Sergipe: 1850/1930**. Aracaju: FUNCAJU, 2000.

PEREIRA, L. A. M. **Footballmania: uma história social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. 1998.

PETRARCA, F. R. **O Jornalismo como Profissão: recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul**. 2007, 308f. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós Graduação em Sociologia, UFRGS, Porto Alegre.

PETRARCA, F. R. Entre jalecos, bisturis e a arte de fazer política. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p.573-591, abr.-jun. 2019.

PORTO, F. F. **Alguns nomes antigos do Aracaju**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2003. Acervo do IHSG.

PRONI, M. W. **A metamorfose do futebol**. Campinas: UNICAMP. IE, 2000.

RIBEIRO, S. D. D. **Da fábrica ao campo de futebol, vender tecido e vender espetáculo: tecendo os fios da história de um “Casamento Feliz”** – Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

RODRIGUES, F. A Sociologia das profissões e a sociologia do esporte: profissionalização e mercado de trabalho no futebol gaúcho. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26., 2002. **Anais ...Caxambu**, 2002.

RODRIGUES, F. X. F. **Formação do jogador de Futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)** – Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

SANTOS. A. F. Principais abordagens sociológicas para análise das profissões. **BIB**, São Paulo, n. 71, p. 25-43, 1º semestre de 2011.

SANTOS, H. S. Futebol e Cultura Popular em Salvador, 1905 – 1915. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA. 5., 2009, Salvador. **Trabalho apresentado no V ENECULT**. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2009.

SANTOS, W. E. M. **“O paraíso termina quando o trabalho começa”**: cotidiano operário e poder disciplinar na fábrica têxtil confiança (sergipe, 1943-1957) – Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2014

TOLEDO, L. H. Futebol e Teoria Social: Aspectos da Produção Científica Brasileira (1982-2002). **BIB**, São Paulo, n. 52, 2º semestre de 2001, p. 133-165.